

LEIA O LIVRO. SIGA AS PISTAS. VENÇA O JOGO

INFINITY RING™



LIVRO 5

A CAVERNA DAS MARAVILHAS

MATTHEW J. KIRBY

SEQUINT&

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





LIVRO 5
**A CAVERNA
DAS MARAVILHAS**

MATTHEW J. KIRBY

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

SÉQUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

*Para todos aqueles que ensinam e estudam história,
meu agradecimento*

*Você já viu em algum canto do mundo
uma cidade como Bagdá?*
Umara ibn Aqil, poeta do século IX

Caravanas e camelos

O VENTO DO DESERTO UIVAVA AO REDOR DELES, agitando a superfície da areia. Dak protegeu os olhos com a mão e puxou a camiseta sobre a boca para conseguir respirar. Sera e Riq fizeram o mesmo. Eles estavam no meio de uma trilha empoeirada e haviam acabado de chegar da Grande Muralha da China, na época da dinastia Ming. Para Dak, a desorientação estonteante de ter o corpo realocado no tempo e no espaço ainda não desaparecera totalmente... nem sua empolgação.

— Onde estamos? — ele perguntou.

Era a décima segunda viagem no tempo que eles faziam. A essa altura, Dak já devia estar acostumado, mas sempre ficava animadíssimo com essa pergunta.

Onde estamos?

O que eles veriam e fariam ali? Quem iriam conhecer? Até então, já haviam encontrado Cristóvão Colombo, vikings, o rei Luís com seu delicioso queijo grudento, Harriet Tubman, os antigos maias. Pessoas e culturas que, antes, Dak só conhecia dos livros.

Sera deu uma olhada no Anel do Infinito e o guardou de volta na bolsa.

— As coordenadas estão certas. Devemos estar nos arredores da cidade de Bagdá, em 27 de janeiro de 1258.

— Legal! — Dak comentou e sacou o SQuare. — Vamos descobrir qual é a Fratura que viemos corrigir.

— Espera aí — pediu Riq, tossindo. — Vamos sair desse vento primeiro. Essa areia toda pode danificar o aparelho.

— Ah. Tudo bem. — Dak olhou ao redor e se deu conta de que acabara de concordar com uma sugestão de Riq sem nenhuma discussão ou ironia. Sera devia estar orgulhosa. Ele se virou para a amiga. — Aposto que você está feliz em saber que o SQuare está bem guardadinho dentro da minha calça, não?

Sera revirou os olhos.

— Que direção devemos seguir?

— Acho que tem alguma coisa pra lá — apontou Riq.

Os três deram uma olhada na trilha, fazendo esforço para enxergar em meio à areia levantada pelo vento. Enquanto Dak tentava decidir o melhor jeito de tirar sarro de Riq naquele momento, ouviu-se um grunhido terrível logo atrás deles.

Os três se viraram e deram de cara com o focinho protuberante, os dentes enormes e os lábios molengas de um camelo.

O homem que conduzia o animal brandiu o punho para eles, gritando em um idioma desconhecido para Dak. Ele usava uma túnica longa e um turbante.

— É árabe — sussurrou Riq.

Dak e Sera inclinaram a cabeça ao mesmo tempo, quando seus dispositivos de tradução começaram a funcionar.

O homem jogou os braços para cima.

— Vocês são surdos? Saiam já do caminho!

O camelo bufou para eles de novo, cuspe jorrando de sua boca. Seu hálito tinha um cheiro forte, e não no bom sentido da palavra, como no caso dos queijos. No *pior* sentido possível. Sera tapou o nariz enquanto Riq os empurrava para fora do caminho. O camelo passou, e atrás dele vieram outros. Muitos outros. A maioria dos animais carregava no lombo sacos e trouxas enormes.

Era uma caravana. Com camelos de verdade! Quando os viu, uma porção de fatos veio à mente de Dak. Era assim que acontecia. Como bolhas emergindo em um copo de refrigerante, ou então como um arrote. As informações simplesmente surgiam, e ele não conseguia ficar quieto, ainda que acabasse irritando a maioria das pessoas.

— Essas trouxas devem estar cheias de especiarias, tecidos, incensos e coisas do tipo. Bagdá fazia parte da Rota da Seda e...

— Dak! — Sera e Riq disseram ao mesmo tempo.

Ele se contorceu todo por dentro, tentando se controlar. Era sempre assim.

— Foi mal — ele falou, encolhendo os ombros. — Pelo menos agora sabemos para que lado fica a cidade. É para lá que a caravana deve estar indo.

Sera e Riq assentiram. Eles partiram atrás da caravana, seguindo o rastro dos camelos fedorentos em meio ao vento do deserto.



Sera e Riq não disseram muita coisa no caminho. Dak estava acostumado a não conversar muito com Riq. A relação entre eles melhorara um pouco depois de corrigirem algumas fraturas juntos, mas isso não significava que Dak considerasse sua presença menos irritante. Portanto, ele não achou ruim que o outro estivesse calado.

Quanto a Sera...

O silêncio dela era preocupante. Dak costumava quase ler os pensamentos de Sera, e vice-versa. Ultimamente, no entanto, ela parecia um tanto distante, e ele não fazia a menor ideia do que se passava na cabeça dela. Alguma coisa havia acontecido, e ela se recusava a conversar a respeito. Dak tinha certeza disso, mas não sabia o que poderia ser, e isso o aborrecia.

A presença dos três não chamou muito a atenção dos demais viajantes. Dak imaginou que era porque ainda usavam roupas típicas da China, que também fazia parte da Rota da Seda. O pessoal dali devia estar acostumado a ver gente com roupas chinesas. Pela primeira vez, Dak, Sera e Riq não pareciam tão deslocados no tempo ou no espaço. Outro motivo de satisfação

para Dak era o fato de aquelas roupas serem relativamente grossas e quentes. Era inverno e, para sua surpresa, o deserto era um lugar bem gelado.

No fim das contas, Bagdá ficava a pouco mais de um quilômetro de distância e não demorou muito para surgir em meio à poeira. O vento diminuiu quando eles chegaram às cercanias da cidade, onde até havia algumas construções de pedra, mas a maior parte era feita de tijolos de barro. Eles atravessaram uma série de canais e passaram por casas de paredes grossas, portas baixas e janelas estreitas, uma configuração perfeita para aquele tipo de clima. Viram também praças públicas, onde as pessoas se reuniam ao redor dos poços e sob a sombra de palmeiras.

Logo à frente, erguiam-se as muralhas da cidade, altas e imponentes, fazendo-a parecer, na visão de Dak, um enorme castelo de areia.

Outras informações começaram a borbulhar em sua cabeça.

— Bagdá foi construída não muito longe de onde ficava a antiga Babilônia e se tornou um dos maiores centros culturais do mundo, com bibliotecas enormes que guardavam milhares de livros. Esta época foi a Era de Ouro do Oriente Médio, enquanto a Europa estava mergulhada na Idade das Trevas.

Riq se virou para encará-lo. Dak continuou falando antes que fosse interrompido:

— Estudiosos e filósofos do mundo inteiro migravam para cá e trabalhavam lado a lado, sem se importar com origem ou religião. O mais importante de tudo era o conhecimento.

Riq ainda o encarava. Dak esperava alguma piadinha e já estava se preparando para responder à altura. Mas o outro não disse nada do tipo. Simplesmente... continuou encarando.

— Que foi? — perguntou Dak.

Riq sacudiu a cabeça.

— Não consigo entender por que você gosta tanto assim de história.

Aquilo, sim, pegou Dak de surpresa. Como alguém poderia *não* gostar de história? Os outros é que eram esquisitos, não ele. Isso incluía Riq e até mesmo Sera. Por outro lado, Dak também não entendia por que Riq gostava tanto de estudar idiomas, ou por que Sera se interessava tanto por matemática e ciência. Sendo assim, de fato, *por que* Dak gostava tanto de história? Ele percebeu que aquela pergunta não tinha uma resposta pronta.

Em pouco tempo chegaram ao portão da cidade, onde caravanas e viajantes se aglomeravam, cercando Dak por todos os lados. Ele ouviu alguém se referir àquele lugar como portão Khurâsân. Só depois de se misturar à multidão, Dak notou a presença de guardas com elmos e espadas. Eles cobravam pedágio de todos que entravam na cidade.

— Hã, pessoal? — Dak se deteve onde estava.

— O que vamos fazer? — perguntou Sera. Ela também tinha percebido aquele detalhe. — Não temos dinheiro.

Antes que pudessem pensar em algo, porém, a multidão os empurrou para a frente. Dak olhou desesperadamente ao redor, mas não tinha como escapar. Eles estavam no meio do fluxo de pessoas em direção à cidade, e a cada instante se aproximavam mais dos guardas do portão.

— É só agir naturalmente — sussurrou Riq. — Nós já passamos por situações muito piores. Quanto a isso ele tinha razão. Dak respirou fundo.

Eles se misturaram à caravana com a qual haviam cruzado na trilha, e logo já estavam quase ao lado da cabine dos guardas. O líder da caravana, o homem que gritara com eles mais cedo, desceu do camelo e foi pagar o pedágio do grupo.

— Tive uma ideia — anunciou Riq, dando um passo à frente. — Venham comigo. E não se afastem!

Dak e Sera se entreolharam, e depois seguiram Riq. Ele os conduziu até onde estavam os camelos, em meio a outros integrantes da caravana. Tentar se camuflar ali no meio parecia um bom plano, mas Dak acabou bem ao lado do traseiro de um camelo, com a cauda do animal se sacudindo e atingindo seu rosto. Para completar, o cheiro era ainda pior do que o da outra extremidade do bicho.

— Tomara que a gente não precise ficar muito tempo aqui! — resmungou.

Sera e Riq tiveram que segurar o riso.

Um dos homens montados em camelos notou a presença deles ali e fez cara feia.

Riq encolheu os ombros, fazendo-se de inocente.

— Sinto muito. As coisas estão movimentadas hoje no portão Khurâsân.

O homem soltou um risinho de deboche.

Depois disso, os três baixaram a cabeça e ficaram quietos. Quando a caravana começou a se mover, eles foram junto, fazendo de tudo para passar despercebidos. Dak arriscou uma olhadela para os guardas, mas eles já estavam ocupados com os viajantes que vinham em seguida.

— Funcionou! — murmurou Dak.

— Claro que funcionou — disse Riq, e Dak se arrependeu de ter aberto a boca.

Eles passaram pelas sombras dos grandes arcos do portão e cruzaram a muralha da cidade, entrando em uma rua movimentada onde foram recebidos por uma mistura de imagens, cheiros e sons. Prédios de vários andares se erguiam de ambos os lados, com dezenas de barracas e toldos de lona a seus pés. Lojistas e vendedores ambulantes gritavam seus pregões:

— As tâmaras mais doces do mundo!

— Azeitonas! Azeitonas grandes e suculentas!

— Venham ver a seda mais fina que se pode encontrar de Samarcanda até Damasco!

— O lápis-lazúli e o jaspé mais brilhantes que você já viu!

O cheiro forte das especiarias invadiu as narinas de Dak, misturado com o da fumaça, dos camelos e de outras coisas que ele não conseguia identificar. Era realmente impressionante. Ele se sentia o próprio Aladim, como se a qualquer momento fosse encontrar uma lâmpada mágica habitada por um gênio.

— Uau! — comentou Sera. — Muito bem. Agora vamos encontrar um lugar tranquilo para consultar o SQuare.

— Ei, vocês!

Eles se viraram e viram um guarda caminhando naquela direção.

E estava apontando para eles.

— Vocês três! Parados aí!

— Ah, não! — disse Dak.

O enigma da caverna

O GUARDA ESTAVA COM A MÃO SOBRE O CABO DA ESPADA, que trazia embainhada na cintura.

— Vocês pagaram o pedágio?

— Nós viemos com a caravana que acabou de passar.

Riq tentou parecer o mais confiante possível. Graças ao seu conhecimento de idiomas estrangeiros, ele era sempre o porta-voz do grupo. *E, sinceramente*, ele pensou, olhando para os outros dois, *sorte nossa que seja assim*.

— O líder da caravana pagou a nossa parte.

O guarda os encarou de cima a baixo, com toda a atenção.

— Eles vieram de Medina. Por que vocês estão usando roupas chinesas?

— Nós viemos da China e nos juntamos à caravana no meio do caminho.

O guarda não parecia acreditar naquela história. Ele continuava intrigado com a aparência dos três.

— Vocês são jovens demais para trabalhar nas caravanas.

Por um momento, Riq temeu que o homem fosse um Guardião do Tempo, um agente da SQ disfarçado à procura de viajantes do tempo, e seu coração disparou. No entanto, ele fez de tudo para esconder seu nervosismo e disse a si mesmo que devia deixar de ser paranoico.

— Nós... hã, estamos acompanhando nossos pais.

O guarda estreitou os olhos.

— É verdade — disse Dak. — Eles são comerciantes de seda.

— E devem estar nos esperando — completou Sera.

O guarda largou o cabo da espada.

— Tudo bem. Circulando, então.

Os três assentiram e seguiram em frente. Enquanto caminhavam pela rua, Riq sentia o olhar do guarda ainda sobre eles, pesando em sua nuca.

— Ele ainda está de olho em nós, não é? — Sera perguntou.

Riq olhou por cima do ombro.

— Está. Continuem andando.

— Você acha que ele é um Guardião do Tempo? — perguntou Dak.

Riq sacudiu a cabeça.

— Não dá para ficar pensando que todo mundo que olha feio para a gente seja um Guardião do Tempo. As pessoas fazem isso o tempo todo.

Dak olhou para suas roupas de chinês.

— Acho que trocar de roupa iria ajudar. A boa notícia é que nesta época Bagdá era uma cidade cosmopolita. Afinal de contas, fazia parte da Rota da Seda.

— Rota da Seda? — repetiu Sera.

— Eu já falei isso antes! Era uma rota comercial que ia do Mediterrâneo até a China. Ou seja, Bagdá recebia gente de todas as partes do mundo. Não precisamos fingir que somos habitantes locais, é só tentar parecer menos... exóticos.

Sera deu uma olhada ao redor.

— Precisamos consultar o SQuare antes de pensar nas roupas. A primeira coisa a fazer é identificar a Fratura.

— Ah, é. — Dak apontou para um beco. — Que tal ali?

Riq fez que sim com a cabeça.

— Acho que serve.

Os três atravessaram a rua movimentada em direção ao beco. Era estreito, escuro e, fora uns poucos cestos espalhados, estava vazio. Dak tirou o SQuare de dentro da calça e Riq esperou que Sera fizesse algum comentário sobre como aquilo era nojento, mas ela se limitou a arrancar o dispositivo das mãos do amigo sem dizer nada. Sera estava muito diferente. Talvez fosse algo relacionado às Reminiscências, sensações estranhas e falsas lembranças que vinham como ondas... e sugeriam que alguma coisa não tinha acontecido como deveria.

— Vamos lá.

Ela ligou o SQuare e olhou para a tela.

Riq esperou que ela dissesse o que via. Em geral era algum enigma usando a Arte da Memória, ou então uma mensagem codificada para proteger as poucas informações que os Guardiões da História conseguiram inserir no dispositivo.

— Escutem só.

Sera começou a ler em voz alta:

Para a herança de Aristóteles descobrir

É preciso dizer as palavras e a caverna abrir.

Lá dentro há um tesouro precioso e rico em fulgor

Jóias do conhecimento, a história em seu resplendor.

O SQuare emitiu um sinal sonoro e uma caixa de diálogo em branco apareceu.

— Que estranho — Sera comentou, franzindo a testa. — Parece que precisamos digitar uma senha.

— Para quê? — questionou Dak.

Riq olhou por cima do ombro de Sera.

— Tenta pôr “senha”. Da outra vez funcionou.

— Espera aí — Dak pôs a mão na frente da tela. — Tem alguma coisa dizendo que o aparelho vai explodir se digitarmos a palavra errada?

— Não. — Sera digitou. — Muito bem, “senha” não funcionou. Alguma outra ideia?

Riq não tinha nada em mente. Mas o enigma dizia algo a respeito de história, que era o

território de Dak. Aquele garoto podia ser bem irritante, mas de vez em quando seus falatórios inconvenientes e intermináveis serviam para alguma coisa.

— Vamos ver o que Dak consegue fazer.

Dak concordou com a cabeça.

— Me deixem dar uma olhada.

Sera entregou o SQuare. Dak leu o enigma outra vez, e não demorou muito para Riq perceber sua empolgação. Quando falava sobre história, ele meio que começava a saltitar.

— Muito bem. Aristóteles — começou Dak. — Foi ele quem criou o grupo dos Guardiões da História, no ano 336 antes de Cristo. Seus escritos ajudaram a descobrir a existência de Grandes Fraturas na história. Pode ser isso o que o enigma chama de “herança” de Aristóteles. Ou então pode ser uma referência à influência de Aristóteles sobre os grandes pensadores da Europa durante o Renascimento.

Riq soltou um suspiro. Garimpar tantos fatos em busca de alguma coisa útil era um processo demorado.

— Legal, Dak. Que mais?

— Bom, aqui diz: “É preciso dizer as palavras e a caverna abrir”. Nós estamos em *Bagdá*. Esse verso do enigma pode ser uma referência à história de Ali Babá, a qual, aliás, muitos dizem que não fazia parte dos contos originais de *As mil e uma noites*. O mesmo vale para “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, que originalmente era ambientado na China. Mas tem a ver com o “tesouro precioso e rico em fulgor”. Só não sei o que podem ser essas “joias do conhecimento”. — Ele bateu o dedo no queixo. — Tenho um palpite.

— Qual? — Riq quis saber.

— “Abre-te sésamo.”

Sera ergueu uma das sobrancelhas.

— Na verdade, isso faz sentido, considerando a caverna e tudo mais.

Dak assentiu e digitou as palavras. A tela do SQuare se acendeu, e outra coisa surgiu.

— Pessoal? — Dak mostrou a tela do dispositivo. — Deem só uma olhada!

Arin Cole apareceu na tela. Ela era uma das colegas de Riq na sede dos Guardiões da História, a que tentou inserir às pressas no SQuare todas as informações necessárias sobre as Grandes Fraturas. Era um vídeo, gravado momentos antes da invasão do quartel-general. Arin parecia estressada, como sempre. Na verdade, mais estressada do que nunca.

— O-olá — ela falou. — Dak, Sera e o restante de nossa equipe.

Ao olhar para ela e relembrar os tempos de QG, Riq se deu conta do quanto havia amadurecido como Guardião da História, de quantas coisas abrira mão em nome da missão.

Kisa. Sua primeira amiga de verdade, a garota que ele deixara para trás na época dos maias. A menina que se tornou a primeira Guardiã da História nas Américas. Riq sentia falta dela. Quando pensou em Kisa, foi invadido por uma dor e uma saudade muito diferentes das Reminiscências, e precisou respirar fundo para se concentrar na gravação.

— Se estiverem vendo isto — continuou Arin —, é porque chegaram à Grande Fratura de Bagdá, em 1258.

Riq, Sera e Dak se entreolharam. Era verdade. Eles estavam no lugar certo. Até ali, a

missão estava cumprida.

— Essa é a boa notícia. — Arin suspirou. — Agora vamos à notícia ruim. Em dois dias os mongóis, sob a liderança de Hulagu Khan, neto de Gengis Khan, vão saquear Bagdá. A cidade será dizimada.

Aquela era *mesmo* uma notícia ruim. Riq se lembrou de Paris, quando os vikings fizeram um cerco à cidade, e não gostou nada de saber que passaria por aquilo de novo.

— Durante a invasão da cidade, centenas de milhares de livros serão destruídos, inclusive os que estão na Casa da Sabedoria.

— O que é a Casa da Sabedoria? — perguntou Riq.

Dak se empertigou todo.

— Ah! A Casa da Sabedoria...

— Shh! — Sera olhou feio para os dois. — Querem me deixar ouvir?

— A Casa da Sabedoria — informou Arin — continha em sua biblioteca muitos livros do nosso fundador, Aristóteles. Os mongóis vão esvaziar a biblioteca e atirar todos os volumes no rio Tigre. Entre os livros destruídos estava um volume da pesquisa de Aristóteles sobre as Grandes Fraturas. Mais especificamente, uma pesquisa a respeito da primeira Grande Fratura ou, para vocês, a *última* Grande Fratura. Sua missão final.

Riq se inclinou para perto do dispositivo. Se os Guardiões da História não tinham esse livro sobre a última Grande Fratura...

Sera sacudiu a cabeça.

— Mas se o livro foi perdido...?

— Shh! — repreendeu Riq.

— Sem esse livro — revelou Arin — a primeira e importantíssima Grande Fratura, a Fratura Fundamental, não poderá ser corrigida, e a missão inteira estará condenada ao fracasso. Novas Fraturas vão começar a ocorrer, mais rápido do que poderíamos dar conta. A Terra será destruída pelo Cataclismo. Nós, Guardiões da História, sempre soubemos que chegaria o momento de resgatar esse conhecimento sobre a Fratura Fundamental.

— Que ótimo — comentou Dak. — Ainda bem que não estão pressionando a gente.

— Shh! — Riq e Sera fizeram ao mesmo tempo.

— Sua tarefa — informou Arin — é salvar a biblioteca da Casa da Sabedoria, e junto com ela os escritos de Aristóteles. É a única maneira de salvar o mundo.

Arin deu um passo para o lado, e Brint e Mari apareceram na tela. Riq não os via desde o ataque da SQ ao quartel-general, antes de saírem para corrigir a primeira Fratura, salvando Cristóvão Colombo de um motim.

— Nós queremos expressar nossa gratidão e admiração — disse Brint. — Se chegaram até aqui, significa que já corrigiram oito Fraturas. Mais algumas e vocês chegarão à Fratura Fundamental.

Oito Fraturas tinham sido corrigidas. Restavam apenas mais algumas. Quando pensou nisso, Riq temeu pelo que poderia acontecer depois. Ele sabia que havia bagunçado a própria árvore genealógica em 1850. E tecnicamente nem tinha certeza de que continuava existindo...

E o fato de as pessoas no vídeo, gente que ele conhecia desde sempre, não o chamarem pelo nome não ajudava muito. No entanto, Riq tranquilizou a si mesmo lembrando que só se juntara à missão de Dak e Sera no último instante.

Foi Mari quem falou em seguida:

— Depois de corrigirem a Fratura de Bagdá e conseguirem informações sobre a Fratura Fundamental, vocês vão enfrentar a parte mais perigosa da missão até agora.

Mais perigosa que uma invasão dos mongóis? Riq ficou paralisado, à espera do que Mari diria a seguir. E, ao que parecia, Sera e Dak também ficaram.

— O SQuare de vocês não tem nenhuma informação sobre a Fratura Fundamental — explicou Mari — porque nós não tínhamos nenhuma quando o configuramos. Caso vocês consigam corrigir a Fratura de Bagdá, teremos essas informações no presente. Isso significa que vocês deverão voltar em algum momento para buscar um novo SQuare.

O corpo de Riq tremeu inteiro, como se ele tivesse saído de pijama no meio da neve. Como todos os Guardiões da História sabiam muito bem, depois que eles entraram na corrente do tempo, seria perigoso demais voltar ao presente antes de corrigir todas as Fraturas. Era impossível prever o que poderia acontecer. Paradoxos. Buracos no tecido da realidade. O fim do Universo. Mas Riq tinha algo mais a temer.

— Nós sabemos que é perigoso — afirmou Mari.

Você não faz ideia, ele pensou. Caso voltasse ao futuro *naquele momento*, Riq poderia deixar de existir.

— Mas precisamos assumir o risco — falou Brint. — Não temos escolha. Com sorte, a essa altura, a história já deve ter voltado ao rumo pelo menos a ponto de evitar os eventuais paradoxos.

Riq engoliu em seco. *E se não tiver?*

— Boa sorte — desejou Mari. — E uma última coisa. Arin?

— Ainda tem *mais?* — Dak jogou as mãos para o alto. — Só isso já não basta?!

Mari e Brint saíram do enquadramento, e Arin apareceu de novo, com os braços carregados de papéis.

— É mesmo. — Ela arrumou os óculos. — Perdão. Eu pesquisei um bocado. De verdade, vocês não fazem ideia. Se vocês vissem a montanha de pergaminhos que eu...

— Arin — era a voz de Mari, fora do quadro —, é melhor você ir direto ao ponto.

— Certo. — Arin limpou a garganta. — Infelizmente, nós não fazemos ideia de quem seja o Guardião da História de Bagdá. Vocês estão sozinhos nessa.

Nas ruas de Bagdá

A TELA FICOU PRETA. Sera encarou o dispositivo. A mensagem de Arin não poderia ter sido pior. De todos eles, ela era a única que tinha *presenciado* o Cataclismo. Ela testemunhara em primeira mão o que aconteceria caso eles fracassassem. E também vira um pai e uma mãe que não passavam de Reminiscências antes da missão. Antes que o passado fosse alterado. Agora eles existiam, mas morreriam na inundação. Seriam arrancados de Sera no exato momento em que ela os conhecesse.

Mas e se ela voltasse ao futuro para buscar um novo SQuare, eles estariam por lá? Conseguiria encontrá-los?

— Então vamos lá — disse Dak. — Temos um Guardiã da História para encontrar. Aposto que ele está na Casa da Sabedoria, perto dos livros de Aristóteles, vocês não acham?

Como Dak era capaz de seguir em frente com tanta calma? Ele não entendia o que estava acontecendo? A irritação tomou conta de Sera.

— Como você sabe que o Guardiã da História é um *homem* e não uma *mulher*, Dak? Hein? Por que você foi logo presumindo isso?

Dak encolheu os ombros e baixou a cabeça.

— Sei lá. Por que você está falando assim? Aliás, por que vocês estão esquisitos?

— Não é nada — os outros dois responderam ao mesmo tempo.

Sera olhou para Riq. Ele franzira a testa, preocupado. Quando retribuiu seu olhar, ela notou que a mensagem de Arin o afetara também. Talvez tivesse algo a ver com as Reminiscências. Sera sabia que Riq também sofria por causa disso. Eles já tinham conversado a respeito.

— Tudo bem — disse Dak. — Não precisam contar.

— Ah, pelo amor — respondeu Sera. — Pode parar com isso, tá bom? — De fato, talvez fosse melhor seguir em frente e não pensar em mais nada. Esquecer o Cataclismo e se concentrar na missão: a Fratura importantíssima da qual todo o resto dependia. Sera suspirou. — A Casa da Sabedoria parece ser um bom lugar para começarmos. Você não acha, Riq?

— Acho — ele respondeu baixinho. — É uma boa ideia.

— Bom... — Dak ficou olhando para os dois. — Então tá.

Sera guardou o SQuare. Eles voltaram para a rua principal e seu fluxo aparentemente interminável de pedestres e camelos. Ela era obrigada a admitir que estar ali era emocionante, e bem parecido com o que achou que seria. A não ser pelo barulho, que era muito mais alto do que imaginava.

— Certo — disse Riq. — Precisamos de direções.

Ele parou uma pessoa e perguntou onde ficava a Casa da Sabedoria. O homem gesticulou, apontando para um lado e para o outro. Sera não conseguiu ouvi-lo direito e torceu para que Riq tivesse entendido.

Riq agradeceu e depois falou:

— Vamos lá. Fica do outro lado da cidade. Nós podemos procurar roupas no caminho.

Roupas. Sera olhou ao redor para tentar descobrir o que meninas e mulheres usavam por ali, mas logo se deu conta de que havia muito mais homens do que mulheres na rua. Todos eles pareciam se vestir da mesma maneira: camadas de tecidos de diferentes padrões e cores, túnicas largas com mangas, e a maioria usava algum tipo de turbante. As coisas seriam mais fáceis para Dak e Riq do que para Sera. As mulheres exibiam uma variedade de modelos muito maior. Alguns vestidos eram lisos, outros com bordados e brocados, e outros ainda com sedas esvoaçantes em cores vivas. Havia as que escondiam o cabelo e o rosto atrás de véus. E por fim as que preferiam as echarpes e adereços de cabeça decorados com miçangas.

— E eu, vou vestir o quê? — ela perguntou em voz alta.

— O que quiser — respondeu Dak. — Você deveria estar contente. Essa mistura de culturas e religiões significa que, pelo menos uma vez, você vai ter escolha!

— Vamos logo — disse Riq, seguindo pela rua movimentada.

Dak encolheu os ombros para Sera e foi atrás.

A rua diante deles era larga e reta, mas a cidade se esparramava ao redor, como um labirinto de ruazinhas estreitas e sinuosas. As construções eram altas, e algumas tinham varandas com grades de madeira e toldos.

— Que barulheira — Sera precisou quase gritar para ser ouvida em meio à balbúrdia de camelos, burros e comerciantes.

— Não é o máximo? — respondeu Dak com um sorriso.

Em pouco tempo eles chegaram a um enorme arco no meio do caminho. Parecia uma versão mais antiga do portão pelo qual haviam passado antes, mas este ficava no meio da rua, sem ligação com nenhuma parede. Eles o cruzaram e chegaram a uma praça. Diante dela havia um prédio bem maior que os demais, que se destacava pela pintura e pelos azulejos em cores vivas.

Sera se virou para Dak.

— O que você acha que é isso?

— Sei lá — ele respondeu.

— É uma faculdade — respondeu Riq, de cara fechada.

— Verdade! Bagdá tinha... quer dizer, *tem* muitas faculdades — contou Dak. — E uma porção de bibliotecas. Um dos ricos daqui tinha uma biblioteca pessoal tão grande que precisou de quatrocentos camelos para ser transportada. Até eu acho que é livro demais para um cara só!

— A gente precisa encontrar a biblioteca certa no meio de tudo isso — disse Sera. — E o livro certo também.

Riq sacudiu a cabeça.

— Vamos andando.

Sera resmungou. Ela não sabia por que Riq estava agindo daquele jeito, e até tentava ser paciente, mas estava começando a se irritar.

Não muito adiante, a rua fazia uma curva para a esquerda, seguindo o curso de um canal ora visível, ora subterrâneo. À distância, Sera não conseguia ver onde a rua terminava. A cidade era gigantesca. Eles haviam andado o equivalente a três ou quatro quarteirões, e sua visão e olfato já estavam sobrecarregados. Como eles conseguiriam encontrar um Guardiã da História em meio a tudo aquilo?

— Parece que estou vendo outro daqueles portões — disse Dak, apontando mais adiante na rua.

Sera estreitou os olhos.

— Acho que sim.

— Eles devem ser muito antigos — continuou Dak. — Do tempo em que a cidade era menor, contornada por outra muralha. E tudo o que sobrou dela foram esses portões.

À medida que se aproximavam, o ruído de metal contra metal foi ficando mais alto. Parecia que um grupo de pessoas batia painéis ali perto. Os três se entreolharam.

Riq abordou alguém que vinha passando.

— Com licença, o que é aquilo ali na frente?

O homem olhou por cima do ombro.

— O arco dos Armeiros, ora essa.

Armeiros. Se havia artesãos fabricando armas e armaduras por ali, isso explicava toda a barulheira. Sera desejou ter protetores auriculares à mão, porque o ruído ficava mais intenso à medida que se aproximavam.

Aquele arco estava em condições melhores que o anterior. Ainda mantinha muitos dos padrões estampados nos tijolos de barro, e os azulejos coloridos continuavam lá. Mais de perto, eles revelavam tons de dourado, verde e marrom. O portão do arco também estava lá, mas aberto, permitindo a passagem dos três.

— Legal! — exclamou Dak. — Olhem só isso!

Os ferreiros estavam sentados com suas bigornas e bancadas na praça, moldando chapas de metal para produzir o que para Sera pareciam elmos, e unindo elos metálicos em cotas de malha.

A maioria das pessoas ao redor eram soldados ou guardas e, ao passar por eles, Sera ouviu fragmentos de suas conversas.

— Hulagu e sua horda de mongóis estão a apenas alguns dias da cidade.

— E a cavalaria do califá?

— Derrotada. Exterminada.

— Todos eles?

— Todos os vinte mil homens.

Sera arregalou os olhos. Ela já tinha ouvido falar dos mongóis. Sabia que dispunham de um exército a cavalo, e que a Grande Muralha da China, onde os três haviam acabado de corrigir outra Fratura, fora construída por causa deles. Só de imaginar que eles tinham exterminado vinte mil homens e estavam a caminho da cidade, ela sentiu um tremendo frio na barriga.

— Vocês ouviram isso? — ela perguntou para Dak e Riq. — Não temos muito tempo.

— Estou tentando descobrir um jeito de conseguir roupas — disse Riq. — Mas até agora nada.

— Acho que tenho uma ideia — afirmou Dak. — Mas antes preciso achar um lugar tranquilo.

Tranquilo? O que Dak estava tramando? Era sempre impossível saber e, em geral, interessante e divertido descobrir. Esse era um dos motivos por que os dois eram amigos. Ela gostava dos planos malucos de Dak. Mas ali em Bagdá, com o futuro do mundo em jogo, não era a hora nem o lugar para ele ter uma de suas ideias que no final não davam muito certo.

Depois do arco dos Armeiros, a rua continuava até onde os olhos podiam alcançar. Eles seguiram pelo equivalente a mais três ou quatro quarteirões, e chegaram ao maior portão com que haviam se deparado até então. Tinha vários andares de altura, era mais ricamente decorado e ostentava mais azulejos brilhantes. Ele se erguia diante de uma praça ampla, em volta da qual a rua seguia pela esquerda.

— Precisamos passar por esse arco — disse Riq —, pelo que o cara falou.

Atravessaram o antigo portão e logo estavam no espaço aberto da praça. Respirando aliviada, Sera sentiu as novas fragrâncias trazidas pela brisa: ervas, flores e perfumes. Em um dos cantos da praça havia uma linda construção. Ela sabia que era uma mesquita por causa do minarete, a enorme torre lateral.

— Essa é a mesquita do califa — informou Riq.

— Quem é o califa? — perguntou Sera.

— Ele era um líder religioso do islã — Dak explicou.

Ao redor da mesquita havia uma muralha decorada em tons de azul que brilhavam como um lago sob o sol. Domos redondos e pontudos adornavam seus quatro cantos.

— O califa era também o soberano de Bagdá. — Dak apontou para o outro lado da praça. — E apostado que aquele é o palácio dele.

Para além da mesquita, atrás de uma outra muralha, Sera viu uma construção ainda maior. Era decorada em tons de vermelho, azul e roxo, e seus domos imponentes se destacavam contra o céu.

— Dentro da muralha tem mais palácios como esse — contou Riq. — E uma faculdade, e também a Casa da Sabedoria.

— Como vamos entrar? — perguntou Dak.

— Pelo portão do Salgueiro — respondeu Riq. — Foi o que me disseram.

Ele apontou para uma rua no canto mais distante da praça.

Os três foram para lá. Sera ficou aliviada por estar em um espaço aberto e poder andar sem ter de desviar dos camelos. Sob o sol, a temperatura estava um pouco mais alta, e o cheiro agradável que ela notou antes se tornava ainda mais perceptível. Quando chegaram à rua indicada por Riq, ela percebeu por quê.

Era ali que os fabricantes de perfume vendiam seus produtos. As fragrâncias de manjeriço e outras ervas preenchiam o ar, junto com o aroma de especiarias, de óleos e de outras coisas que Sera não sabia identificar. Cheiros doces, acres, pungentes e almiscarados. Também havia

muitas mulheres ao redor das lojas de perfume.

— Nós seguimos por aqui e... — Riq se interrompeu. — Cadê o Dak?

Sera se virou. Ele estava bem a seu lado momentos antes, e de uma hora para a outra desaparecera. Ela passou os olhos pelas barracas do mercado e o encontrou ao lado de um vendedor de laranjas e limões.

— Olha ele ali. O que está fazendo?

Dak subiu em um cesto bem alto e ergueu as mãos.

— Venham todos! — ele gritou. — Escutem o que eu tenho a dizer.

— Ah, não — sussurrou Sera. Aquela devia ser a ideia de Dak, e já dava para perceber que não era nada boa.

O fiscal do mercado

DAK NOTOU IMEDIATAMENTE QUE SERA E RIQ O ENCARAVAM. Sera, em especial, parecia bem preocupada. Talvez fosse melhor se ele revelasse o plano antes de colocá-lo em prática. O problema era que eles quase nunca gostavam de suas ideias, apesar de às vezes elas darem muito, muito certo. Mas quando não davam...

— Venham, venham todos!

Ele conseguiu reunir uma pequena multidão de curiosos a seu redor.

Dak sabia que eles precisavam de roupas, e para consegui-las era necessário ter dinheiro, porque até agora não haviam encontrado nada que pudessem conseguir de outra maneira. Ele repassou mentalmente tudo o que sabia sobre Bagdá, tentando descobrir o que poderiam fazer para ganhar alguns trocados, e teve aquela ideia.

Ele se lembrou dos contadores de história que se apresentavam nas ruas. Eles ainda não tinham cruzado com nenhum, mas Dak não viu nenhuma razão por que *ele mesmo* não deveria se arriscar fazendo isso. Se as pessoas gostassem e jogassem algumas moedas, eles poderiam comprar roupas.

No entanto, depois de subir no balaio e reunir as pessoas, ele se perguntou se não estaria cometendo um grande erro.

— Hã... Agora vou contar uma história pra vocês! — Ele gesticulou traçando um arco com a mão diante de si, sem nem saber por quê. Simplesmente parecia o que um contador de histórias de verdade faria. — Era uma vez...

Sera deu um tapa na própria testa e Riq cruzou os braços.

— Era uma vez um *djinn*. — Dak se parabenizou mentalmente por usar o termo original para “gênio”. — E esse *djinn*... — Sobre o que poderia ser sua história? Dak percebeu que deveria ter pensado nisso antes de convocar a plateia, mas era tarde demais para voltar atrás. Ele resolveu falar a primeira coisa que lhe veio à mente. — O *djinn* tinha um anel mágico, que lhe permitia voltar no tempo!

Sera começou a sacudir a cabeça. Riq ficou boquiaberto. Qual era o problema com aqueles dois?

— Um dia — continuou Dak — o *djinn* encontrou... um homem. No deserto. Um homem que estava vagando por aí, perdido e deprimido. E o *djinn* falou: “Por que você está vagando por aí perdido e deprimido?”. E o homem, hã, o homem respondeu: “Ah, estou triste porque minha casa pegou fogo e... um livro que meus pais me deram foi destruído. Ele era o meu bem mais valioso”.

Dak considerou sua atuação muito boa. O público parecia interessado. Ninguém tinha ido embora ainda. Sendo assim, ele continuou:

— Quando o *djinn* ouviu isso, ele falou: “Posso conceder seu desejo mais profundo. Qual seria?”. E o homem respondeu: “Sério? Meu desejo mais profundo é ter meu livro de volta”. Então o *djinn* usou o anel para levar os dois à casa do homem *antes* do incêndio.

Ei, essa história está muito legal!, pensou Dak. No entanto, notou a presença de um homem na plateia que não parecia muito contente. Ele usava uma túnica cinza sobre outra listrada e um turbante vermelho. Dois sujeitos grandalhões — ao que parecia, guardas da cidade — estavam a seu lado, e os três olhavam feio para Dak.

Ele continuou:

— Eles entraram na casa, e o homem do futuro quis alertar o homem do passado sobre o incêndio, mas o *djinn* ficava repetindo: “Ah, não. Você disse que seu desejo mais profundo era o livro”. — Dak sentiu que estava aumentando o tom de voz e falando mais depressa. — Então eles foram até a biblioteca, pegaram o livro que os pais dele tinham dado de presente, e o *djinn* usou o anel para levá-los de volta ao futuro. Assim o homem salvou o livro, seu desejo mais profundo. Fim.

Dak fez uma reverência.

Ninguém aplaudiu. Ele olhou para a plateia. Um instante depois, escutou um leve tilintar metálico no chão logo à sua frente. E depois outro, e mais outro. Então as pessoas se dispersaram e voltaram aos seus afazeres.

Dak saltou todo orgulhoso de cima do cesto e começou a recolher o dinheiro que ganhara. Não conhecia aquelas moedas, então não sabia quanto tinha arrecadado, mas àquela altura isso não fazia diferença. Enquanto apanhava as últimas peças, Sera e Riq se aproximaram correndo.

— Onde você estava com a cabeça? — Sera perguntou com a voz sussurrada que usava quando se irritava com ele mas não podia gritar porque havia algum professor por perto.

— Como assim? — ele estendeu a mão cheia de moedas. — Olha só!

— Tudo bem — disse Riq. — Mas você contou para a cidade inteira sobre o Anel do Infinito, e sobre a razão de estarmos aqui!

— Eu não fiz isso — respondeu Dak.

Sera ergueu uma sobrancelha.

— Um anel mágico que permite voltar no tempo? Para salvar um livro de um incêndio?

Dak olhou para as moedas em sua mão.

— Parece que fiz isso mesmo. — Como ele não percebeu que estava transformando a missão em uma história? — Ops! E agora, o que a gente faz?

— A gente torce para que nenhum Guardião do Tempo estivesse na plateia — disse Sera.

— Ah, não! — Dak se lembrou do sujeito do turbante vermelho, e começou a olhar ao redor à sua procura.

— “Ah, não” o quê? — Riq quis saber.

Dak conseguiu localizá-lo. O homem e seus dois guardas estavam se aproximando e pareciam ainda menos contentes do que antes.

— “Ah, não” aquele cara ali.

— Você! Contador de histórias! — O homem do turbante vermelho apontou para Dak. — Parado aí!

— Qual é o problema? — perguntou Riq.

— O problema — disse o homem — é que eu não me lembro de ter emitido uma licença para esse jovem contar histórias na rua.

Ele tinha uma barba comprida e pontuda e olheiras profundas.

— Eu preciso de uma licença para contar histórias? — questionou Dak. — Sério?

— Eu sou o fiscal do mercado! — O homem encarou os três. — Sou eu quem decide quais licenças são necessárias e, sim, você precisa de uma para trabalhar com entretenimento. Você tem?

Dak encolheu os ombros de leve.

— Não.

O fiscal do mercado pôs as mãos na cintura.

— Sendo assim, seu rendimento é ilícito e precisa ser confiscado. Passe o dinheiro pra cá.

Dak não queria fazer isso. Ele ganhara aquele dinheiro honestamente e queria usá-lo para obter roupas novas.

— Olha, eu não sabia, desculpa. O senhor não pode deixar passar só desta vez?

O homem estreitou os olhos.

— Eu nunca deixo *nada* passar.

Dak olhou para Sera e Riq. Eles o encararam de volta. Dak virou os olhos na direção que Riq havia apontado antes. Os dois assentiram.

— Sinto muito, senhor — disse Dak. — Se eu soubesse que precisava de uma licença, eu teria... CORRAM!

Dak saiu em disparada pela praça, com Sera e Riq em seu encalço.

— Atrás deles! — gritou o fiscal do mercado.

Dak olhou por cima do ombro e viu que os dois guardas os perseguiram enquanto atravessavam a feira dos perfumes e mergulhavam de novo na cidade.

As ruas foram ficando mais estreitas, fazendo curvas e mais curvas. Era como se estivessem em um labirinto, subindo e descendo escadas por caminhos cada vez mais apinhados de burros e camelos. As pessoas gritavam quando viam os três viajantes do tempo passar, esbarrando em tudo pelo caminho. Dak acidentalmente derrubou um carrinho carregado de pães.

— Foi mal! — ele gritou por cima do ombro.

Riq corria logo ao lado de Dak.

— Me deixa ir na frente!

Ele entrou em uma ruazinha, depois em outra. Dak logo ficou desorientado, e só podia torcer para que Riq soubesse aonde ia. Porém, por mais que eles corressem, e por mais esquinas que dobrassem, não conseguiam despistar o fiscal do mercado e os guardas, que continuavam logo atrás.

— Pelo jeito — gritou Sera — ele não deixa nada passar *mesmo*!

— Continuem correndo! — berrou Riq.

Por fim, eles chegaram a uma rua mais larga e movimentada, onde havia ainda mais pessoas e animais, além de barracas, carrinhos e lojas. Um velho estava sentado no chão ao lado de alguns tapetes estendidos.

— Tive uma ideia!

Sera olhou para trás e os conduziu até onde estava o velho. Ela se jogou no chão, agarrou a ponta de um dos tapetes e se enrolou nele. Dak sorriu e fez o mesmo.

— Só pode ser brincadeira — comentou Riq, mas logo em seguida já estava todo enrolado também.

Os três ficaram deitados lado a lado como panquecas, sob o olhar atônito do vendedor de tapetes. Dak pôs uma das mãos para fora, deu para ele uma das moedas que ganhara e pôs um dedo sobre os lábios, pedindo silêncio.

O velho examinou a moeda e olhou para o fiscal do mercado, que acabara de entrar na rua. Então piscou para Dak e virou a cabeça para o outro lado. O menino sorriu e se escondeu de novo em seu tapete, tentando permanecer imóvel.

Vários instantes se passaram. Os sons da rua continuavam. Dak percebeu que estava prendendo a respiração, e que não poderia fazer isso para sempre. Por quanto tempo eles precisariam ficar ali?

— Ei, vendedor de tapetes! — Era a voz do fiscal do mercado. — Nós estamos procurando duas crianças, um franco e uma persa como você, e um rapaz mais velho, africano. Você os viu?

— Sim, *muhtasib*, eu vi — respondeu o vendedor de tapetes.

Dak ficou gelado por dentro.

— E aí? Onde eles estão? — o fiscal do mercado quis saber.

— Eles correram para lá — disse o vendedor de tapetes. — Para o portão do Sultão.

Dak fechou os olhos, aliviado. O som de passos se afastou até ele não poder mais escutá-los.

— Podem sair agora, pequenos *pirashki*.

Dak se virou de lado e deixou que o velho esticasse o tapete e o mandasse rolando para o meio da rua. Ele se levantou e sacudiu a poeira do corpo enquanto o vendedor fazia o mesmo com Sera e Riq.

— Isso é o que eu chamo de tapete mágico — comentou Dak.

Riq se virou para o comerciante.

— Obrigado por não dizer onde estávamos.

— Imagina! — O vendedor devolveu a moeda de Dak. — O fiscal do mercado é um homem poderoso, mas nem um pouco querido. É um prazer atrapalhar a vida dele.

— Obrigado — disse Dak. — Qual é o seu nome?

— Farid. E o de vocês?

— Eu sou Dak. Ela é Sera, e ele, Riq.

— É um prazer conhecer vocês — disse o homem. — E não quero parecer grosseiro, mas logo o fiscal vai perceber que foi enganado e voltar correndo pra cá.

— Valeu — agradeceu Riq. — Nós já estamos indo. O senhor pode dizer onde fica a Casa da Sabedoria?

— Ah, a Casa da Sabedoria? — Farid deu uma risadinha. — Então vocês também estudam, além de experimentar tapetes?

— Sim — respondeu Sera. — Nós meio que somos estudiosos.

Farid ensinou a eles o caminho e se despediu. Na verdade, a fuga não os desviara tanto. Em pouco tempo, eles estavam diante do portão do Salgueiro, na frente do grande palácio que tinham avistado antes.

Riq apontou para o portão.

— A Casa da Sabedoria fica do outro lado.

Eles tinham conseguido chegar ao destino.

A Casa da Sabedoria

RIQ AINDA NÃO SE CONFORMAVA com a imprudência de Dak. E se houvesse um Guardião do Tempo na plateia? Seria o fim da missão. Além disso, ainda estava preocupado com o fiscal. O homem parecia determinado demais a capturá-los.

Depois de passar pelo portão, eles conseguiram ver o palácio mais de perto. Era impressionante e parecia um dos cartões-postais que Phoebe, a avó de Riq, trazia de suas viagens. Agora que estavam do outro lado do muro, Riq podia ver que na verdade havia vários palácios e construções ali. Entre elas ficavam jardins com diferentes tipos de árvores e palmeiras e uma imensa variedade de flores, plantas e arbustos, com fontes de água jorrando aqui e ali.

Riq apontou para a direita.

— O primeiro cara com quem falei disse que a Casa da Sabedoria é um desses prédios na beira do rio.

— Tem um rio que atravessa a cidade? — perguntou Sera.

— É o rio Tigre — falou Dak. — Junto com o rio Eufrates, ele forma a região chamada Crescente Fértil.

Riq revirou os olhos, mas estava cansado até mesmo para tirar sarro enquanto Dak vomitava fatos históricos.

Sendo assim, Dak continuou:

— A região também ficou conhecida como berço da civilização, porque foi onde surgiram algumas das primeiras civilizações humanas. Como a dos antigos sumérios. Sabia que eles criaram o primeiro sistema de escrita do mundo? Ela se chamava escrita cuneiforme.

— Legal, Dak — disse Sera.

— Não é? — Pelo tom de voz, dava para notar que ele não tinha percebido o sarcasmo na resposta de Sera.

— Estamos quase lá. Vamos logo. Podemos pensar nas roupas mais tarde. — Riq não disse para os outros dois, mas não estava muito ansioso para chegar à tal Casa da Sabedoria. Era como se, a cada passo dado, ele se aproximasse de um futuro no qual não existiria mais. A única coisa que ainda o motivava era seu compromisso com a missão. Era seu jeito de honrar a memória de Kisa.

Eles passaram diante de uma construção de dois andares com uma série de arcos pontudos nas paredes. Riq lembrou que o primeiro sujeito que lhe dera informações falou que se tratava de outra faculdade. Logo depois eles chegaram ao rio Tigre, que tinha a largura de uns

quatro campos de futebol. Barcos a vela e a remo pontuavam a superfície como um enxame de insetos. Havia ancoradouros espalhados pela margem, invadindo a água, e dali Riq conseguia ver o lado oeste de Bagdá. O rio atravessava a cidade bem no meio e seguia seu curso, o que fez Riq pensar em sua missão — corrigir as Fraturas, removendo as barragens do rio do tempo.

— É bem grande — comentou Sera.

— Aqui é o ancoradouro dos Anzoleiros — comentou Riq. — E o prédio ao lado deve ser o que estamos procurando.

Não muito longe dali, depois de passar por um pequeno jardim, eles chegaram a uma construção grande e simples. Seus muros eram fortes e bem conservados, mas sem os grandes ornamentos dos demais palácios e das faculdades. O edifício não tinha janelas e havia apenas uma porta aberta. Vários homens estavam reunidos ali na frente, a maioria usando turbantes brancos.

Ao lado da porta, Riq viu uma única inscrição entalhada na parede:

بيت الحكمة

— A Casa da Sabedoria — ele anunciou, satisfeito por saber ler e escrever em árabe. — É aqui mesmo.

— Muito bem — falou Sera. — E agora, o que vamos fazer?

— Como assim? — perguntou Dak. — É só entrar.

— Ah, pelo amor — disse Sera. — Primeiro você fica tagarelando sobre a nossa missão no meio da feira dos perfumes, e agora quer simplesmente entrar... E depois? Vamos perguntar qual deles é o Guardião da História? Você não percebe que também pode ter Guardiões do Tempo aí dentro?

— Não pensei nisso — admitiu Dak.

— Pois é.

— Mas ia pensar — afirmou Dak.

— Só quando já fosse tarde demais — rebateu Sera.

Riq levantou a voz para interrompê-los:

— Se conseguirmos entrar, o Guardião da História virá até nós. Eles são treinados para nos encontrar, esqueceram?

— Os Guardiões do Tempo também — lembrou Sera.

Essa possibilidade não fez muito sentido para Riq quando ele pensou a respeito.

— Talvez não. Os Guardiões do Tempo sabem que Aristóteles fundou os Guardiões da História, não? Aposto que, se tivesse alguém da SQ na Casa da Sabedoria, ele já teria destruído esses livros muito tempo atrás. Não sobraria nada para salvar dos mongóis.

Dak se virou para Sera.

— Aposto que você não pensou nisso!

— E nem você!

— Vamos entrar de uma vez e ver o que acontece — sugeriu Riq.

Eles se dirigiram à porta da frente, atraindo a atenção dos homens reunidos ali. Riq tentou manter a cabeça erguida e dar a impressão de que os três sabiam exatamente aonde estavam indo. No entanto, não haviam nem chegado na porta quando um dos homens os abordou.

— Pois não? — ele perguntou.

— Nós viemos dar uma olhada na Casa da Sabedoria — explicou Riq, se virando para encará-lo.

O homem apontou para o edifício com o queixo.

— Então seu objetivo já foi alcançado.

Legal. O sujeito interpretava tudo de maneira absurdamente literal. Devia ser um linguista. E do tipo mais irritante.

— O que eu quis dizer — explicou Riq — é que viemos visitar os estudiosos da Casa da Sabedoria.

O homem se afastou do grupo e foi até eles.

— É mesmo?

Dak entrou na conversa.

— É isso aí.

— E o que vocês querem de nós? — perguntou o homem.

— Hã... — Dak estendeu a mão cheia de moedas. — Nós viemos fazer uma doação.

O homem torceu o nariz, como se o dinheiro cheirasse mal.

— Uma doação?

Agora ele estava ofendido. Dak estava mesmo com tudo.

— Claro — insistiu Dak. — Vocês aceitam doações, não? As bibliotecas não vivem precisando de dinheiro?

O homem respirou fundo.

— A Casa da Sabedoria não precisa de esmolas.

Foi a vez de Sera falar:

— Mas aceitam quando alguém oferece, não?

O homem olhou para a mão de Dak.

— Se vocês querem contribuir com o desenvolvimento do saber, com certeza sua doação será recompensada em dobro.

A tensão de Riq se dissipou. O sujeito até podia ser orgulhoso demais para admitir que a Casa da Sabedoria precisava de dinheiro, mas não o recusaria.

— Como viemos fazer uma doação — disse Riq —, será que podemos entrar?

O homem os mediu de cima a baixo.

— Acho que não haveria problema nenhum. Venham comigo.

Riq e Sera suspiraram de alívio.

Dak abriu um sorriso.

— Abre-te sésamo — ele murmurou.

O homem os conduziu porta adentro.

Na parte interna, a construção tinha um enorme pátio, cercado de colunas, arcadas e dois andares de portas e corredores. Dezenas de pessoas circulavam pelo local, atravessando o

pátio, entrando e saindo pelas portas e carregando pilhas de papéis, pergaminhos e livros.

— Pronto, já entraram — disse o homem.

— Nós podemos dar uma olhada por aí? — perguntou Dak.

O homem inspirou com força.

— Preciso encontrar o Abi.

— Quem? — perguntou Riq.

— Ibn Abī al-Shukr. Ele sempre se oferece para mostrar o lugar para os recém-chegados.

Por algum motivo gosta disso. Esperem aqui.

Ele se afastou, deixando os três sozinhos.

— Isso é demais — comentou Dak. — Aqui deve ter livros de que o pessoal da nossa época nunca ouviu falar. Imaginem só a quantidade de fatos históricos!

— Estou mais interessada nos livros de matemática e ciências — disse Sera.

— O único livro que nos interessa é o que vai impedir o Cataclismo — falou Riq, sentindo seu estômago se revirar.

— Pois é — concordou Dak. — Mas enquanto isso, se aparecer outro livro legal, não custa nada dar uma olhadinha.

Riq sacudiu a cabeça.

— Dak, eu...

— Aqui estão eles, Abi.

O homem estava de volta, acompanhado de outro sujeito de no máximo trinta e poucos anos. Usava uma túnica azul-clara e um turbante branco. Uma barba espessa cobria seu rosto redondo, e o sorriso largo parecia se estender de orelha a orelha.

— Bem-vindos! — ele falou.

O outro fez um aceno de cabeça e saiu de novo pela porta da frente.

Abi ergueu as sobrancelhas.

— Me disseram que vocês gostariam de fazer uma doação e visitar a Casa da Sabedoria.

— Isso mesmo! — disse Dak, estendendo a mão cheia de moedas.

O homem as apanhou com ambas as mãos e fez uma leve reverência com a cabeça.

— Fico constrangido de aceitar dinheiro de alguém tão jovem, mas acredito que seja de coração, e agradeço sua generosidade. Sou Ibn Abī al-Shukr. Podem me chamar de Abi.

— Eu sou Dak. Esta é Sera, e este, Riq.

— É mesmo? — falou o homem, com a voz séria. — Não são nomes muito comuns.

— Pois é. — Sera abriu o sorrisinho inocente que Riq já vira várias vezes. — Nós não somos daqui.

— Eu percebi — disse o homem. — E creio que vieram de longe. Muito longe.

Riq considerou esse último comentário suspeito. Abi se referia às roupas chinesas que vestiam? Ou estava insinuando algo mais? O outro homem dissera que Abi gostava de apresentar o lugar aos recém-chegados, e Riq se perguntou por quê. Seria Abi um Guardião da História? Talvez ele fizesse isso para identificar algum viajante do tempo que eventualmente aparecesse na Casa da Sabedoria.

Riq decidiu testar sua teoria.

— Viemos de um lugar mais distante do que você imagina. O outro senhor falou que você gosta de mostrar o lugar para as pessoas que chegam...

— É verdade — confirmou Abi. — Eu... gosto de saber de onde vêm as pessoas, e o que as trouxe à Casa da Sabedoria.

— Você deve ouvir todo tipo de história — comentou Riq.

— Ouço mesmo. — Abi sorriu. — Mas nada que fosse *impossível* de acreditar. Ninguém nunca chegou até aqui voando, por exemplo. Nem por algum outro meio desconhecido pelas pessoas do meu tempo.

Tempo. Riq estava convencido. Aquele sujeito só podia ser um Guardião da História ou um Guardião do Tempo. Como ele duvidava que pudesse haver um agente da SQ na Casa da Sabedoria, decidiu que era hora de se arriscar. Ele olhou para Sera e Dak e encolheu os ombros, avisando que partiria para o tudo ou nada.

— Nós chegamos aqui de uma maneira que você consideraria impossível — ele falou.

— É mesmo? — perguntou Abi.

— Sim. Digamos que o nosso barco... navega *contra* a corrente.

Abi assentiu.

— Entendo. Venham, vou mostrar a Casa da Sabedoria a vocês.

O homem fez um gesto para que o seguissem, e passou por um dos arcos que cercavam o pátio. De lá, eles pegaram um corredor que levava ao interior do edifício, acompanhados apenas dos ecos de seus passos. Viram várias salas espaçosas cujas paredes eram cobertas por estantes de livros posicionadas em reentrâncias arqueadas, com pinturas e azulejos nas bordas. Havia estudiosos trabalhando em cada sala, lendo, escrevendo e se comunicando aos sussurros.

Riq se lembrou do que tinha visto do pátio. Se todos os corredores fossem como aquele, com salas enormes cheias de livros, então havia milhares e milhares de volumes ali.

Por fim, eles chegaram ao que ele presumiu ser uma sala de visitas. No entanto, não havia nenhuma cadeira ali. O chão era coberto de tapetes persas e almofadas em torno de mesas baixas. Fora isso, mais nada.

— Por favor, podem sentar — disse Abi, apontando para uma das mesas.

Riq, Sera e Dak se acomodaram no chão mesmo. Na verdade, era bem confortável. Mais do que qualquer cadeira do quartel-general dos Guardiões da História, sem sombra de dúvida. Riq pensou em sugerir a Brint e Mari que, nas reuniões por lá, as pessoas comesçassem a se sentar em almofadas no chão também. Mas então se lembrou daquilo que tanto temia.

— Ótimo. Aqui nós podemos conversar. — Abi sentou do outro lado da mesa. — Como já devem ter adivinhado, sou um Guardião da História, assim como vocês.

Riq não sabia se aquilo era motivo para comemorar ou lamentar.

SERA ENFIM PODIA RELAXAR UM POUCO. Eles tinham encontrado Abi, apesar do comportamento de Dak, mas também graças a ele, e o clima ali era de paz. As paredes da Casa da Sabedoria os isolavam do caos da cidade, e Sera considerou aquele o lugar perfeito para estudar. Quem sabe até resolver a hipótese de Riemann, o que parecia apropriado já que os babilônios foram os primeiros a usar o número zero — um dos poucos fatos históricos capazes de interessar Sera.

— Então você sabe por que estamos aqui? — Riq perguntou a Abi.

— Claro. Vocês vieram do futuro para evitar que uma Grande Fratura aconteça.

— Exatamente — confirmou Riq.

Abi se inclinou para a frente:

— E vocês sabem que Fratura é essa? Tem alguma coisa a ver com Hulagu Khan e os mongóis, que estão quase nos nossos portões?

— Sim — informou Dak. — Eles vão saquear Bagdá daqui a dois dias. De acordo com os livros de história, a coisa vai ser feia. *Muito* feia.

— Feia como? — Abi quis saber.

— Bagdá vai virar praticamente uma cidade fantasma pelos próximos séculos — esclareceu Dak.

Abi se inclinou para trás, soltando o ar com força.

— E quanto às bibliotecas?

— Os mongóis vão destruir todas — contou Dak. — Dizem que o rio Tigre ficou preto com a tinta dos livros que eles jogaram na água.

— Ah, não — murmurou Abi, sacudindo a cabeça, com os olhos arregalados. — “A tinta do sábio é mais sagrada que o sangue do mártir.” Assim disse o Profeta, que a paz esteja com ele.

Sera notou que Abi parecia sentir uma dor quase física ao pensar na destruição daqueles livros. Ela havia aprendido com seus ancestrais o poder que um único livro podia ter. Livros eram capazes de resgatar culturas inteiras, como a dos maias. No caso de Aristóteles, um volume poderia salvar o mundo.

— Vocês têm algum plano para corrigir essa Fratura? — perguntou Abi.

— Não — respondeu Riq. — Só sabemos que não podemos deixar os escritos de Aristóteles serem destruídos. Fora isso, esperávamos que você tivesse alguma ideia.

Abi respirou fundo.

— Acho que seria impossível deter o ataque dos mongóis. Eles já destruíram quase toda a Pérsia. Conquistaram até a fortaleza de Alamut, coisa que ninguém mais conseguiu em duzentos anos.

— E o califa? — questionou Riq. — Ele não pode tentar conversar com Hulagu? Quem sabe até se render?

— Hulagu vai querer negociar, mas o califa acha que a cidade jamais irá sucumbir. Ele é incapaz de ouvir a voz da razão. Foi por isso que só enviou a cavalaria para o campo de batalha quando já era tarde demais.

Sera se lembrou do que ouvira no arco dos Armeiros.

— E foram todos dizimados. — Ela estremeceu. — Certo. Então os mongóis estão a caminho e é impossível detê-los. Nós temos como retirar os livros daqui?

— Não — informou Abi. — Seriam necessários mil camelos, e para onde levaríamos tudo isso? Ouvi dizer que o exército mongol já se posicionou dos dois lados do rio. — Ele cerrou o punho. — Eles fecharam o cerco sobre a cidade.

— E se salvarmos só o livro de Aristóteles? — sugeriu Dak. — Parece ser bem mais fácil, e Brint e Mari só precisam dele para saber mais sobre a Fratura Fundamental, certo?

— E como vocês fariam isso? — questionou Abi.

— Não sei — confessou Dak. — De repente podemos esconder em algum lugar.

Abi coçou a barba.

— Onde você acha que o livro se manteria seguro durante séculos? E como ele seria encontrado depois? Por quem? E se a SQ o encontrasse primeiro?

Dak jogou as mãos para o alto.

— Tudo bem, tudo bem. Já entendi.

Sera teve outra ideia.

— E se nós mesmos ficássemos com o livro? — ela falou. — Podemos entregar para Brint e Mari no presente.

— E o que acontece com a minha época sem ele? — perguntou Abi. — E se vocês estiverem privando o mundo de séculos de conhecimentos importantes? Os livros só fazem sentido nas bibliotecas. Elas são o recipiente de todo o conhecimento humano.

— Então nós precisamos salvar a biblioteca — concluiu Riq. — Talvez não sejamos capazes de impedir o ataque de Hulagu, mas quem sabe não conseguimos fazer com que ele poupe as bibliotecas?

— Como? — rebateu Dak. — Tipo, batendo um papo com ele? “Ei, Hulagu, e aí, cara? Escuta só, eu sei que você está a fim de conquistar Bagdá e tudo o mais, mas que tal deixar essa biblioteca em paz? Seria muito legal. Valeu.”

— Cala a boca — respondeu Riq.

— Cala a boca você — disse Dak.

— Não sou eu quem só dá ideias idiotas.

— Não é isso que está parecendo.

Abi olhava para um e depois para o outro, como se estivesse assistindo a uma partida de tênis disputada por macacos.

— Ah, pelo amor... — Justo quando Sera começava a achar que os dois estavam se entendendo, eles voltavam a se comportar como duas crianças birrentas. Pela trigésima sétima vez, ela se perguntou se a viagem no tempo prejudicava a maturidade das pessoas. — Parem com isso, vocês dois!

Eles obedeceram.

Dak cruzou os braços, fazendo cara feia, e Riq cerrou o maxilar por um instante, antes de dizer:

— Eu só estava falando que a persuasão pode ser uma alternativa.

— Bobagem! — contestou Dak.

— Na verdade — disse Abi —, acho que podemos estar perto de uma solução aqui.

— Você acha que Hulagu pode ser razoável? — perguntou Sera.

— Estou pensando em outra pessoa — contou Abi. — Quando Hulagu conquistou a fortaleza de Alamut, capturou um estudioso para ser seu conselheiro: Nasir al-Din al-Tusi.

Sera conhecia aquele nome. Tusi era um astrônomo e matemático famoso. Ela havia estudado sua obra e o admirava. O Par de Tusi teve grande importância para a elaboração do Sistema Solar de Copérnico, assim como para a compreensão do movimento dos planetas. E Tusi estava com Hulagu Khan?

— O califá já se recusou a se render — contou Abi. — Mas ouvi dizer que Hulagu vai mandar Tusi para tentar convencê-lo. Se conseguirmos persuadir Tusi, *ele* poderia influenciar o khan a poupar a biblioteca.

— Vale a pena tentar — disse Riq. — Você sabe quando ele chega?

Abi sacudiu a cabeça.

— Acho que em breve. Preciso conversar com meus contatos no palácio. Eles estão mais informados sobre isso.



Pouco depois, Abi voltou trazendo uma refeição excelente. Tâmaras, azeitonas, queijo e pão sírio, além de alguns pratos apimentados que para Sera pareciam curry. Eles beberam água aromatizada com suco de melão. Sentados em torno das mesas, usavam os dedos e o pão para levar a comida à boca. Dak parecia se divertir comendo com as mãos. E, obviamente, tinha adorado o queijo.

— Humm — ele comentou. — É algum tipo de queijo de cabra, como o feta, só que mais salgado.

Abi não comeu. Em vez disso, fez várias perguntas sobre o futuro. Sera ficou surpresa com algumas de suas reações. Ele aceitou facilmente a existência de coisas que ela pensou serem inimagináveis naquela época, como os automóveis.

— Os autômatos não são estranhos para nós — ele revelou. — Os irmãos Banū Mūsā criaram muitos dispositivos engenhosos aqui na Casa da Sabedoria, séculos atrás.

Quando falaram sobre as outras Grandes Fraturas, porém, Abi ficou bastante surpreso, e chegou a duvidar de algumas coisas. Ele ficou abismado com a aventura dos três entre os

maias.

— Estão me dizendo que existem terras que nós não conhecemos, do outro lado do oceano? — ele perguntou.

— Isso mesmo. — Sera se endireitou toda para falar de seus ancestrais. — O povo de lá faz parte de um império poderoso, com uma cultura incrível.

— E vocês salvaram os escritos *deles* também? — Abi quis saber.

— Pois é — confirmou Riq. — Na verdade, esse é o segundo livro que precisamos salvar.

— Não é apenas um livro. — Abi olhou ao redor. — É a biblioteca inteira.

Dak limpou a garganta.

— Agora vocês entendem como a história é importante, né? Não basta saber que as coisas aconteceram, é preciso entender como nós nos *lembramos* delas.

Sera teve de admitir que Dak tinha razão. A SQ era uma prova de que havia muitas maneiras de fraudar a história. Muitas vezes, eles não precisavam nem alterar os acontecimentos. Bastava dar sumiço em certos livros ou adulterar o que foi escrito a respeito. Portanto, sim, a história era importante, mas Sera não precisava se tornar uma obcecada pelo assunto como seu amigo.

— Claro, Dak — ela concordou.

Em seguida, Abi os levou até outra sala, com mais almofadas, travesseiros e cobertores.

— Vocês podem dormir aqui — ele falou. — Devem estar cansados.

Depois da aventura na China, de caminhar o dia todo pela cidade e de forrar o estômago com uma boa refeição, estar em um recinto tão confortável fez Sera perceber o quanto estava exausta.

— Podem repousar um pouco — sugeriu Abi. — Com sorte, teremos notícias de Tusi logo pela manhã.

Ele desejou boa-noite para os três e saiu.

Dak se atirou sobre uma pilha de travesseiros.

— Eu adoro este lugar.

Riq se deitou de lado sobre um cobertor grosso.

— É, admito que é muito legal mesmo. Nem acredito que Hulagu vai destruir tudo.

— Ele não vai — disse Dak. — Nós vamos dar um jeito nisso.

No entanto, alguma coisa incomodava Sera desde aquela conversa sobre história e livros. Ela levou a mão aos cabelos que nem tinha mais, um tique nervoso que carregava desde antes de cortá-los para se passar por um menino.

— O que foi, cara? — Dak estava olhando para ela. — Não tem nada aí pra puxar. Você está preocupada com alguma coisa.

Ele estava certo, e em mais de um sentido. Ela estava mesmo preocupada com uma coisa importantíssima — afinal, Sera tinha visto o Cataclismo. Mas não era nisso que pensava naquele momento.

— A SQ — ela falou. — Nós ainda não identificamos o Guardiã do Tempo desta época. Ele pode estar em qualquer lugar. E ser qualquer pessoa. Isso me incomoda.

— A SQ logo vai mostrar a cara — disse Riq. — Como sempre.



Abi os acordou na manhã seguinte trazendo um delicioso café da manhã com frutas, castanhas e pão.

— Como eu imaginava — ele informou enquanto os três comiam —, Tusi vai visitar o palácio ainda hoje.

— E nós podemos falar com ele? — Sera quis saber.

— Sim, vamos sair daqui a pouco.

Sera ficou empolgada com a ideia de conhecer o grande matemático, finalmente alguém de que já ouvira falar. Tinha certeza que ele os ajudaria. Não sabia como explicar a situação, mas achava que Abi era a pessoa mais indicada para isso.

Quando terminaram de comer, Abi providenciou roupas mais adequadas para os três. Para Dak e Riq, túnicas parecidas com todas as outras que eles haviam visto. Já Sera pôs um vestido de seda e um colete bordado por cima de uma camisa de seda de mangas largas. Ela detestava vestidos, mas todos concordaram que ela não podia se apresentar diante do califa com roupas chinesas. Depois que eles se trocaram, Abi os conduziu de volta pelos corredores da Casa da Sabedoria, passando pelo pátio e saindo porta afora. Ele tomou a direção do palácio que eles tinham visto na véspera.

Ao se aproximar da construção, Sera ficou boquiaberta com os muros altos, os domos, as torres. Os guardas do palácio os deixaram passar por um portão imponente, que os levou a um jardim colorido. As plantas ali eram muito bem cuidadas, e o ar estava carregado de fragrâncias florais. O cheiro das rosas, em particular, atingiu Sera como uma onda.

A névoa estonteante de uma Reminiscência se abateu sobre ela, mas de uma maneira diferente de todas as outras. Suas Reminiscências passadas sempre foram vagas, meras impressões ou sensações. Naquela vez, porém, ela realmente *viu* sua mãe. Estava em um jardim, cuidando de uma roseira branca, com um chapelão na cabeça por causa do sol. Ela olhou para Sera, sorriu e a chamou para ajudar.

Depois disso, a Reminiscência se dissipou, deixando em Sera apenas a dor de ter visto aquilo. *Sua mãe*. Sera agora sabia que tinha uma mãe em algum lugar, e não deixaria que o Cataclismo a levasse embora.

DAK VIU QUE SERA ESTAVA ESFREGANDO A TESTA.

— Está tudo bem? — ele perguntou.

— Quê? — Ela piscou várias vezes e respirou fundo. — Sim, está tudo bem.

— Uma Reminiscência? — perguntou Riq. — No celeiro?

Dak estranhou aquilo. Sera havia contado sobre o celeiro de seus pais? Pelo jeito, Riq sabia mais a esse respeito do que Dak, como se ele e Sera já tivessem conversado longamente sobre o assunto.

— Não. — Ela sacudiu a cabeça. — Vamos... vamos em frente. Estou bem.

Riq pareceu preocupado, assim como Abi. Dak ficou olhando para Sera, desejando saber como era uma Reminiscência, para entender como ela se sentia. Não gostava que Riq soubesse mais do que ele a respeito de sua amiga. Mas, pelo que pudera observar, Riq também sofria com as Reminiscências. Ele se perguntou sobre o que poderiam ser.

— Por aqui — indicou Abi.

Eles atravessaram o jardim, e Dak ouviu um som estridente vindo de algum lugar ali perto.

— Isso é... — Riq virou a cabeça para o local de onde vinha o barulho — um elefante?

Abi assentiu.

— Sim. Estamos entrando no parque dos animais selvagens.

Eles entraram em outra parte do jardim, ladeada por jaulas e gaiolas. Viram girafas, zebras e quatro elefantes decorados por enormes lenços de seda cor-de-rosa com bordados prateados. Passaram por ursos, leões, leopardos e tigres ferozes, alguns deles levados na correia por homens que Dak considerou muito, muito corajosos.

— É um zoológico — comentou Sera.

— Não, é uma *menagerie* — corrigiu Dak.

Riq levantou uma sobrancelha para ele.

— Que foi? — disse Dak. — Acha que você é o único que conhece palavras difíceis?

Riq deu uma risadinha e seguiu em frente, passando por uma fonte enorme entre duas colunas de mármore e chegando ao palácio. O piso também era de mármore, adornado com tapetes imensos de várias cores e estampas intrincadas de vinhas, flores e animais. Havia tapeçarias e sedas penduradas nas paredes de pedra e madeira entalhada. Era tudo exatamente como Dak imaginara ao ler *As mil e uma noites*.

Guardas patrulhavam o palácio, mas Abi tinha passagem livre. Ele conduziu os três viajantes do tempo por vastos salões, mais pátios e um jardim interno. No centro do segundo jardim

havia uma tenda com três lados abertos. Perto dela estava uma árvore feita de prata, com folhas de diferentes metais coloridos. Pássaros de prata e ouro cravejados de pedras preciosas descansavam sobre os galhos, cantando e balançando as asas ao vento. Dak imaginou que aqueles fossem os autômatos de que Abi tinha falado. Sob a lona da tenda, um homem estava recostado em um sofá. Suas roupas eram mais enfeitadas que as de qualquer outra pessoa com quem haviam cruzado, com bordados em fios de ouro e um turbante de um tecido que brilhava.

Assim que os visitantes entraram no jardim, um homem foi até eles. Era bem gordo e, ao caminhar, cambaleava como um pino de boliche.

— O que significa isso, Abi? — ele quis saber.

— Saudações, grão-vizir — disse Abi. — Viemos na esperança de falar com Tusi, depois de sua reunião com o califa.

O vizir inclinou a cabeça para o lado.

— É mesmo? E o que vocês têm a tratar com Tusi?

— É um assunto relacionado à Casa da Sabedoria — explicou Abi. — Algo que conta com todo o apoio do califa.

— É verdade que o califa reverencia e admira o trabalho de vocês, mas precisam da autorização de sua santidade para falar com Tusi. Podem se aproximar.

Abi fez uma mesura.

— Obrigado, vizir.

Com a cabeça baixa, ele andou em direção ao homem na tenda. Dak, Sera e Riq o seguiram. Abi parou pouco antes de entrar, e os três também se detiveram, esperando enquanto o vizir sussurrava no ouvido do homem no sofá.

O homem, que Dak presumiu ser o califa, assentiu e falou:

— Pode se aproximar, Abi.

Abi fez um sinal para que Dak, Sera e Riq ficassem onde estavam. Ele foi até o califa a passos lentos, e quando já estava mais perto falou:

— Venho em paz, comandante dos fiéis, e que Deus esteja com vossa santidade.

Abi se ajoelhou e beijou o chão. Enquanto isso, alguns criados foram até os viajantes do tempo, borrifaram água neles e se afastaram. Um instante depois, Dak sentiu o cheiro do que parecia ser uma espécie de perfume de rosas. Ele torceu o nariz. Que ótimo. Agora ele estava com cheiro de *flores*.

— Levante-se, Ibn Abī al-Shukr — ordenou o califa. — E me diga a que veio. Meus auxiliares contaram que desde ontem você está procurando Tusi.

— Sim, califa. — Abi se levantou, mas continuou com a cabeça baixa. — Eu gostaria de falar com ele sobre o destino da Casa da Sabedoria.

— Como assim, destino? — perguntou o califa. — E por que isso diria respeito a Tusi, conselheiro de Hulagu Khan, o agressor que está em nossos portões?

— É muito simples, califa. Se conseguirmos mostrar a Tusi a importância do conhecimento contido na Casa da Sabedoria, e na cidade toda, talvez ele possa convencer Hulagu Khan a poupar Bagdá da destruição sem sentido promovida em outras cidades.

O califa se inclinou para a frente.

— E quem são essas crianças? E esse rapaz?

Dak levantou a cabeça. O califa estava perguntando sobre eles.

— Peça que eles se aproximem — mandou o califa.

Abi fez um sinal para chamá-los.

— Eles são estudantes que vieram de terras longínquas para um aprendizado na Casa da Sabedoria.

Dak engoliu em seco. Será que eles também precisavam beijar o chão? Sera e Riq não fizeram a mínima menção disso, então ele ficou de pé, mas ainda olhando para baixo.

— Quem são vocês? — o califa quis saber. — E por que vieram com Abi?

Quem falou primeiro foi Riq:

— Como Abi mencionou, nós somos estudantes de uma terra longínqua.

— Que terra longínqua? — questionou o califa.

— Pensilvânia — respondeu Dak.

— Pensilvânia? — O califa coçou a cabeça por baixo do turbante com o indicador. — Nunca ouvi falar desse lugar.

— Fica muito longe — explicou Dak. — Para lá de... — ele tentou se lembrar de algum lugar. — Pra lá de Istambul.

— De onde?

Ah é, eles ainda não mudaram o nome da cidade, ele se lembrou.

— Quer dizer, pra lá de Constantinopla.

— Certo — disse o califa.

O vizir olhava para Dak, Sera e Riq como se estivesse diante de criaturas de outro mundo.

— O que vieram estudar na Casa da Sabedoria? — perguntou o califa.

— História — respondeu Dak.

— Matemática — contou Sera.

— Idiomas — disse Riq.

— Várias disciplinas — comentou o califa. — E o que querem tratar com Tusi?

— Nada — garantiu Riq. — Mas, como somos estrangeiros, não podíamos perder a oportunidade de acompanhar Abi e conhecer seu famoso palácio.

Foi uma boa resposta, Dak era obrigado a admitir.

— Meu palácio? — repetiu o califa. — E o que acharam dele?

— É incrível — disse Dak.

— Lindíssimo — elogiou Sera.

— Impressionante — descreveu Riq.

— É tudo isso e muito mais — acrescentou Abi.

— De fato — concordou o califa. — Quanto a seu pedido... O que você acha, vizir?

O vizir franziu a testa.

— O califa não tem nada a temer. Tusi tentará convencê-lo a aceitar os termos de rendição que vossa santidade sabiamente recusou. Bagdá está segura, assim como a Casa da Sabedoria. Apenas nossas mulheres já bastariam para defender as muralhas.

O califa balançou a cabeça.

— Abi, para mim não faz diferença se você falar com Tusi ou não. Você ouviu meu vizir. Estamos seguros contra qualquer invasão.

Na verdade, pensou Dak, é exatamente o contrário.

— Podem ir — disse o califa. — Vou pedir para o vizir levar Tusi até vocês depois que eu rejeitar pela segunda vez os termos de rendição de Hulagu.

— Na verdade — falou Dak —, acho melhor o senhor repensar isso. Os mongóis estão conseguindo expandir seu império praticamente sem encontrar resistência. Quando um soberano se rende a eles, acaba sendo melhor para o povo. Quando o soberano *não* se rende, a coisa fica feia.

O califa não deu ouvidos ao aviso de Dak.

— Os mongóis sofrerão uma de suas poucas derrotas nos portões de Bagdá.

Dak sacudiu a cabeça.

— Mas...

— Obrigado, califa — interrompeu Abi. Ele recuou, e Dak, Sera e Riq fizeram o mesmo. Quando saíram da tenda, eles se viraram e caminharam de volta até a entrada do jardim. O vizir veio atrás e cambaleou até tomar a frente.

— Vou levá-los a uma sala de espera — ele falou.

Eles foram conduzidos a um espaço ao ar livre cheio de arcadas adornadas e colunas de mármore. Havia almofadas e travesseiros no chão, então eles sentaram e esperaram.

— Ele bem que podia se render — comentou Dak. — O que eu tentei dizer era verdade. Hulagu poupou uma porção de cidades que se renderam. Nas que resistiram, não sobrou pedra sobre pedra. As pessoas precisam conhecer a história para evitar que ela se repita.

— Deixa eu adivinhar — disse Riq. — Agora você vai dizer que a história é importante, e que é por isso que você gosta tanto desse assunto.

Dak ficou irritado.

— É por isso que *voce* deveria gostar mais de história do que de um monte de palavras idiotas.

— Parem com isso — pediu Sera. — Nós estamos no palácio do califa.

Dak revirou os olhos. Riq estava errado, aliás. A história era importante, mas não era por isso que Dak gostava tanto do tema. Ele ainda estava buscando uma explicação para isso.



Eles tiveram que esperar bastante. Dak pensou até em tirar um cochilo. Mas então o vizir apareceu com um homem que Dak presumiu ser Tusi. Ele vestia uma túnica simples e um turbante branco com uma cauda de pano que caía sobre o ombro direito. Sua barba era pontuda e bem aparada.

O vizir ergueu um pouco a voz:

— Apresento a vocês Nasir al-Din al-Tusi, emissário de Hulagu Khan.

Ele deu uma última olhada para Dak e os outros, franzindo a testa, e se retirou.

Tusi ficou parado em silêncio e com o rosto inexpressivo.

Abi deu um passo à frente.

— Eu sou Ibn Abī al-Shukr. É uma honra conhecê-lo. Sua reputação o precede.

— E você, por outro lado, não tem reputação nenhuma — respondeu Tusi. — O que quer comigo?

Uau, pensou Dak. *Que grosseria!*

Abi piscou os olhos, parecendo um tanto perplexo.

— Eu... espero um dia ter ao menos uma fração do seu conhecimento e sabedoria.

— Sim, sim — disse Tusi. — Fale logo o que quer, para eu poder ir embora daqui.

Dak não conseguia acreditar no que ouvia.

— O califa acredita que a cidade conseguirá resistir — afirmou Abi.

— Pois é — concordou Tusi. — Ele é um tolo.

— Se Bagdá sucumbir — continuou Abi —, temo que o destino de nossas bibliotecas e da Casa da Sabedoria será o mesmo daquelas localizadas na fortaleza de Alamut, onde Hulagu o capturou e destruiu todos os livros.

— Ele não me capturou — esclareceu Tusi. — Ele me libertou dos ismaelitas e permitiu que eu continuasse meu trabalho. Acabei me tornando seu conselheiro.

— E é por isso que gostaríamos que você convencesse Hulagu a poupar as bibliotecas. E a Casa da Sabedoria.

— Não — respondeu Tusi sem pensar duas vezes.

— N-não? — questionou Abi.

— Não.

— Por que não? — perguntou Riq.

Tusi se virou para ele.

— Porque minha relação com Hulagu não é das mais estáveis. Não seria preciso muito para ele mandar me executar, como já fez com inúmeros outros. Portanto, prefiro não o provocar. É a única maneira de continuar vivo e prosseguir meus estudos.

— Então você não vai interceder pelas bibliotecas? — perguntou Sera.

— Não — reafirmou Tusi. — Não vou interceder a favor de ninguém, a não ser de mim mesmo. Se as bibliotecas forem destruídas com todos os livros dentro, eu lamentarei, mas sabendo que nada poderia ter sido feito para evitar.

— Não entendo — argumentou Abi. — Você é um erudito. E sabe o que a Casa da Sabedoria representa.

Tusi estreitou os olhos.

— Eu sei *muito bem* o que ela representa.

Todos ficaram em silêncio. Dak estava inconformado com aquele homem, que tinha poder para mudar as coisas mas se recusava a ajudar. Isso os deixava em um beco sem saída.

— Mais alguma coisa? — Tusi quis saber.

— Não — disse Abi.

O conselheiro assentiu.

— Então eu me despeço — ele falou, virou as costas e foi embora.

Abi sacudiu a cabeça, cabisbaixo.

— Não entendo — ele repetiu.

— O que vamos fazer agora? — perguntou Dak.

— Não sei — confessou Abi.

— Vamos conseguir bolar outro plano — garantiu Riq. — Ainda temos tempo.

— Mas estou preocupado com outra coisa também — disse Abi. — Acho que Tusi pode ser da SQ. Acho que ele *faz questão* de que a Casa da Sabedoria seja destruída.

O acampamento do exército mongol

RIQ REFLETIU SOBRE AS PALAVRAS DE ABI. Para ele, faziam todo o sentido. Caso Tusi fosse mesmo da SQ, obviamente não ajudaria a salvar a Casa da Sabedoria. Muito pelo contrário. Talvez até fosse por isso que ele havia se tornado conselheiro de Hulagu Khan — ele queria se assegurar de que a destruição aconteceria.

— Você acha mesmo que Tusi é da SQ? — perguntou Dak.

— Acho — confirmou Abi. — Não consigo pensar em outra razão por que um intelectual se recusaria a salvar a Casa da Sabedoria.

— Acho que concordo com Abi — disse Riq.

— Ora, pois eu não — afirmou Sera, cruzando os braços. — Não acredito que um homem como Tusi possa fazer parte da SQ.

— Por que não? — questionou Dak. — Você viu como aquele sujeito era grosseiro.

— Pode até ser grosseiro — admitiu Sera. — Mas também é um matemático, um homem da ciência. Li muito sobre ele. Tusi não é da SQ.

— Muitos cientistas fazem parte da SQ — disse Riq. — Tusi não seria o primeiro.

Sera não parecia muito convencida disso.

— Seja como for, do nosso lado ele não está — lembrou Riq. — Então, o que faremos?

— Ora, vamos ter que trabalhar com a hipótese de que ele é da SQ — falou Dak. — Além disso, sabemos *com certeza* que o califa é um imbecil. Então acho que nós mesmos teremos que falar com Hulagu. Certo?

Riq analisou as opções. Lembrando de sua experiência durante o cerco dos vikings em Paris, quando ficaram presos na cidade após o início do ataque, concluiu que a sugestão de Dak era a melhor ideia possível naquele momento.

— Certo.

— Isso pode ser muito perigoso — afirmou Abi. — Vocês teriam que se aventurar no acampamento de guerra dos mongóis.

Riq olhou para sua túnica. Não seria boa ideia entrar no acampamento dos mongóis vestido como um cidadão de Bagdá. Então ele lembrou que a China e a Mongólia eram vizinhas.

— Nós podemos usar nossas roupas chinesas, assim não vamos parecer tão deslocados.

— Verdade — concordou Abi. — E os mongóis recrutam soldados de todas as terras que invadem. Vocês poderiam se misturar a eles sem chamar atenção. Vamos torcer para que isso seja suficiente para mantê-los a salvo.



Quando a noite caiu, Abi os conduziu de volta às ruas da cidade, passando pela feira dos perfumes, pelas lojas fechadas e pelo arco perto da mesquita, que tinham visto na véspera. Atravessaram o arco, viraram à direita e seguiram por uma rua bem larga.

Havia poucas pessoas por ali, e todas com pressa. Nas janelas e atrás das grades de madeira, via-se a luz bruxuleante das velas e lamparinas. Riq ouviu o som de gente cantando, tocando e rindo dentro das casas. As pessoas nem imaginavam que o cerco dos mongóis começaria no dia seguinte.

— O califa deu ao povo uma falsa sensação de segurança — comentou Riq.

— É verdade — concordou Abi.

O Guardião da História os mantinha sempre nas sombras, e quando passava algum guarda empunhando uma tocha, ele os enfiava em algum esconderijo, como um beco ou atrás de uma das barracas dos ambulantes.

Eles passaram por um cruzamento e viraram à esquerda em outra rua comercial. As construções ali eram maiores e mais luxuosas, quase palácios em miniatura. A alguma distância, Riq viu a muralha da cidade e um portão como aquele pelo qual chegaram à cidade. O portão, no entanto, estava fechado.

— Como vamos sair? — Riq perguntou para Abi.

— Vamos subornar os guardas. Não é uma solução das mais elegantes, mas funciona.

Quando se aproximaram do portão, dois guardas se colocaram diante deles, bloqueando o caminho.

— Saudações — disse Abi.

— O que vieram fazer no portão Halbah a esta hora da noite? — questionou um dos guardas.

— Negociar com vocês — explicou Abi. — Caso estejam interessados em uma pequena transação.

— Que tipo de transação?

— A mais simples de todas — esclareceu Abi. — Um favor em troca de dinheiro.

— Quanto?

— Um dinar para dividir entre os dois — respondeu Abi.

Os guardas se entreolharam.

— E que favor seria esse?

Abi apontou para a frente.

— Abrir o portão e deixar meus amigos passarem.

Os guardas analisaram os três. E então um deles estendeu a mão aberta.

Abi enfiou a mão na túnica, sacou uma moeda e a colocou na mão do guarda. Riq torceu para que eles cumprissem o combinado.

— E então? — perguntou Abi.

O guarda que apanhou a moeda deu risada, soltando o ar pelo nariz. Depois os dois se viraram e fizeram um sinal para que os seguissem. Eles pegaram a chave e destrancaram a

grade menor que ficava ao lado do portão. Os guardas os deixaram passar para um pequeno pátio cercado, onde havia uma segunda porta.

— Vocês estão no lugar mais seguro neste momento — comentou um dos guardas. — Por que querem sair? Os mongóis estão lá fora.

— Nós sabemos — disse Riq.

Os guardas encolheram os ombros e abriram a porta.

Abi encarou cada um deles.

— O acampamento de Hulagu fica a leste daqui. Não tem como errar. Boa sorte para vocês.

Eles se despediram e atravessaram as muralhas da cidade. A porta se fechou atrás deles, e Riq ouviu o som da fechadura sendo trancada. A lua e as estrelas iluminavam o deserto ao redor com sua luz fria e pálida. Riq quase chegou a pensar que estava em um ambiente coberto de neve, e não de areia.

— Então, vamos andando? — perguntou Dak.

— É o jeito — respondeu Sera.

Riq viu o brilho das fogueiras piscando no horizonte. De longe, parecia uma espécie de festa.

— Acho que o acampamento é ali. Vamos.

Eles partiram pela areia, sob o frio da noite.

— A que distância você acha que eles estão? — Dak quis saber.

— Fica perto da nossa visão do horizonte — explicou Sera. — Considerando a nossa altura, uns dois ou três quilômetros.

Riq acelerou o passo. Eles precisavam chegar o quanto antes. O cerco começaria no dia seguinte.



Dak foi despejando fatos sobre os mongóis durante todo o caminho. Riq cerrou os dentes e deixou o menino falar. Ele explicou que se tratava de um dos impérios mais bem-sucedidos da história em termos de conquistas militares, vencendo a maioria das batalhas de que participou. Muitas vezes, não era preciso nem lutar. Quando o inimigo descobria que os mongóis estavam vindo, entregava os pontos. Alguns acreditavam que a sua chegada era uma punição divina, e que por isso nem adiantava lutar. Todos os homens da Mongólia eram criados para serem guerreiros, e suas famílias os acompanhavam nas campanhas.

— É por isso que eu não entendo o que o califa está fazendo — afirmou Dak. — Aquele vizir deu o pior conselho de todos.

— Não importa — rebateu Riq. — Agora já era. Precisamos dar um jeito de barrar Tusi.

— O problema *não é* Tusi — disse Sera.

Riq sacudiu a cabeça.

Instantes depois, Dak retomou seu discurso.

— Sabiam que os mongóis eram frequentemente atingidos por raios? Lá na terra deles não

tinha muitas árvores. Então eles morriam de medo de trovões.

Riq revirou os olhos.

— Deem um tempo, vocês dois.

Depois disso, eles caminharam em silêncio, quebrado apenas pelo som de seus passos na areia e pelo uivo do vento. O vazio do deserto incentivou Riq a refletir sobre sua situação, algo que ele não queria fazer, porque sempre acabava pensando no futuro. Ou melhor, na sua falta de futuro.

Só havia uma solução em que Riq conseguia pensar para sua volta ao futuro. Ele não poderia se arriscar viajando para uma era na qual seria uma total anomalia. Portanto, precisaria ficar em algum ponto do passado enquanto Sera e Dak voltavam ao futuro para trocar o SQuare. Depois disso, eles voltariam para buscá-lo e corrigir as Fraturas restantes. Ele não sabia quando seria o melhor momento para revelar seu plano, nem o que fazer para convencê-los, mas precisava fazer isso logo.

— Esse deserto é meio assustador — comentou Dak. — Parece que só tem a gente no mundo. Como se o Cataclismo já tivesse acontecido.

— Não fala isso — disse Sera em um tom incisivo, quase de irritação.

— Só estou dizendo que...

Sera interrompeu a caminhada:

— Eu disse pra você não falar isso!

— O que foi, cara? — disse Dak, virando-se para ela. — Por que você não conta de uma vez qual é o problema?

— Não tem problema nenhum — garantiu Sera.

— Até parece. Você está agindo que nem o Riq.

Riq não disse nada. Simplesmente continuou andando.

— Tem alguma coisa a ver com o Cataclismo — afirmou Dak. — Está na cara. O que é?

Sera retomou a marcha, e Dak teve que correr para alcançar os dois.

— E então? — ele insistiu.

— É... — começou Sera.

Dak esperou um instante.

— É o quê?

Ela limpou o olho com a manga da roupa.

— Você está chorando? — perguntou Dak.

— *Entrou areia no meu olho!* — gritou Sera. Ela estava claramente abalada.

A voz de Dak ficou mais cautelosa.

— Sera, eu não quis...

— Chega, Dak — falou Riq. — Ela ainda não está pronta pra falar sobre isso com você.

— E com *voce* ela falou? — Dak quis saber.

Riq olhou para Sera. Eles haviam conversado sobre as Reminiscências durante o cerco dos vikings a Paris. E estavam voltando a esse assunto. Será que as batalhas traziam o tema à tona? Sera sacudiu a cabeça para Riq, pedindo que ele não dissesse nada. E ele claramente não estava disposto a se meter na relação dos dois.

— Dak, ela ainda não está pronta para falar disso com *ninguém*.

O que não deixava de ser verdade.

— Querem saber de uma coisa? Não gosto de segredos! — disse Dak. — Preciso saber o que está acontecendo! Se as coisas aqui desandarem, nós precisaremos estar unidos.

Riq admitiu que o garoto tinha razão. Mas ele, assim como Sera, também não estava pronto para conversar sobre seus problemas.

— Vamos andando, Dak — pediu Sera. — Por favor?

Dak cruzou os braços. Sera o puxou.

— Por favor, Dak.

Ele desfez a careta.

— Tudo bem. Vamos lá.

Riq ficou contente que os dois tivessem se entendido, pelo menos por enquanto. Eles voltaram a caminhar. As fogueiras do acampamento já estavam mais próximas. Riq conseguia ver vultos se movendo por lá, meras silhuetas que ainda não era possível identificar. Ele ouviu latidos de cachorros e relinchos de cavalos, além do ruído de metal contra metal.

Quando chegaram às primeiras tendas, Riq percebeu que a execução do plano seria muito mais difícil do que ele imaginava. O acampamento de guerra dos mongóis parecia mais uma cidade que qualquer outra coisa. Era gigantesco. E havia guerreiros armados por toda a parte.

A verdade sobre Tusi

— ISTO AQUI É ENORME — murmurou Sera.

Havia uma quantidade imensa de tendas, todas alinhadas ordenadamente. O que mais impressionou Sera, porém, foram os cavalos. Eles estavam por todos os lados. Um monte deles. Parecia haver uns cinco para cada pessoa. Alguns deles tinham bonecos de pano montados no lombo, como se os mongóis quisessem causar a impressão de que tinham um número de cavaleiros maior do que o verdadeiro.

— Vamos procurar a tenda de Hulagu — sugeriu Dak. — Ela deve se destacar das outras.

Eles se enfiaram entre as tendas, andando pelas sombras, penetrando cada vez mais no território mongol. A cada passo, Sera tinha a sensação de que aquele não era um bom plano para salvar a biblioteca. Ela achava impossível convencer Hulagu Khan de qualquer coisa. Aquilo era ridículo. Seria mais sensato procurar Tusi. Ele, sim, poderia ser persuadido a ajudá-los de alguma forma, pois era um cientista de altíssimo nível, e *não* um membro da SQ.

Os outros dois, no entanto, se recusavam a lhe dar ouvidos, apesar de todas as vezes em que ela estivera certa.

Todos os homens do exército mongol usavam o mesmo uniforme: um casaco de lã comprido, transpassado na frente e abotoado sob a axila direita, que era mantido no lugar por uma cinta fina e uma faixa de pano larga. Por cima de tudo, vestiam uma armadura de couro, coberta de argolas e outras peças de metal. A roupa das mulheres era parecida, mas sem a armadura, e algumas usavam adornos de cabeça coloridos e com miçangas. E elas vestiam calças, o que parecia bem prático para um povo que andava a cavalo todos os dias. Sera abriu um sorriso ao notar isso.

A fumaça das fogueiras e o cheiro de comida preenchiam o ar. Abi tinha razão quanto à diversidade encontrada no império mongol. A presença dos três viajantes do tempo não chamou nenhuma atenção. Seus dispositivos de tradução captaram diversas línguas diferentes nos fragmentos de conversa que ouviam aqui e ali.

Eles continuaram indo em frente. Sem parar. Todas as tendas começaram a parecer iguais para Sera, que se perguntou se eles não estariam rodando em círculos.

— Pessoal — ela chamou. — Vou dizer pela última vez: não acho que Tusi seja da SQ.

— Ah, pelo amor — rebateu Dak.

— Nós já conversamos sobre isso — disse Riq.

Sera sentiu vontade de gritar com eles, mas fechou a boca e guardou seus pensamentos para si.

Tendas, tendas e mais tendas. E ainda mais cavalos.

— Nem parece que eles vão lutar amanhã — comentou Riq. — A maioria está dormindo tranquilamente.

— Acho que os mongóis não têm muitos motivos para perder o sono — explicou Dak. — Eles sabem muito bem como vão ser as coisas em Bagdá.

— O que é aquilo? — perguntou Riq, apontando para a frente com o queixo.

Uma enorme tenda branca apareceu sob o céu noturno, dominando o cenário do acampamento. Tinha quase o tamanho de um campo de beisebol. Sera concluiu que ali ficava Hulagu Khan.

Enfim sabendo para onde ir, os três correram para lá. Não muito tempo depois, Sera notou que, quanto mais se aproximavam da tenda, mais guardas encontravam pelo caminho — homens com elmos em forma de cone, com a ponta afiada e às vezes uma faixa de pele animal. Cada um portava duas espadas, e alguns carregavam machados.

— Nós nunca vamos conseguir chegar até Hulagu — murmurou Sera.

Riq respondeu:

— Você esperava o quê? Que ele estendesse um tapete vermelho para a gente?

— Não — disse Sera. — Só não sei como vamos fazer isso.

— Eu sei — garantiu Dak. — Tenho a estratégia perfeita.

Sera reconheceu aquele tom de voz. Era o que Dak usava quando *achava* que sabia o que estava fazendo, mas não tinha pensado muito a respeito.

— Dak, acho melhor você pensar um pouco antes de fazer alguma coisa — ela alertou.

Dak abriu um sorriso.

— Eu já pensei quando tive a ideia.

Ele correu em direção a um agrupamento de guardas.

— Dak! — murmurou Sera. — Volta aqui!

Mas ele já estava distante demais para ouvi-la.

— Que moleque burro — resmungou Riq.

— Calma aí — rebateu Sera. — Ele ainda é o meu melhor amigo!

Ela e Riq viram Dak sair das sombras correndo e agitando os braços. Como se quisesse chamar atenção. Os guardas deram um grito de alarme e o cercaram, com as armas em punho.

— Ah, pelo am... — Riq se interrompeu. — Sério mesmo que eu ia falar isso?

— Pois é — confirmou Sera.

Riq balançou a cabeça.

— Que ótimo. Não saia daqui.

Ele foi caminhando por entre as tendas em direção a Dak e os guardas, e também foi cercado imediatamente. Sera chegou um pouco mais perto para ouvir o que estavam dizendo. Ela mordia os lábios, apenas esperando e ouvindo. Não fazia ideia do que Dak pretendia, mas não parecia fazer nenhum sentido.

Depois de um breve interrogatório, os guardas seguraram Dak e Riq pelos braços e começaram a puxá-los na direção oposta à da tenda de Hulagu.

— Não, espera aí! — gritou Dak. — Nós somos espiões! De Bagdá! Vocês precisam nos levar até Hulagu!

Então aquele era o plano. No entanto, eles estavam sendo conduzidos a outro lugar, como prisioneiros. Riq sacudiu a cabeça. Ele olhou em direção a Sera e fez um breve aceno, apesar de não conseguir vê-la. O sucesso da missão estava nas mãos dela.



Sera estava dividida. Seria melhor seguir Dak e Riq e descobrir para onde os mongóis os levariam ou continuar com a missão da maneira que ela achasse melhor? Se fosse para fazer isso, ela iria atrás de Tusi.

Em poucos instantes, Dak e Riq sumiriam de vista. Sera hesitou e perdeu a chance de tomar uma decisão. Eles passaram por trás de uma tenda e desapareceram. Sera sentiu um vazio no estômago, mas decidiu simplesmente torcer para que eles conseguissem se virar sozinhos. Ela se ocuparia de salvar a Casa da Sabedoria. Corrigir a Fratura. *Garantir a sobrevivência de seus pais.*

Ela estava fazendo tudo aquilo pelos pais, e impedir o Cataclismo era a única maneira de salvá-los.

Sera se virou para a tenda gigantesca de Hulagu e foi se aproximando discretamente. Na verdade, era mais fácil passar despercebida sem Dak e Riq. Ela era menor e mais silenciosa que os outros dois.

De perto, a tenda parecia muito maior. Quando Sera finalmente encontrou a entrada, viu dezenas de guardas e cavalos, o que só confirmou sua ideia de que seria impossível chegar até Hulagu. E por isso o plano dela era melhor.

Mas como encontrar Tusi? Ela presumiu que, por ser conselheiro de Hulagu, ele provavelmente dispunha de uma boa tenda, e não muito distante dali. Sera começou a olhar ao redor. Havia algumas tendas nas proximidades, e eram maiores e mais luxuosas que as localizadas na entrada do acampamento — tinham bordados e pinturas. No entanto, nenhuma possuía qualquer indicação de pertencer a um astrônomo e matemático.

Demorou um bocado, mas Sera conseguiu contornar a tenda de Hulagu, passando pelos guardas e demais guerreiros mongóis, mas sem obter nenhuma pista. Ela ficou desanimada e decepcionada. Não havia como saber se Tusi estava em alguma daquelas tendas. E, se ele estivesse em algum outro lugar do acampamento, não teria como encontrá-lo.

Ela chutou o chão, frustrada, e foi quando reparou em uma coisa. Havia algumas marcas na areia. Formas geométricas com inscrições ao lado. As letras pareciam árabes, mas as formas eram claramente diagramas — dois círculos, um com a metade do tamanho do outro. O Par de Tusi. Havia um banquinho bem ao lado da tenda, e Sera foi logo imaginando a cena: Tusi sentado ali, escrevendo na areia para resolver seus problemas. Aquela tenda só podia ser dele. Quem mais fazia aquele tipo de desenho?

Ela esperou os guardas se afastarem e foi até a abertura da tenda. Respirando bem fundo, ela entrou.

Lá dentro era bastante confortável. Tapetes grossos cobriam o chão ao redor de um poste de sustentação central grosso como uma árvore. Havia tapeçarias e sedas penduradas por todos os lados, e mesas repletas de livros e instrumentos de metal. Em um canto do cômodo, Sera viu uma pilha de almofadas e travesseiros. Quando olhou melhor, percebeu que alguém estava sentado ali, completamente imóvel, e quase pulou de alegria.

Era Tusi. E estava olhando para ela.

— O-olá — disse ela. — Não vi que você estava aí. Lembra de mim?

— Claro — respondeu Tusi. — Como e por que você veio até aqui?

— Vim com aqueles meus dois amigos — explicou Sera. — Para convencer você.

— Me convencer?

— A salvar a Casa da Sabedoria.

Tusi suspirou. Ele olhou para o próprio colo, e Sera notou que havia um livro ali, que ele fechou. Seus livros estavam todos ali, sempre à mão, mas ele se recusava a salvar os de Bagdá.

— Quero te contar uma coisa — ele anunciou.

Sera pôs as mãos na cintura.

— O quê?

— Depois de me nomear seu conselheiro, Hulagu Khan me contou sobre o ataque a Bagdá e perguntou se o alinhamento das estrelas estava favorável. Nesse momento, eu tinha uma escolha a fazer. Eu sabia que Hulagu *queria* invadir a cidade. Se eu dissesse que a posição dos astros não era a ideal, ele poderia poupar Bagdá por um tempo, mas isso criaria problemas para *mim*. Eu poderia muito bem ser executado. Por outro lado, se dissesse o que ele queria ouvir, que estava tudo de acordo com suas ambições, poderia obter algumas vantagens em retribuição.

— Então você mentiu?

— Os astros estão sempre em movimento. No entanto, a *interpretação* desses movimentos pode ser bem flexível.

Sera fechou os olhos e sacudiu a cabeça.

— Não vejo diferença entre isso e mentir.

— Você ainda é muito nova. Com o tempo, vai entender que as coisas não são tão simples quanto gostaria. Existem pouquíssimas coisas com as quais podemos contar além das leis do universo. E de nós mesmos.

Ela pensou um pouco a respeito, e aquela lhe pareceu uma forma muito triste de encarar a vida.

— Eu posso contar com os meus amigos. E com a minha... *família*.

Quando Sera pronunciou essa última palavra, ela ganhou um novo sentido em sua mente, um peso todo especial, pois agora incluía também seus pais.

Tusi abriu um sorriso.

— Se seus amigos e sua família são tão confiáveis quanto a movimentação dos astros, você tem mesmo muita sorte.

Sera caminhou mais para perto e sentou nas almofadas.

— A Casa da Sabedoria abriga muitos livros importantes. Eles precisam ser preservados para

as futuras gerações. Você não entende isso?

— Claro que sim. Mas não posso fazer nada.

— Hulagu Khan ouviria você.

— Esse é um risco que não estou disposto a correr.

— Você é da SQ? — ela perguntou, sem pensar direito no que fazia.

— Eu sou do quê?

Nos olhos dele, não havia nenhum sinal de dissimulação. Tratava-se de uma dúvida sincera. Se ele fosse da SQ, perceberia no mesmo momento que estava diante de uma Guardiã da História, e o rumo da conversa mudaria. Ela suspirou, se sentindo vingada.

— Nada não. Me enganei.

— Se enganou com o quê?

Me enganei ao pedir sua ajuda, ela pensou. Mas respondeu apenas:

— Nada.

Tusi se levantou.

— Quando os ismaelitas me capturaram e me levaram para a fortaleza de Alamut, eu também tinha uma escolha a fazer. Poderia resistir e provavelmente ser morto, ou me adaptar e continuar meus estudos. Quando Hulagu Khan destruiu a fortaleza e me libertou, surgiu uma nova oportunidade. Eu poderia ser executado, ou me juntar a ele e prosseguir com meu trabalho. Mais uma vez, foi essa a minha escolha. — Ele olhou a tenda ao redor. — Agora posso continuar, mesmo que todas as bibliotecas do mundo virem cinzas. Só o que me interessa é o meu trabalho. Não posso permitir que nada prejudique meus estudos, então não posso me arriscar a fazer o que você está pedindo. Entendeu?

— Entendi — respondeu Sera. — Você pode não ser da SQ, mas também não é o homem que eu esperava que fosse.

ULTIMAMENTE, as ideias de Dak não vinham dando muito certo. Ele não conseguia entender por quê. A princípio, elas pareciam ótimas. O grande problema era que ele só percebia que a coisa não iria dar certo quando já era tarde demais.

Como naquele momento. Não tinha sido uma boa ideia ir até os guardas de Hulagu e pedir para ser preso. Não mesmo. Agora, para piorar, ele e Riq estavam sendo levados para o lado oposto ao que gostariam de ir.

— Foi mal ter feito você entrar nessa — disse Dak.

Riq sacudiu a cabeça.

— Mais tarde você vai ouvir muito por causa disso. Mas por enquanto a gente precisa se concentrar em descobrir o que fazer.

— A Sera vai vir soltar a gente — garantiu Dak.

— Pode ser. Mas não dá para contar só com isso. Se ela for esperta, vai se preocupar em corrigir a Fratura e não os nossos erros. — Ele fez uma pausa, e depois disse baixinho: — O destino do mundo é mais importante que o nosso destino como indivíduos.

Dak tinha *certeza* de que havia alguma coisa sobre o Cataclismo que os outros dois não queriam contar. Ele detestava não saber das coisas, abominava esse tipo de incerteza, pois fazia sua mente divagar e despertava seus temores, e logo o medo dominava seus pensamentos. No entanto, sabia que não adiantava questionar Riq sobre esse assunto. Riq não gostava muito dele e não ia querer se abrir.

— Para onde estão levando a gente? — ele perguntou para os guerreiros mongóis.

A princípio, eles ficaram em silêncio.

— Para o Semideus — um dos mongóis respondeu por fim.

— O que ele quis dizer com isso? — perguntou Riq.

Dak encolheu os ombros. Ele não fazia ideia.

Quando chegaram a uma tenda enorme, os mongóis os empurraram para dentro e os jogaram no chão. Dak passou os olhos pelo lugar. Havia quatro postes de sustentação e inúmeras mesas com mapas e cartas cartográficas. Havia um local para descanso, com almofadas e travesseiros, mas sem tapetes. Era uma tenda de guerra, não de luxo.

Um homem ergueu os olhos da mesa sobre a qual estava reclinado e olhou para Dak, que baixou a cabeça. Algo naquele sujeito despertava um medo instintivo e imediato. Dak não gostava de demonstrar temor, por isso logo voltou a erguer a cabeça.

O homem não era muito alto, mas por algum motivo parecia forte e resistente como uma

estátua de bronze. Ele contornou a mesa lentamente e se postou diante deles, com as mãos escondidas atrás das costas.

— Sou o general Guo Kan — ele se apresentou.

— É um nome chinês — comentou Riq. — E você está colaborando com os mongóis? Pensei que fossem inimigos.

— O grande khan aceita qualquer um que tenha valor, sem se importar com berço ou nacionalidade. Nosso exército tem homens dos quatro cantos da Terra. Os engenheiros que projetam nossas armas pesadas são os mais brilhantes do mundo.

— Você é o Semideus? — perguntou Dak.

— Tem gente que me chama assim.

— Por quê? — questionou Riq.

— Porque nunca fui derrotado no campo de batalha. Quem são vocês?

Dak não sabia o que dizer. Que tipo de mentira não seria facilmente desmascarada por alguém como Guo Kan?

— Somos simples viajantes — falou Riq. — Chegamos a Bagdá dois dias atrás, e resolvemos ir embora antes que a batalha começasse.

— Meus homens disseram que vocês pediram para ser levados até Hulagu Khan. — O general fez um movimento com a mão, uma espécie de ordem, e os homens que seguravam Dak começaram a remexer em suas roupas e apertar seus braços, pernas e tronco. Eles estavam revistando os dois, e obviamente não encontraram nada. — Não estão armados — disse Guo Kan. — Então não pretendiam assassiná-lo. Mas por que queriam ser levados até ele?

— Nós... — Riq não soube o que dizer. — Somos simples viajantes.

— A julgar pelas roupas, o jeito de falar e a conduta, devem vir de muito longe.

— E viemos mesmo — confirmou Riq. — Gostaríamos de seguir viagem agora, se possível.

Guo Kan olhou para seus homens.

— Saiam. Todos vocês.

Dak se perguntou mentalmente o que o general estava fazendo. Por que ele queria que os guardas saíssem?

Quando ficaram a sós, Guo Kan abriu um sorriso.

— Vocês não sabem quem eu sou, mas sei quem vocês são. E podem acreditar: as bibliotecas de Bagdá vão ruir. Não há nada que possam fazer para mudar o curso da história.

Dak teve um sobressalto. Ele olhou para Riq, e depois de novo para Guo Kan.

— Você é da SQ!

Ele havia se entregado deliberadamente nas mãos do inimigo.

— E vocês são Guardiões da História. — Guo Kan sorriu novamente. — Ou melhor, *eram*. Onde está a outra?

— Que outra? — perguntou Riq.

— A menina.

Dak prendeu a respiração.

— Q-que menina?

— A menina que meus espiões viram com vocês.

— Não sabemos do que você está falando — afirmou Riq.

— Ah, não? — Guo Kan ergueu as sobrancelhas maliciosamente, fingindo surpresa. — Mas o fiscal do mercado e o vizir sabem muito bem do que estou falando.

O choque de receber aquela informação impediu que Dak dissesse qualquer coisa. Os Guardiões do Tempo estavam de olho neles desde o início.

— Agora que já esclarecemos esse ponto — continuou Guo Kan —, acredito que o dispositivo de viagem no tempo esteja com a menina.

— Nós perdemos o dispositivo — Dak ergueu as mãos, balançando os dedos. — Sou muito desastrado.

— E também um péssimo mentiroso. — Guo Kan chamou de volta um de seus homens. O guerreiro fez uma mesura, e o general ordenou: — Quero que todas as tendas do acampamento sejam revistadas em busca de intrusos antes do amanhecer. Transmitam essa ordem aos comandantes dos *tümen* imediatamente.

— Sim, general — disse o homem e saiu.

Dak engoliu em seco, preocupado com Sera. Ele não sabia onde a garota estava, mas os guardas provavelmente a encontrariam.

— Ela ficou na cidade — afirmou Riq. — Não veio com a gente.

— Até parece. — Guo Kan abriu um sorriso de orelha a orelha. — Se vocês foram os únicos Guardiões da História mandados para cá, então a SQ não tem nada a temer.

— Que engraçado — comentou Dak. — Os Guardiões do Tempo dos últimos oito lugares que visitamos disseram a mesma coisa. E não se deram muito bem no fim das contas.

O sorriso de Kan se esvaneceu um pouco.

— A maré às vezes muda.

— E a história também — acrescentou Riq. — É isso que nós fazemos.

— Não desta vez — garantiu Guo Kan. — Eu sou o Semideus. Nunca perco. E o seu fracasso aqui vai anular todas as suas vitórias anteriores.

Aquelas palavras deixaram Dak apavorado. Guo Kan tinha razão. Um eventual fracasso seria desastroso, desfazendo tudo o que já haviam conquistado.

— O q-que você vai fazer com a gente? — perguntou Dak.

— Por enquanto, vou mantê-los aqui. Quando encontrar sua amiga e pegar o dispositivo, vou acabar com os três. Enquanto isso, tenho uma cidade para invadir. E uma biblioteca cheia de livros de Aristóteles para destruir.



Dak e Riq estavam sentados na areia, amarrados a um dos postes de sustentação da tenda. Eles estavam lá fazia horas. Nem os guardas nem Guo Kan haviam aparecido com Sera, e Dak considerou isso um bom sinal. Significava que ela estava lá fora em algum lugar. Ainda em liberdade.

— Acho que Sera tinha razão — disse Riq. — Sobre Tusi.

— Devia ter mesmo — concordou Dak. — Mas precisamos contar isso a ela? Nós nunca mais vamos ter sossego.

Riq deu uma risadinha.

— Tem razão. Ela ia ficar falando isso o tempo todo.

Dak também caiu na risada.

— Então, o que vamos fazer ago...

— Shh. — Riq apontou para fora da tenda com a cabeça. — Você ouviu?

Dak prestou mais atenção e escutou um som ritmado, a batida poderosa de um tambor. Gritos e vozes se elevando. O retumbar do casco dos cavalos. Dak sentiu o chão tremer.

— O exército mongol está se deslocando — falou Riq. — Já deve ter amanhecido. O cerco a Bagdá começou.

— Então a gente precisa voltar pra lá — disse Dak. — E encontrar alguma outra maneira de salvar os livros.

— Acho que essas cordas têm outros planos.

— Bom, e o que podemos fazer com elas?

— Sei lá — respondeu Riq. — Sacudir?

— Vale a pena tentar.

Dak sabia que Riq estava sendo sarcástico, como sempre. Mas eles não tinham outra opção. Sendo assim, durante os minutos seguintes, os dois se contorceram e repuxaram como loucos, tentando afrouxar os nós. No entanto, quanto mais força eles faziam, mais apertados os nós pareciam ficar.

— Alguma outra ideia? — perguntou Dak.

— Não. E por que sou sempre eu quem tem que dar as ideias?

— Como assim? Eu dou ideias o tempo todo!

— Como aquela que prendeu a gente aqui? Como aquela de falar sobre viagem no tempo na frente da cidade toda? Me referia a ideias *boas*, Dak.

Dak fechou a cara. Ele sabia que nem todos os seus planos saíam conforme o planejado. E que às vezes agia sem pensar. Mas era melhor do que não tomar atitude nenhuma, certo?

— Tudo sempre sobra pra mim — resmungou Riq. — É sempre assim. Mas um dia eu posso não estar por perto para salvar a pele de vocês dois.

Dak estava pronto para argumentar contra a afirmação de que era sempre Riq quem os tirava dos apuros, mas parou para pensar na segunda parte do que ele havia dito.

— Como assim, você pode não estar por perto?

Riq não respondeu. Ele chegou a abrir a boca, mas fechou de novo.

— Nada.

Dak se perguntou se aquilo tinha a ver com o motivo de Riq parecer tão incomodado ultimamente. Se era algo relacionado às suas Reminiscências ou algo parecido.

— É sério, o que você quis dizer?

— Esquece isso.

— Beleza. Mas depois não vai dizer que eu não tentei ajudar.

— Pode deixar.

— Legal. Então quem vai ter que dar uma ideia sou *eu*. E uma ideia *boa*. — Dak observou o local onde o poste de sustentação se juntava à cobertura da tenda. E depois olhou para a maneira como estava apoiado sobre o chão. Não parecia estar enterrado, nem encaixado em nada. — E se nós dois empurrássemos na mesma direção para derrubar o poste?

— A tenda inteira iria cair — respondeu Riq. — E os guardas saberiam que estamos tentando fugir. Eles estão logo ali fora.

— Aí é só sair correndo.

Riq não disse nada.

— A gente precisa fazer alguma coisa — insistiu Dak.

Riq suspirou.

— Tudo bem. Vamos tentar. Mas precisamos começar empurrando devagar.

Eles foram puxando as amarras para cima até ambos ficarem de pé. Fazendo força para empurrar o poste ao mesmo tempo e na mesma direção, eles conseguiram mover um pouco sua base.

— Está funcionando — comentou Riq.

— Não falei? Continua empurrando.

— Só um pouquinho por vez. Para não chamar atenção e nem derrubar a tenda antes que a gente esteja pronto para fugir.

Durante vários minutos, eles foram deslocando a base do poste centímetro por centímetro, até que faltasse só mais um empurrão para fazê-lo tombar. A tenda ficou um pouco torta, mas ninguém pareceu notar. Ou, pelo menos, ninguém entrou para ver o que estava acontecendo.

— Certo — disse Riq. — Quando o poste se soltar, a gente vai ter que dar um jeito de não ficar preso. Vamos ter que passar as cordas pela base do poste e ainda procurar uma saída. Está pronto?

— Estou — respondeu Dak.

— Quando eu contar até três. Um, dois, três!

Eles empurraram com força. A base do poste se soltou, e o tecido da tenda caiu sobre eles, a seda se moldando ao topo de suas cabeças. Os dois ouviram os gritos de alerta dos guardas do lado de fora.

Dak e Riq foram puxando as cordas até arrancá-las do poste. Com isso, os nós ficaram frouxos, e eles puderam soltar as mãos.

Os gritos foram ficando mais altos, já bem próximos.

— Certo — disse Dak. — E agora?

— Sei lá — respondeu Riq. — A ideia foi sua!

— Ah, eu também não sei!

Eles escutaram o som do tecido se rasgando, e viram a ponta de uma faca escorregando por ele. Seria um soldado tentando encontrá-los? Dak observou enquanto a faca abria uma fenda de tamanho considerável na tenda.

— Vocês vêm ou não? — disse uma voz bastante conhecida dos dois.

— Sera?

Dak enfiou a cabeça para fora, e lá estava ela, de pé, com a faca na mão. Ele se esgueirou

pela abertura.

— Vamos embora — disse Riq, que vinha logo atrás. — Antes que os guardas percebam que a gente saiu de fininho.

O cerco dos mongóis

RIQ LIDEROU O CAMINHO NA FUGA DO ACAMPAMENTO MONGOL, que parecia deserto em comparação com a noite anterior. Eles correram em meio às tendas, desviando e fazendo zigue-zagues, tentando ficar longe da vista de mulheres, crianças e quem mais tivesse ficado para trás quando o exército avançou. Riq estava atento para qualquer sinal de que estivessem sendo perseguidos, mas não ouviu nenhum. Quando saíram do acampamento, ele viu uma nuvem de poeira logo à frente, levantada pela cavalaria que se dirigia a Bagdá.

— Então, só para esclarecer — disse Sera —, a gente precisa abrir caminho pelo campo de batalha e dar um jeito de entrar na cidade e bolar um novo plano para salvar a Casa da Sabedoria. Certo?

— Certo! — confirmou Dak.

— Moleza — comentou Riq, com um sorrisinho irônico.

— Você estava certa sobre o Tusi — Dak falou para Sera. — Ele não é da SQ.

— Eu sei.

— Ei, não precisa ficar convencida — reclamou Dak. — Você só ficou sabendo disso *agora*.

— Não, eu fiquei sabendo ontem à noite, quando perguntei para ele.

— Sério? — perguntou Dak.

— Sério.

— Você conversou com ele? — Riq quis saber.

— Sim. Foi ele que me escondeu quando revistaram o acampamento. E também me contou onde encontrar vocês. Mesmo assim, ele não vai nos ajudar a salvar a biblioteca. O que significa que não faz diferença se ele é da SQ ou não.

— Que seja — disse Riq. — A gente cria um novo plano quando encontrar o Abi. — Ele começou a caminhar sobre a areia do deserto. — A boa notícia é que a gente está *atrás* do exército mongol. Assim fica mais difícil ser pisoteado pelos cavalos.

— Ainda bem — concordou Dak. — Mas saiba que os mongóis eram famosos por conseguir atirar flechas em qualquer direção, *mesmo* enquanto cavalgavam, e com uma precisão mortal. Eles sabiam atirar até para trás, que é a direção onde estamos.

— Ainda bem *uma ova*, então — falou Sera.

— Eles estão mais preocupados com a cidade do que com a gente — argumentou Riq. Pelo menos era isso que ele esperava.

Eles cruzaram os quilômetros de areia que separavam o acampamento da cidade, chegando cada vez mais perto. Bagdá os esperava logo adiante, parecendo pequena e indefesa, enquanto

o exército mongol se estendia por todo o horizonte, cercando por completo a muralha da cidade. A maior parte das forças do exército parecia concentrada bem na frente deles, se dirigindo a uma enorme torre na muralha.

Riq duvidava que eles conseguiriam se aproximar dos portões da cidade por aquele lado. Eles precisariam dar a volta e usar o rio para chegar à Casa da Sabedoria.



Quando os três alcançaram o exército mongol, os guerreiros já estavam entrando em formação. Os cheiros e a paisagem do local fizeram Riq se lembrar vividamente dos vikings em Paris, porém os mongóis pareciam ter muito mais disciplina e organização. O som de sua investida era ensurdecedor.

A maior parte da cavalaria se mantinha na retaguarda, enquanto mais à frente as armas pesadas já começavam a atacar a cidade. Catapultas arremessavam pedras imensas contra as muralhas de Bagdá, e balestras gigantes lançavam projéteis flamejantes por cima delas. Riq era capaz de imaginar o medo e a destruição que assolariam as ruas. Estava claro que a cidade não conseguiria resistir por muito tempo a um ataque desse tipo.

Na frente das armas pesadas, os arqueiros galopavam de um lado para o outro junto à muralha, disparando flecha atrás de flecha e depois recuando. A bravura em seus movimentos era notável.

Os três conseguiram passar despercebidos, ou pelo menos ignorados, por trás do exército.

— Vamos até o outro lado da cidade — propôs Riq. — A gente pode usar um barco para chegar até o ancoradouro dos Anzoleiros. Que tal?

— Boa ideia — disse Sera.

— Vai você na frente — falou Dak.

Enquanto eles contornavam a muralha sob o sol do deserto, os mongóis mantiveram um ataque cerrado. Os três demoraram um bocado para alcançar a porção noroeste de Bagdá, onde ficava o rio, e, quando chegaram, Riq duvidou seriamente da viabilidade de seu plano.

As forças mongóis na margem do rio eram tão numerosas que chegar até a água seria difícil.

— Precisamos dar um jeito de passar por eles para conseguir um barco — comentou Sera.

Riq se virou para Dak. Era uma das raras ocasiões em que seus conhecimentos sobre história podiam ser úteis.

— Quanto tempo esse cerco durou? — ele perguntou.

— Sete dias — informou Dak. — Foi o tempo que levou para os mongóis tomarem aquela torre grandona, a Torre Persa.

— Então ainda temos um tempinho. Acho melhor a gente se esconder por enquanto e tentar atravessar o rio à noite — sugeriu Riq. — Assim vai ser mais fácil passar.

Eles encontraram um lugar mais afastado e esperaram a noite cair. Não demorou para Riq sentir os efeitos da privação de comida e água. Sua boca e garganta ficaram secas. A fome corroía suas entranhas. O desconforto físico só intensificou o medo e o temor que ele já sentia

quanto ao futuro.

Quando estavam na tenda de Guo Kan, por pouco Riq não se abriu com Dak, mas não conseguiu. Era como se temesse dizer aquilo em voz alta. Como se, ao fazer isso, seu medo se transformasse em realidade. Além disso, Riq não sabia *como* verbalizar seus sentimentos. Apesar de todos os idiomas que conhecia, às vezes era difícil encontrar as palavras certas.

— Vocês conseguem imaginar como está o futuro? — perguntou Dak. — Como será que anda o mundo depois que corrigimos aquelas Fraturas?

Riq ficou paralisado ao ouvir aquilo. E notou que Sera também.

— A primeira Fratura, por exemplo. Aposto que agora deve ter um monte de coisas com o nome de Colombo. — Dak fez um zigue-zague na areia com o dedo, como se estivesse ligando pontos invisíveis. — A história da França deve ser outra, já que a SQ não conseguiu impedir a Revolução. É como se nada fosse definitivo, como se tudo estivesse no ar. Nós estamos mudando tudo.

— Você parece meio incomodado — comentou Sera. — Não é para isso que estamos aqui?

— Acho que sim — respondeu Dak.

— Você “acha”? — questionou Sera.

— Quer dizer, eu *sei* — corrigiu-se Dak. — É para isso que estamos aqui, claro. É que...

— O quê? — perguntou Riq.

Dak franziu a testa.

— A história deveria ser imutável.

— E vai ser — garantiu Riq. — Quando a gente concluir a missão, a história estará em sua versão definitiva.



Eles esperaram o sol se pôr completamente e o céu ficar bem preto. Os sons da batalha se perdiam na escuridão, mas as fogueiras acesas na linha de frente mostravam que os mongóis ainda estavam por lá, e retomariam o ataque ao amanhecer. Sob a luz da lua, Riq, Sera e Dak correram em direção ao rio.

Seu objetivo era chegar a um local escuro e ermo entre duas fogueiras, em torno das quais os guerreiros estavam reunidos. Riq torceu para que, ofuscados pela luz, os mongóis não conseguissem enxergá-los. Os viajantes do tempo se locomoveram em fila indiana até onde a água escura refletia a luz da lua e o som da correnteza abafava um pouco o ruído que faziam.

Havia alguns barcos flutuando entre as ondulações, esbarrando uns nos outros, amarrados a um pequeno ancoradouro. Os três chapinharam pelo rio até as embarcações. Riq sentiu o impacto da água gelada contra a pele. Dak foi até as cordas que seguravam os barcos, enquanto Sera subiu em um deles e se agachou lá dentro.

— Vou soltar todos — sussurrou Dak. — Assim eles não têm como perseguir a gente, e nem saberão em qual barco estamos.

— Boa ideia — Riq murmurou em resposta. Pelo jeito, o garoto ainda era capaz de pensar direito.

Dak soltou os barcos e deu um empurrão para que começassem a descer o rio. Riq segurou a embarcação onde estava Sera, esperou que Dak subisse a bordo e subiu também.

— Ora — comentou Sera —, acho que deu tudo cer...

Um grito de alarme ressoou na beira do rio.

Riq se virou para ver a correria dos vultos se afastando das fogueiras.

— Você acha que eles viram a gente? — perguntou Dak.

Alguma coisa passou sibilando e atingiu a água bem perto da embarcação. Era uma flecha.

— Pelo jeito, sim — respondeu Riq. — Rápido, peguem os remos!

Eles começaram a remar o mais depressa que podiam. Várias flechas caíam ao redor, espatifando-se contra a água, e algumas chegaram a atingir o casco do barco.

— A gente deu sorte — comentou Dak. — Acho que eles não estão enxergando direito.

— Eles já viram o suficiente — rebateu Riq.

Os três remaram exaustivamente até saírem do alcance dos arqueiros, mas Riq achou que ainda não era hora de aliviar o ritmo. Eles precisavam chegar ao ancoradouro dos Anzoleiros o quanto antes, já que os mongóis poderiam muito bem conseguir outras embarcações para persegui-los.

Pouco tempo depois, as construções de Bagdá apareceram dos dois lados do rio. As luzes da cidade se refletiam em faixas ondulantes na água. Quando avistou o palácio do califa, Riq manobrou a embarcação até a margem.

Eles chegaram ao ancoradouro, e Riq viu a Casa da Sabedoria. Ele relaxou um pouco e suspirou de alívio, ligeiramente impressionado por terem conseguido entrar na cidade em meio ao cerco. Quando chegaram ao atracadouro, Dak saltou, amarrou o barco e ajudou Sera a desembarcar. Riq pulou logo atrás, mas, antes que pudesse recuperar o equilíbrio, alguém gritou.

— Alto lá!

Quando Riq se virou, deu de cara com um grupo de guardas da cidade, que vinham em sua direção com as espadas em punho.

— Espiões! — gritou um deles.

Riq ergueu as mãos.

— Não somos espiões. Somos estudiosos da Casa da Sabedoria. Somos seus aliados.

Os guardas os cercaram, ainda brandindo as armas.

— E que provas vocês têm disso? — um deles questionou.

— Está falando sério? — questionou Dak. — É só nos levar até Abi que ele confirma para vocês.

— Vocês são amigos de Abi, o traidor? — perguntou um guarda. — Então eu tenho uma ideia melhor. Vou levá-los até o grão-vizir, e ele decidirá o que fazer.

— Traidor? — repetiu Dak.

— Tudo bem! — respondeu Sera. — Então vamos falar com o vizir.

Riq arregalou os olhos e a encarou.

— Tudo bem nada!

— Por que não? — contestou Sera. — O vizir sabe quem somos. Ele pode confirmar nossa

história.

— Não — retrucou Dak. — Você não está entendendo. O general Guo Kan, do exército mongol, é um Guardião do Tempo, e tem espiões na cidade. O vizir é da SQ!

Aprisionados

OS GUARDAS CONDUZIRAM SERA, DAK E RIQ até o palácio. Sabendo que a SQ tinha agentes *dentro e fora* da cidade, a situação parecia muito mais desesperadora. Mas Sera se recusava a desistir. De jeito nenhum. Eles precisavam corrigir aquela Fratura de qualquer maneira.

— Pelo menos agora a gente sabe por que o vizir aconselhava tão mal o califa — disse Dak. — Ele estava fazendo de tudo para acabar com Bagdá.

— Pois é — concordou Riq. — Mas isso não faz com que me sinta melhor como prisioneiro dele.

Eles entraram em uma pequena construção anexa ao palácio, com paredes grossas e janelas estreitas. Os guardas os empurraram por um corredor até uma das muitas celas. O metal rangeu quando eles fecharam uma grade de ferro diante dos três, a trancaram e saíram sem dizer nada.

— Isso não é nada bom — comentou Sera.

— Guardiões da História? — disse uma voz que vinha de uma cela do outro lado do corredor. Abi surgiu no meio da escuridão. — São vocês?

— Sim! — Sera ficou aliviada em vê-lo novamente, apesar da situação. — Está tudo bem com você, Abi?

— Não estou ferido. Eles me prenderam logo depois de eu ajudá-los a sair da cidade. Conseguiram convencer Hulagu a preservar as bibliotecas?

— Não conseguimos nem chegar até ele — respondeu Dak. — Riq e eu fomos capturados pelo general Guo Kan, que é um Guardião do Tempo, aliás. E Sera tentou conversar com Tusi, mas ele não quis ouvir.

Abi baixou a cabeça, e o sorriso largo que costumava ostentar sumiu de seu rosto.

— Então parece que não temos mais esperanças.

— Não diga isso, por favor. — Sera precisava resistir ferozmente para não pensar o mesmo. Devia haver outra saída. Alguma ideia que ninguém conseguira ter. Se ela ainda tivesse os cabelos longos, estaria puxando suas pontas enquanto observava as grades de ferro em busca de uma forma de fugir.

— Tudo bem — disse Riq. — A gente dá um jeito.

— Isso mesmo — reforçou Dak. — Não é a primeira vez que ficamos presos em uma cela.

Sera respirou fundo. Ela sacudiu a grade para verificar se havia alguma barra solta. Não havia. Depois foi até a janela e olhou lá para fora. A cela não ficava em um andar alto, então a queda não seria muito grande. O problema era a janela, estreita demais. Os tijolos de barro,

porém, eram quebradiços o bastante para ser escavados com alguma espécie de ferramenta.

— Vocês têm alguma coisa de metal? — ela perguntou.

Mas naquele momento eles só carregavam o Anel do Infinito e o SQuare. Das profundezas de sua túnica, no entanto, Abi sacou uma pequena faca.

— Eles deixaram passar isto quando me prenderam — ele informou. — Uso para afiar minhas penas de escrita. Mas não serve para muita coisa além disso.

— Talvez não mesmo — disse Sera. — Você pode jogar para cá?

Abi enfiou o braço por entre as grades.

— Cuidado. Lá vai!

Ele lançou a faca pelo ar com cuidado, mas ela bateu na porta da cela e foi parar no meio do corredor.

Os três viajantes do tempo correram até a grade. O braço de Abi ainda estava para fora da cela. Todos ficaram olhando para a lâmina caída no chão entre eles.

— Eu sou um erudito, não um atleta — justificou Abi. — Nunca soube arremessar nada.

Riq se agachou.

— Eu tenho os braços mais compridos. — Ele enfiou o braço entre as grades, bem perto do chão, tentando alcançar a faca. A ponta de seu dedo médio quase conseguiu tocá-la. Ele gemeu e fez força, mas não foi suficiente. Por fim, levantou-se e anunciou: — Não consigo.

Sera olhou ao redor de novo, desta vez procurando algo que pudesse ajudá-los a alcançar a lâmina. Não havia nada. Ela espichou os olhos para o outro lado do corredor, para Abi, que parecia totalmente derrotado. Sua cabeça, enrolada em um turbante, estava baixa e apoiada na grade.

O turbante!

— Abi! — ela chamou. — Esse seu turbante é comprido?

Abi ergueu a cabeça.

— Tem vários côvados. Por quê?

— Nós podemos esticar o pano, passar pelo chão e puxar a faca mais para perto.

A princípio, Abi relutou, mas por fim soltou um suspiro, fechou os olhos e começou a desenrolar o turbante, um processo que demorou um certo tempo e mostrou como aquele adereço era complexo. Sob o turbante, seus cabelos eram longos, e ele os mantinha presos em tranças.

— Vou tentar arremessar melhor desta vez.

Ele segurou uma das pontas do tecido e embolou o restante, que arremessou para Sera. O turbante se abriu no ar em direção a ela, e aterrissou suavemente a seu alcance. Eles baixaram o pano até o chão, esticaram bem e o puseram sobre a faca. Sera então tentou puxá-la em sua direção. A faca não se moveu. Ela esperou que Abi puxasse de volta e tentou de novo. E de novo.

Por fim, a ponta da faca se enroscou no tecido e, quando Sera o moveu, a lâmina ficou de pé. Ela puxou de novo, e a faca caiu em sua direção.

— Agora consigo alcançar — disse Riq.

Ele se agachou, e Abi tomou o turbante e começou a enrolá-lo de volta na cabeça. Foi

quando eles ouviram o som de uma porta se abrindo no final do corredor.

— Rápido! — sussurrou Dak. — Está vindo alguém.

Riq enfiou o braço entre as grades e conseguiu alcançar a lâmina com a ponta dos dedos, tentando trazê-la para si.

— Cuidado — recomendou Abi. — Está afiada.

— Eu sei — falou Riq, gemendo.

Sera ouviu o som de passos ali perto.

— Riq! — ela murmurou.

— Consegui! — Ele tinha acabado de recolher o braço de volta para a cela, com a faca na mão, quando dois guardas apareceram. O grão-vizir veio cambaleando entre eles.

— Então os três — ele limpou a garganta — *estudiosos* voltaram para se juntar ao traidor?

— Não sou traidor — rebateu Abi. — Foi você quem convenceu o califá a tomar uma atitude desastrosa, para seu próprio benefício.

— Mais do que isso — revelou Dak. — Ele é da SQ!

Abi piscou os olhos, perplexo.

— O quê?!

— Pois é — confirmou Riq. Sera notou que ele tinha escondido a faca. — E o fiscal do mercado também. Eles trabalham para Guo Kan, um general de Hulagu.

— Entendo. — A expressão normalmente amena de Abi se tornou dura e raivosa.

O grão-vizir soltou um risinho de deboche.

— Entende nada. Mesmo com acesso a todos os livros da Casa da Sabedoria, você não é lá muito sábio. — Ele se virou para Sera, Dak e Riq. — Agora me entreguem o dispositivo.

Sera cruzou os braços.

O vizir levantou o tom de voz.

— Não me obriguem a matar um de vocês! Entreguem o dispositivo!

Sera olhou para Dak e Riq, e depois para Abi, e não admitiu a hipótese de que algo horrível acontecesse com eles. Ela enfiou a mão dentro da roupa e sacou o Anel do Infinito.

O vizir estendeu a mão.

— Me dê isso aqui.

Ela cerrou os dentes e passou o Anel lentamente para o outro lado. O vizir o agarrou pela outra ponta, e por um instante houve um silencioso cabo de guerra antes que ela abrisse os dedos e largasse o dispositivo.

O vizir guardou o Anel dentro da túnica.

— Vocês vão ficar aqui trancados até a queda da Casa da Sabedoria. Depois disso, serão liberados, e podem fazer o que bem entenderem.

O que não faria diferença, já que eles estariam presos no antigo Oriente Médio. Sera se perguntou se não tinha sido um erro entregar o Anel tão facilmente, mas não havia muito o que fazer. Aquela manobra pelo menos garantiu a eles um pouco de tempo.

O vizir se retirou, junto com os guardas. Ninguém disse nada. Todos pareciam escutar com atenção os passos que se afastavam. Quando tudo ficou em silêncio, Dak jogou as mãos para o alto.

— Ah, que beleza!

— Vai dar tudo certo — garantiu Sera. — A gente só precisa arrumar um jeito de recuperar o Anel depois de salvar a Casa da Sabedoria.

— Coisa que, aliás, a gente nem sabe como vai fazer — comentou Riq.

— Bom, o primeiro passo é sair desta cela — disse Sera. — Você está com a faca?

— Estou. — Riq sacou a lâmina. — O que você está pensando em fazer?

Sera apontou para a janela.

— Lascar os tijolos até conseguir arrancar alguns.

— Mas e o Abi? — cochichou Dak. — Ele não vai conseguir fugir pela nossa janela, e também não pode ficar para trás.

Sera não tinha pensado nisso.

— Que tal tentar arrombar a fechadura? — perguntou Dak.

— Certo — disse Riq. — E você já conseguiu arrombar alguma fechadura da antiga Bagdá antes?

— Não — respondeu Dak. — Mas não deve ser muito complicado.

— É bem complicado — retrucou Abi de sua cela. — Mas não impossível.

— Você sabe fazer isso? — perguntou Dak.

— Eu sei como o mecanismo funciona — afirmou Abi. — Mas vocês vão precisar de mais coisa além da faca: um palito ou coisa do tipo.

Sera já tinha feito um levantamento do que havia na cela. Só restava uma opção, e ela ficou toda arrepiada só de pensar. Enfiou a mão dentro da roupa e sacou o SQuare. O vizir não exigiu nada além do Anel, portanto ela ainda estava com o tablet.

Sera falou, hesitante:

— Posso tentar desmontar isto aqui e encontrar algo que sirva.

— O SQuare? — Riq arregalou os olhos. Ele parecia estar com medo de alguma coisa.

Dak assentiu.

— Por que não? A gente vai ter que voltar para o futuro e pegar um novo mesmo...

— E depois eu posso tentar montar de novo. — Sera não entendeu por que Riq ficou tão assustado. — Vai dar tudo certo.

Riq respirou fundo várias vezes.

— Tudo bem. Certo, vai em frente. O mais importante no fim das contas é a missão.

Sera sentou com o SQuare no colo. Havia uma vedação entre a tela e o corpo metálico do aparelho, que Sera rompeu com a ponta da faca. Depois, passou a lâmina por toda a parte externa do dispositivo, rompendo o lacre. Retirou então a tela do SQuare, abrindo-o como a concha de uma ostra.

O interior do aparelho estava cheio de areia e pó, que cobriam parte dos circuitos e a bateria. Todas aquelas aventuras estavam cobrando seu preço, e Sera se sentiu culpada por ter negligenciado a manutenção do dispositivo. A sujeira dentro do SQuare vinha de diversas partes do mundo, e de oito períodos históricos diferentes.

— Ele bem que estava precisando de uma limpeza, aliás. — Sera soprou com força, fazendo o melhor que podia para tirar a sujeira. — Não acredito que deixei ficar desse jeito. Até o

meu celular eu limpo melhor que isso.

— Você limpa seu celular por dentro? — questionou Riq.

— Isso não é nada — disse Dak. — Ela limpa até a *calculadora* por dentro.

Sera sentiu o rosto ficar todo vermelho.

— E daí? O que é que tem?

— Nada. — Riq se segurava para não rir, Sera percebeu.

— Pelo amor — falou Sera. — Não tenho culpa se vocês não sabem cuidar direito dos seus aparelhos eletrônicos. A poeira acaba com tudo, caso não saibam. — Ela soprou o aparelho outra vez. — Não dá nem pra acreditar que essa coisa ainda funcione.

— Ele foi feito pra durar a missão inteira — comentou Riq.

— *Inteira*, não — rebateu Dak. — Tem alguma coisa aí que a gente possa usar?

Sera examinou os componentes. A maioria era bem o que ela esperava. O posicionamento de certas peças a surpreendeu, mas no geral era um dispositivo muito bem projetado. Ela viu alguns pinos de metal que poderiam ser retirados. Mesmo se ela não conseguisse colocá-los de volta, o SQuare ainda funcionaria, desde que não sofresse muitos impactos.

— Tem, sim — ela falou. — Acho que vai dar certo.

Entre sedas e fechaduras

DAK FEZ UMA CARETA QUANDO SERA ARRANCOU de dentro do Square alguns pinos estreitos de metal. Riq, por sua vez, pareceu sentir uma dor física ao ver o dispositivo ser desmontado. Sera juntou de volta as duas metades e enfiou o aparelho dentro da roupa. Ela estendeu a mão com as pecinhas metálicas.

— Quem quer tentar a sorte?

Dak entrelaçou os dedos e estalou as juntas.

— Eu.

Sera lhe entregou a faca e os pinos. Ele foi até a grade. Abi estava do outro lado do corredor, assentindo com a cabeça.

— Muito bem — começou o Guardião da História. — Existem encaixes aí dentro que você pode levantar com os pinos, para depois virar a fechadura com a faca.

Dak se ajoelhou.

— Certo. — Ele segurou um pino com uma das mãos e a faca com a outra. — Tem certeza de que não quer tentar primeiro?

— Seus dedos são bem mais habilidosos que os meus. Você pode começar explorando um pouco com esse pino. Ouça os sons que ele produz na fechadura e sinta o que tem lá dentro.

Dak passou o braço por entre as grades e enfiou o pino dentro da fechadura. Ele explorou o mecanismo, formando uma imagem mental do miolo da tranca. Calculou que sabia onde ficavam os encaixes. Ele tentou empurrá-los, descobrir como movê-los, e quando achou que estava pronto enfiou a ponta da faca na fechadura e tentou virá-la ao mesmo tempo em que soltava os encaixes.

Não era nada fácil.

Na verdade, era bem difícil. *Mesmo*.

A impaciência e a frustração tomaram conta de Dak. Os pinos eram pequenos demais, ele não conseguia manipulá-los direito. Ele ficou de pé com um grunhido.

— É melhor outra pessoa tentar.

— Você está indo bem — disse Sera. — Está quase pegando o jeito. Continua tentando!

Dak franziu a testa. Talvez no fim das contas fosse melhor tentar escavar a janela, como Sera sugerira. Ele foi até lá e olhou para fora. Enquanto tentava arrombar a fechadura, o dia tinha clareado. A luz fraca do alvorecer lançava sombras nas paredes de barro dos edifícios ao redor. Em seguida, Dak ouviu o que parecia ser um trovão, mas logo reconheceu aquele som.

— Os mongóis recommçaram o ataque — ele falou. — É o segundo dia. Faltam cinco.

— E depois, acontece o quê? — Riq quis saber.

— Bom... — Dak resistiu à tentação de comentar sobre a utilidade de conhecer fatos históricos. Nos últimos dias, ele vinha evitando dizer várias coisas desse tipo. Estava tentando ser legal, apesar do incômodo de não saber o que se passava com Sera e Riq. — Depois disso, Hulagu entrou na cidade. E estabeleceu seu próprio palácio aqui. Cinco dias depois, o califa se rendeu, e os mongóis se espalharam por Bagdá e destruíram tudo.

— Então é melhor a gente abrir logo essa porta — comentou Sera.

Dak suspirou e sua frustração se dissipou um pouco.

— Tudo bem, vou tentar mais um pouco.

Ele voltou para perto da grade, e estava prestes a ajoelhar quando ouviu o som de passos no corredor.

— Eles estão voltando! — Dak se afastou e escondeu a faca e os pinos dentro da roupa.

Dois guardas apareceram com tigelas de barro. Eles destrancaram a cela dos viajantes do tempo e abriram o suficiente apenas para enfiar os potes lá para dentro, junto com uma jarra de água. Depois fizeram o mesmo na cela de Abi.

— Comida — disse um dos guardas, apesar de isso ser bem óbvio. Eles trancaram as celas e saíram.

Uma das tigelas continha algo parecido com feijões. Estavam murchos e sem gosto. Na outra, eles encontraram aveia ou algo do tipo. Sem nenhum talher à mão, tiveram de comer apanhando a comida com os dedos sujos, o que era bem nojento, mas Dak estava faminto o suficiente para nem se importar com isso.

Depois de terminar a refeição, ele voltou para a fechadura, sem sucesso. Então passou a faca e os pinos para Riq.

— Tenta você. Eu não consigo.

Mas Riq também não conseguiu. E nem Sera. Depois de um dia todo tentando, Dak percebeu que, embora Abi dissesse que não era impossível abrir a fechadura, também não era viável.

— Acho melhor voltar para a ideia de escavar a janela — disse Dak. — Mas vai demorar um bocado, e não sei como pode dar certo, com os guardas aparecendo aqui toda hora.

— Precisamos ver quando os guardas vão voltar — sugeriu Riq. — Se descobirmos os horários deles, dá pra saber qual é o melhor momento de fugir.

— Isso ainda não resolve o problema de deixar Abi para trás — lembrou Sera.

Dak se virou para o estudioso.

Abi sacudiu a cabeça.

— Jovens Guardiões da História, vocês precisam corrigir a Fratura. Não se preocupem comigo.

Dak não gostou muito da ideia, mas àquela altura não parecia haver opção. Eles combinaram que esperariam o retorno dos guardas. Enquanto isso, Sera tentou repor os pinos no Square, mas as tentativas de arrombar a fechadura haviam maltratado bastante as peças.

— Não consigo pôr de volta — informou Sera.

— O que isso significa? — A voz de Riq denotava uma pontinha de pânico.

— Talvez nada — disse Sera. — Esses pinos só serviam para manter tudo no lugar. O aparelho ainda vai funcionar. Por um tempo.

— Por um tempo? — perguntou Riq.

— Provavelmente pelo tempo que a gente precisar. As coisas só ficaram meio soltas lá dentro.

Observando a reação de Riq, Dak tentou entender o que estava acontecendo. O sujeito estava claramente preocupado com o SQuare. Dak só não conseguia entender por quê, já que eles teriam de voltar em breve para buscar um novo. Porém, pensando um pouco a respeito, ele se deu conta de que Riq estava esquisito desde que eles receberam aquela mensagem de Brint e Mari. Então Riq estava preocupado com a ideia de voltar ao presente? Por quê? Dak só conseguia pensar que era algo relacionado às Reminiscências.

Reminiscências. Tudo começara com Aristóteles, e esse assunto sempre voltava à tona. Apesar de querer saber como eram as Reminiscências por causa de Sera, Dak se sentia grato por não tê-las, pois não pareciam trazer nada além de sofrimento. E medo.

O fato de seus pais estarem desaparecidos já bastava. Dak não vira nem sinal deles naquela era. Ele estava se esforçando para não pensar no assunto, mas não tinha como deixar de pensar que aquilo significava alguma coisa. Talvez os três já tivessem corrigido Fraturas suficientes para que seus pais voltassem para casa. Dak se perguntou se os encontraria quando voltasse para buscar o novo SQuare.

Esse pensamento fez seu coração acelerar. Ele ficou cheio de esperança, apesar da batalha feroz que se desenrolava do lado de fora da cela.



Os guardas voltaram à noite, trazendo o mesmo tipo de comida. Eles largaram as tigelas e a jarra cheia, apanharam as vazias e saíram.

— Acho que eles só vão voltar de manhã — disse Riq. — Agora deve ser a nossa chance de escavar uma saída.

Ele pegou a faca e foi até a janela. Dak observou enquanto Riq tentava esburacar o ponto de intersecção entre os tijolos, empurrando a lâmina com todo o peso de seu corpo.

— Eles são mais duros do que parecem — Riq comentou. — Isso vai demorar demais.

Mesmo assim ele não desistiu, e logo já estava transpirando, apesar de já ser noite e de o tempo estar frio.

O terceiro dia de cerco havia acabado. O tempo estava passando rápido. Dak pensou no imbatível exército mongol, e sua cabeça começou a borbulhar. Normalmente, ia surgindo um fato por vez em sua mente, logo substituído pelo próximo, mas daquela vez uma ideia estava persistindo.

O equipamento do exército mongol tinha um toque de requinte. Eles usavam uma camada de seda entre a pele e a armadura. Quando uma flecha as transpassava, a ponta do projétil ficava presa na seda. Mesmo que a pele fosse perfurada, o tecido facilitava a remoção da flecha, além de produzir um ferimento mais limpo e menos letal.

Dak não parava de pensar sobre isso. Havia algo ali que poderia ser aplicado a sua situação atual. Ele voltou a atenção para a tentativa de Riq de alargar a janela e olhou ao redor. E depois para a grade. E para a fechadura que durante horas havia frustrado suas investidas.

A fechadura.

Ele enfim compreendeu, e teve vontade de pular de alegria.

— Abi!

Sera e Riq se assustaram com sua súbita explosão.

— Sim? — disse Abi.

— Posso cortar um pedaço do seu turbante?

— Eu... Só se for absolutamente necessário. — Abi começou a desenrolar o turbante outra vez. — O que você pretende fazer?

— Você vai ver — respondeu Dak.

Abi lançou uma das pontas do tecido até o outro lado do corredor, e Dak usou a faca para tirar um pedaço. O homem puxou o turbante de volta, e Dak pegou os pinos de metal que Sera não conseguira pôr de volta no Square. Ele foi até a grade e, com o pino, enfiou a seda dentro do buraco da fechadura e, repassando mentalmente o funcionamento do mecanismo, posicionou o tecido sobre os encaixes.

— O que você está fazendo? — perguntou Sera.

— A seda é silenciosa — explicou Dak. — É bem lisa. Quando os guardas usarem a chave para abrir, acho que a seda vai permitir que a porta abra, mas também vai travar os encaixes. Eles não vão conseguir trancar quando saírem, e então a gente pode dar o fora daqui.

— Hã, você não acha que os guardas vão perceber que a porta está destrancada? — questionou Riq.

— Não se estiverem distraídos com outra coisa — sugeriu Dak. — E eu tenho um plano para isso também.

Dak explicou tudo para os outros, que se mantiveram em silêncio.

— Dak? — Sera disse por fim.

— Quê?

— Acho que essa pode ser uma das suas *boas* ideias.

Dak sorriu com uma pontinha de orgulho.

— Vamos torcer para dar certo.

Durante o resto da noite, eles ensaiaram o que fariam quando os guardas chegassem. Riq jogou a faca e os pinos de metal para Abi, que cortou um pedaço de seda e fez o mesmo na fechadura de sua porta.

Quando o sol nasceu, eles esperaram em silêncio. Lá pelo meio da manhã, Dak ouviu os passos dos guardas. Ele fez um aceno de cabeça para Riq e Sera, que acenaram de volta.

Instantes depois, os guardas apareceram, trazendo a mesma comida horrorosa. Um deles sacou a chave e enfiou na fechadura. O coração de Dak disparou. Ele prendeu a respiração. O guarda tentou virar a chave, desistiu e examinou a fechadura.

Será que vai funcionar?, pensou Dak.

O guarda virou a chave com mais força, e a fechadura fez um clique. Ele abriu a mesma

fresta de sempre para passar as tigelas e a jarra.

Dak se preparou, e torceu para que Riq estivesse pronto também.

E então, quando o guarda ia fechar a porta, Dak se arremessou em sua direção.

— NÃO! — berrou Dak. — Me deixem sair! Não posso ficar aqui.

Riq foi correndo até a porta também, para cumprir seu papel na farsa. O guarda reagiu batendo a grade com força antes que Dak a alcançasse. Dak e Riq agarraram as barras de ferro ao mesmo tempo. Dak fingia puxá-las, enquanto Riq aplicava uma força contrária para manter a porta fechada — isto é, assumindo que ela estivesse, de fato, destrancada.

Os guardas se afastaram de Dak, que sacudia a grade alucinadamente.

— Pare com isso! — gritou um deles.

Dak ficou olhando para eles.

— Pare com isso — repetiu o guarda.

O menino se afastou da grade.

— Se quiser comer de novo — ameaçou o guarda —, é melhor nunca mais fazer isso. Entendeu bem?

— Entendi — respondeu Dak.

Os guardas passaram então à cela de Abi. Quando iam trancar a porta, ele fez uma variação da atuação de Dak, mas um pouco menos exagerada. Os guardas pareceram ficar bem irritados.

— Você também, traidor? — disse um deles. — Só por causa disso, vão ficar todos sem comida hoje à noite. Terão de se virar com o que está aí até amanhã cedo.

— Vocês não podem fazer isso! — protestou Sera.

— Ah, não? — O guarda a encarou. — Então você vai ter uma boa surpresa quando for dormir com fome hoje à noite.

Sera começou a choramingar tanto que Riq até acreditaria, se não a conhecesse tão bem. Sera não era do tipo que choramingava por qualquer coisa.

Os guardas encararam cada um deles uma última vez e se retiraram. Todos esperaram até que o corredor estivesse em completo silêncio antes de irem até a porta.

— A hora da verdade — anunciou Riq. Ele era obrigado a admitir que, se aquilo funcionasse, seria uma das melhores ideias de Dak. Então, deixou que o outro tomasse a frente da situação. — Por que você não tenta?

Dak respirou fundo e puxou de leve a grade. Nada aconteceu. Ele fechou os olhos e puxou com mais força, e a porta se abriu. Riq ficou só olhando, sem conseguir acreditar.

— Você conseguiu mesmo! — disse Sera, sorrindo.

Dak abriu o sorrisinho presunçoso que tanto irritava Riq.

— Claro que sim.

Isso fez Riq desistir do elogio que estava prestes a fazer. Ele se virou para Abi.

— Funcionou para você também?

Abi puxou a grade, e a porta de sua cela também se abriu.

— Sim — respondeu o Guardião da História com um sorriso.

Os quatro deixaram as celas e olharam para o corredor. Riq não fazia ideia se havia guardas ali, mas se lembrava com clareza do caminho até a porta da frente.

— Venham comigo — ele falou. — Em silêncio.

Ele os conduziu pelo corredor, com os ouvidos bem atentos a cada curva. O local estava deserto, não havia nenhum guarda.

— Parece que estamos sozinhos — comentou Riq. — Aposto que o vizir escolheu este lugar de propósito, para ninguém saber que estamos aqui. Os guardas só devem aparecer para trazer a nossa comida.

— Tomara que tenham deixado a porta da frente destrancada — disse Dak.

Logo eles descobriram que a porta da frente nem sequer tinha uma tranca.

— Muito bem — falou Riq. — Antes de sair, é melhor definir o plano.

— Hulagu vai entrar na cidade em três dias — começou Dak. — A minha ideia é tentar falar com ele antes disso, terminar o que começamos lá no acampamento. O que, aliás, era o nosso plano desde o início. Ele precisa ser convencido a não destruir a Casa da Sabedoria.

— Mas e o Anel do Infinito? — questionou Sera.

Riq refletiu a respeito. Guo Kan contou que o vizir trabalhava para ele, o que significava que provavelmente entregaria o Anel a seu comandante na primeira oportunidade. Quando o Anel caísse nas mãos do general, Riq tinha certeza de que o dispositivo desapareceria para sempre. Portanto, era preciso pegá-lo de volta antes que Hulagu e Guo Kan entrassem na cidade.

— Acho melhor a gente se separar — sugeriu Riq. — Uma dupla pode tentar falar com Hulagu, enquanto a outra vai atrás do Anel. Nos encontramos de novo na Casa da Sabedoria.

— Certo — concordou Dak. — E quem vai para onde?

— Eu vou procurar o Anel — disse Riq. Ele achava que seria a pessoa mais apropriada para isso, como uma forma de provar a si mesmo que ainda estava comprometido com a missão, apesar dos riscos pessoais envolvidos.

— Deve estar no palácio, com o vizir — arriscou Abi. — Eu sei como entrar lá, então vou com você.

— O que significa que Dak e eu precisamos procurar Hulagu — complementou Sera. — Tudo bem. A gente consegue.

Riq se preparou para abrir a porta.

— Prontos?

Todos fizeram que sim com a cabeça.

Ele entreabriu a porta e olhou lá para fora. Não havia ninguém por perto.

— A barra está limpa — ele falou. — Boa sorte, pessoal.

Riq escancarou de vez a porta e saiu à luz do dia. O barulho do ataque mongol era mais

alto ali do que na cela. O impacto retumbante da artilharia pesada ecoava pela cidade, assim como os gritos de guerra dos soldados.

Riq e Abi rumaram para o palácio, enquanto Dak e Sera foram na outra direção, para a entrada da cidade. Riq olhou para trás e viu os dois partirem rumo ao perigo e ao caos.



Quando chegaram bem perto do palácio, Abi se deteve.

— Não sei o que vamos encontrar lá dentro. Talvez o califa ainda esteja se negando a enxergar a realidade. Ou talvez esteja cercado de guardas.

— Só tem um jeito de descobrir — disse Riq.

Eles entraram juntos pelo jardim que os viajantes do tempo haviam conhecido em sua primeira visita ao palácio. A beleza e a tranquilidade do lugar pareciam um tanto estranhas para Riq, considerando a destruição que ocorria não muito longe dali. Era como se o califa vivesse em uma espécie de bolha, onde ele podia admirar suas flores e fingir que estava tudo bem.

Em seguida, eles chegaram à *menagerie*. No entanto, havia alguma coisa errada. Muitos animais não estavam mais lá. Ou pelo menos não estavam mais em exibição nas jaulas. Algumas inclusive estavam abertas.

— Pelo jeito os tratadores fugiram — murmurou Abi.

— E onde estão os animais? — perguntou Riq.

— Provavelmente em algum lugar onde se sintam mais seguros que em uma jaula. — Abi olhou ao redor para as árvores, os arbustos, os matagais.

Riq sentiu que estava sendo observado de todas as direções, e os pelos de sua nuca se arrepiaram. Ele sacudiu a cabeça. Devia ser só sua imaginação. Mas ainda assim...

Eles foram avançando lentamente, sempre de olho na vegetação ao redor. Poderia haver tigres ali. E leões. Quando chegaram à extremidade oposta da *menagerie*, ouviram alguma coisa bufar logo adiante, e os arbustos se mexeram. Riq e Abi ficaram paralisados ao ver um urso-negro surgir diante deles.

O animal os encarou e ergueu o focinho no ar, com as narinas dilatadas. Suas orelhas se dobraram para trás, e ele bufou com força. Então arreganhou os dentes e balançou a cabeça de um lado para o outro.

— O que vamos fazer? — Riq sussurrou sem tirar os olhos do bicho.

— Não sei — disse Abi. — Ele está bloqueando nosso caminho.

Riq desviou os olhos do urso por um instante, em busca de outra saída. Havia uma varanda bem ao lado do muro da *menagerie*. Se conseguissem subir ali, poderiam escapar. Olhando com mais atenção, reparou que ao lado do muro havia uma árvore que parecia chegar até a varanda.

— Abi — ele murmurou. — Que tal subirmos naquela árvore?

Abi arregalou os olhos.

— Nunca subi em uma árvore na minha vida.

— Para tudo existe uma primeira vez — respondeu Riq. — Acho que ouvi dizer em algum lugar que nunca se deve dar as costas para um urso.

— E nem para o califa — disse Abi, abrindo um sorriso amarelo.

— Certo. Então vamos sair de perto do urso do califa e subir logo na árvore.

— Você primeiro — falou Abi.

Riq deu um passo para trás com um pé, e depois com o outro. Abi fez o mesmo. O urso os observou sem se mover, mas ainda fungando e mostrando os dentes. À medida que se distanciava, Riq ia dando passos mais largos e seguros. No entanto, sua confiança não durou muito, pois o urso logo começou a caminhar em direção a eles.

— Fique calmo — disse Abi. — Ele não está em posição de ataque.

— Tenta não olhar nos olhos dele. — Essa era outra coisa que Riq se lembrava de ter ouvido em algum lugar. Talvez em um documentário de tevê sobre a vida selvagem que ele assistira com a avó. — Eles encaram isso como um desafio.

— O califa também — acrescentou Abi, desta vez sem sorrir.

Com mais alguns poucos passos, Riq chegou à árvore. Ele não sabia de que espécie era, mas tinha galhos baixos o suficiente para serem escalados, e era isso que importava.

— Abi — ele chamou. — Sobe você primeiro.

— Não — rebateu o outro. — Vai você. Eu posso precisar que você me puxe.

Riq hesitou, mas concluiu que, se Abi tivesse dificuldade para subir, seria mais fácil puxá-lo lá para cima que empurrá-lo a partir do chão. Ele alcançou o galho mais próximo, ainda de frente para o urso. A casca da árvore era bem lisa.

— Lá vou eu.

Com um movimento fluido, Riq se virou, apoiou o pé no tronco e elevou o corpo até o galho. Ele ergueu uma das pernas e se sentou, com um pé de cada lado do galho. Depois dobrou os joelhos, se pôs de pé e abraçou o tronco.

— Certo, Abi. Agora eu posso te ajudar.

Abi olhou para cima. O Guardiã da História ergueu o braço em direção ao galho, conseguindo alcançá-lo por muito pouco. Em meio à folhagem, Riq viu que o urso se aproximava, ainda com as orelhas para trás e sacudindo a cabeça.

— Usa o tronco, que nem eu fiz.

Abi ajustou as mãos no galho e enfiou o pé no tronco, mas seu sapato escorregou e ele acabou pendurado no galho, com as pernas se sacudindo no ar. O urso contornou a árvore, observando.

— Tenta de novo — disse Riq. — Chuta mais alto!

Abi tentou de novo, e desta vez conseguiu. Ele se ergueu até apoiar os cotovelos sobre o galho, deixando o resto do corpo pendurado. Seu rosto estava vermelho, e sua respiração, ofegante.

Riq se agachou e o segurou pelas roupas.

— Não solta. Tenta levantar a perna para eu pegar.

Abi gemeu e ergueu a perna. Riq se abaixou para agarrá-la, mas não conseguiu.

— Mais alto — ele pediu. O urso se aproximou ainda mais. — Mais alto, Abi.

O Guardião da Hist3ria soltou um gemido grave, que se transformou em um grunhido e depois em um rugido enquanto fechava os olhos e levantava a perna cada vez mais. Riq conseguiu segurar as calças de Abi, e depois disso foi f3cil pux3-lo at3 o galho e ajud3-lo a se levantar.

Os dois olharam para o urso. O animal contornou a base da 3rvore, sempre farejando o ar, se ergueu nas patas traseiras e cravou as garras dianteiras no tronco.

— Ah, 3 — Riq sentiu o des3nimo dominar seu corpo. — Verdade. Ursos sobem em 3rvores.

RIQ SE ENDIREITOU MELHOR SOBRE O GALHO, que balançava e estalava sob o peso dos dois. O urso-negro cravou as garras na casca do tronco e estava começando a subir atrás deles.

— Pois é — disse Abi. — Eles sobem *mesmo* em árvores.

— Vamos lá!

Riq passou para o galho seguinte. Uma vez em cima da árvore, a tarefa era mais fácil, pois eles podiam usar os outros galhos como uma escada. Abi estava se virando sozinho agora, todo ofegante. O urso, por sua vez, mantinha implacavelmente o ritmo da escalada.

Riq chegou ao galho que alcançava a grade de madeira da varanda. Ele a agarrou com uma das mãos, ainda se segurando na árvore com a outra. Em seguida soltou o galho e posicionou os pés no beiral da sacada. Depois disso, foi bem simples saltar o gradil. Ele só não sabia se Abi teria a mesma facilidade.

Ele se virou para o Guardião da História e estendeu a mão.

— Depressa! O urso está...

— Obrigado. — As pontas dos dedos de Abi estavam pálidas, tamanha a força que ele fazia para se agarrar à árvore. — Mas eu estou fazendo de tudo para não pensar no que o urso está fazendo ou deixando de fazer.

— Certo — disse Riq. — Desculpe.

Mas a verdade era que o urso estava bem perto. E suas garras eram compridas e ameaçadoras.

— Muito bem — anunciou Abi. — Acho que estou pronto.

— Então venha.

Riq estendeu um pouco mais a mão e Abi a agarrou como se os dois fossem disputar uma queda de braço. Estavam ambos um tanto suados, e Riq torceu para que o outro não escorregasse.

— Quando quiser — disse Riq.

O urso estava a apenas um galho de Abi.

O estudioso assentiu e respirou fundo.

— Certo, no três. Um. Dois. *Três!*

E pulou para a varanda. Com a ajuda de um puxão de Riq, o Guardião da História conseguiu apoiar os pés no beiral. Logo depois, porém, seus sapatos escorregaram.

— Abi!

Riq o segurou com todas as forças, mas sentiu um forte e doloroso puxão em seu ombro

quando o peso do Guardião da História quase o fez desabar por cima do gradil. Sentindo uma dor intensa, que se espalhou pelo braço todo, Riq deu um grito, mas não soltou a mão de Abi.

— Vamos lá — Riq falou, cerrando os dentes. — Você precisa me ajudar.

O Guardião da História estava pendurado por muito pouco e o urso chegou ao galho do qual ele havia acabado de sair. O animal cravava fundo as garras na árvore, arrancando pedaços de madeira. Será que ele conseguia saltar até a varanda?

A mão de Riq começou a escorregar.

— Abi, vamos lá, cara.

— Eu... estou tentando — garantiu o Guardião da História. — Só preciso... segurar na grade.

Aguentando firme a dor, Riq apoiou um pé contra o gradil e fez força para trás, puxando Abi um pouco mais para cima. A pressão sobre o ombro ferido era tanta que ele pensou que fosse desmaiar.

— Pronto!

Com a mão que estava livre, Abi conseguiu se agarrar à madeira. Ainda com a ajuda de Riq, ele se ergueu até dobrar a cintura sobre a grade. Depois disso, bastou deixar o corpo desabar sobre a varanda. Riq foi ao chão junto com ele, caindo de costas, e por lá permaneceu por um instante. A dor no ombro aliviou um pouco, mas ele sentiu outra pontada violenta assim que tentou movê-lo.

— O urso não parece muito disposto a pular para cá — comentou Abi.

Riq ergueu a cabeça, fazendo uma careta. O Guardião da História estava certo. O urso se deteve onde estava, olhando para eles. Riq apoiou a cabeça de volta no chão.

— Você se machucou — disse Abi.

— Meu ombro dói — esclareceu Riq.

— Posso dar uma olhada?

Abi se agachou a seu lado e apalpou todo o braço de Riq, até o ombro.

Riq se encolheu todo de dor.

— Está fora do lugar — falou Abi. — Mas eu posso pôr de volta.

— Vai fundo.

— Isso vai doer — avisou Abi. — Mas logo passa.

Riq levantou o outro braço e mordeu a manga da roupa. Ele fechou os olhos e assentiu.

Abi segurou firme o braço de Riq e se ajoelhou sobre seu ombro. Riq sentiu uma dor aguda e estonteante. Era como se toda a lateral de seu corpo estivesse se contraindo em um espasmo. Logo em seguida, ele sentiu um estalo. E então a dor passou.

— Pronto — disse Abi, e o soltou.

— Obr... — A voz de Riq falhou. — Obrigado.

— Imagina — rebateu Abi. — Eu é que agradeço por não ter me soltado.

Riq se sentou, piscando várias vezes, testando o movimento do ombro. Ainda estava dolorido, mas nada que se comparasse ao sofrimento terrível de poucos momentos antes. Ele se pôs de pé com alguma dificuldade.

— Certo. Agora vamos encontrar o vizir.



Abi o conduziu de sala em sala, sempre atento à presença de algum guarda. Até então, não tinham visto nenhum. O palácio parecia abandonado.

— Não entendo — comentou Riq. — Onde está todo mundo?

— Não sei — respondeu Abi. — Mas o vizir deve estar com o califa. A SQ está perto demais da vitória para deixar que ele suma de vista justo agora. Eles não vão correr riscos.

— Então onde está o califa? — questionou Riq.

Abi abriu um sorriso, como se tivesse acabado de perceber algo.

— Assim como o urso, ele deve estar em um lugar onde se sinta seguro. Venha comigo.

O Guardião da História caminhou sem hesitação, com Riq em seu encalço. Depois de percorrer um caminho sinuoso, os dois acabaram em um lugar familiar para Riq, bem perto do jardim onde os três haviam encontrado o califa antes.

— Está falando sério? — questionou Riq. — Ele está aqui? Com os mongóis prestes a invadir a cidade?

Abi confirmou com um aceno de cabeça.

— E devem estar todos lá com ele. Sua família. Seus guardas. Mas, assim como o urso, ele pode atacar, caso se sinta ameaçado.

— Então como vamos chegar até o vizir?

O sorriso largo de sempre voltou ao rosto de Abi.

— Vamos fazer com que o vizir venha atrás de nós. Faça tudo o que eu fizer.

Ele ergueu a cabeça e caminhou a passos largos. Riq fez o mesmo, e eles entraram no jardim.

O lugar não mudara muito desde a última vez, a não ser pela quantidade de guardas bloqueando o caminho. Eles formavam uma parede ao redor da tenda do califa. Quando Riq passou, um criado que parecia bastante assustado borrifou nele a mesma água de rosas da outra vez. Riq não conseguia acreditar no que via. Aquilo tudo era uma tremenda loucura.

— Mas o que está acontecendo... — O vizir apareceu cambaleando em meio aos guardas, mas se deteve quando os viu. — Como foi que...?

— A SQ não é a única que tem espiões e aliados — disse Abi. — Nossos homens também estão aqui. Inclusive neste jardim.

O vizir ficou boquiaberto, e olhou por cima do ombro.

— Esteja avisado — ameaçou Abi. — Nós vamos voltar para acertar as contas com você.

Abi virou as costas e saiu andando. Riq viu a expressão do vizir passar de medo para raiva. O agente da SQ começou a tremer.

— Vamos — Abi chamou Riq e, quando os dois emparelharam, ele sussurrou: — Continue andando tranquilamente. Mas esteja preparado para correr. Daqui a pouco o vizir vai se recuperar do susto.

Um instante depois, eles ouviram o grito do vizir:

— Peguem aqueles dois!

— Agora — disse Abi.

Eles saíram em disparada pelo palácio. Riq estava completamente desorientado, então se limitou a seguir o Guardião da História, que parecia saber exatamente aonde ia. Em uma olhadela para trás, Riq viu quatro guardas e o vizir em seu encalço.

— Você tem algum plano? — perguntou, ofegante.

— Estou bolando um — respondeu Abi. — Por enquanto, vamos continuar correndo.

Riq decidiu que era melhor elaborar um plano ele mesmo. Eles não dariam conta de quatro guardas mais o vizir.

Ao virar em um corredor, deram de cara com uma parede. Abi franziu a testa, como se estranhasse sua existência.

— Não era para isso estar aí.

— Mas está — disse Riq. — Vamos sair daqui.

Eles correram de volta, refazendo os próprios passos, e entraram em uma sala comprida e estreita, onde se depararam com o vizir e os guardas.

— Se vocês estão em um número assim tão grande — o vizir falou, quase sem fôlego —, então por que correram? — Ele se virou para os guardas. — Prendam os dois.

Nesse instante, porém, ouviu-se um rugido grave e ameaçador logo atrás dos guardas. Todos se viraram ao mesmo tempo para olhar — era um tigre. Imenso, duas vezes maior que o urso. Exibindo as presas, ele se deslocava para a frente com o corpo bem próximo ao chão, pronto para dar o bote.

— Corram! — gritou um dos guardas. Os quatro dispararam em direção a Riq e Abi, e quase os derrubaram ao passar.

O vizir ficou paralisado. O tigre rugiu tão alto que pareceu encobrir o alarido do exército mongol.

— Acho melhor nós corrermos também — sugeriu Abi, e Riq concordou.

Eles fugiram por um corredor diferente daquele escolhido pelos guardas, e ouviram o vizir gritar logo atrás:

— Esperem por mim!

Alguns metros adiante havia uma escadaria. Riq subiu pulando quatro degraus por vez, e eles chegaram a outra varanda. Aquela era mais estreita, sem gradil, e dava para um pequeno pátio. Os gritos de medo do vizir e o rugido do tigre ecoavam atrás. Riq olhou ao redor e viu uma tapeçaria pendurada na parede. Isso lhe deu uma ideia, e ele a arrancou de onde estava.

— Segura na outra ponta — ele disse para Abi.

Eles esticaram o tapete na frente da porta. Riq ouviu o som de passos na escada.

— Quando alguém bater no tapete, você larga — ele orientou.

Abi se posicionou melhor e fez que sim com a cabeça.

Riq tinha certeza de que seu ombro doeria um bocado depois daquilo.

Os passos e os gritos do vizir ficaram mais próximos, e o tapete se projetou de forma violenta para a frente. Abi soltou sua ponta, e o vizir saiu rolando pelo chão, mas conseguiu se segurar na beira da varanda. Logo em seguida apareceu o tigre, com um salto, e ao notar que

poderia cair cravou as patas no chão. No entanto, o impulso gerado pelo peso de seu corpo o fez deslizar pelo piso e, apesar de estar com as garras de fora, a queda foi inevitável.

Sem conseguir recuperar o equilíbrio, o vizir se agarrou à tapeçaria quando viu que iria cair, fazendo Riq gritar. Mas a dor de antes tinha sido pior. Pelo menos agora seu ombro não estava deslocado.

O vizir se segurou com todas as forças ao tapete, enquanto o animal, que aparentemente conseguira cair de pé, andava de um lado para o outro no pátio logo abaixo.

— Estou avisando! — Riq gritou para o vizir. — Tive que levantar o Abi o dia inteiro, não vou conseguir te segurar por muito tempo!

— Por favor! Não me solte!

— Onde está o dispositivo que você tirou de nós? — perguntou Riq.

— Está comigo! Bem aqui!

— Passa pra cá! — ordenou Riq.

— Está maluco? — o vizir falou com uma voz chorosa. — Eu teria que me soltar!

— Só uma das mãos! — rebateu Riq.

O vizir começou a chorar de maneira patética.

— Não consigo.

Os braços de Riq começaram a tremer. Ele estava dizendo a verdade: de fato, não aguentaria muito mais tempo. Mas não tinha intenção de deixar que o sujeito se tornasse comida de tigre. Ele só esperava que o vizir desistisse antes de ser obrigado a soltá-lo.

O tigre rugiu mais uma vez lá embaixo, sem tirar os olhos do vizir pendurado na varanda. O animal deu um salto para tentar agarrá-lo pelos pés, fazendo o homem soltar um grito de pavor.

— Da próxima vez ele pode pular mais alto! — gritou Riq.

— Tudo bem! — cedeu o vizir. Ele soltou uma das mãos da tapeçaria, ficando pendurado só pela outra, e sacou o Anel de dentro da roupa. Riq fez um sinal para Abi, que foi até lá e tirou o dispositivo da mão do vizir. Assim que entregou o Anel, o vizir voltou a se segurar com as duas mãos.

— Obrigado! — disse Riq, e olhou para Abi. — Me ajude a puxá-lo.

Juntos, eles puxaram a tapeçaria e o vizir de volta para a varanda. O homem beijou o chão antes de se levantar. Riq ficou olhando para ele, desconfiado.

— Pelo jeito os Guardiões da História têm princípios — comentou o vizir. — Mas eu não tenho.

Ele avançou sobre o Anel, que ainda estava na mão de Abi, e os dois começaram a brigar sobre a varanda estreita. Danificar o SQuare era uma coisa, mas eles poderiam acabar *quebrando* o Anel. Riq resolveu interferir no cabo de guerra, tentando soltar a mão do vizir.

O homem resistiu com todas as forças, obrigando Riq a abrir seus dedos um a um. Quando finalmente soltou o anel, o vizir perdeu o equilíbrio, e dessa vez não havia nenhuma tapeçaria em que se segurar. Sem poder impedir, Riq observou o agente da SQ despencar da varanda. Os gritos e rugidos vieram logo em seguida, mas Riq tentou não prestar atenção, e também não quis olhar.

Ele e Abi saíram da varanda e desceram as escadas. Em silêncio, os dois deixaram o palácio em direção à Casa da Sabedoria.

Riq havia feito sua parte, recuperando o Anel. Depois disso, só restava torcer para que estivesse tudo bem com Dak e Sera. O sucesso da missão dependia deles.

SERA NÃO TINHA IDEIA DE COMO FARIAM AQUILO. Não era difícil saber a direção em que precisavam ir — era só seguir os sons da batalha do outro lado do muro. Mas, com os mongóis ali fora, como ela e Dak chegariam a Hulagu? Com Guo Kan por perto, eles precisariam de algum disfarce.

— Hulagu tinha epilepsia — comentou Dak.

— Humm. — Às vezes ela achava difícil fingir interesse nas curiosidades aleatórias de Dak.
— Não sei como essa informação pode ser útil agora.

— Nunca se sabe — respondeu Dak. — Foi uma informação como essa que tirou a gente da prisão agora há pouco.

Sera não estava muito disposta a discutir com ele.

— Tá bom, Dak. Tá bom.

Eles caminharam pelas ruas vazias que dois dias antes estiveram entupidas de pessoas e camelos. Parecia que todos haviam fugido da cidade, ou estavam trancados em suas casas.

— O que está te incomodando? — Dak perguntou.

— Como assim?

— Qual é, cara. Você sabe do que estou falando.

Eles eram amigos havia muito tempo. É claro que Dak tinha percebido que ela estava incomodada. Sera sentiu um aperto no peito e respirou fundo.

— Certo.

— Certo o quê?

— Vou contar para você. — Ela parou no meio da rua e se virou para encará-lo. — Mas precisa ser um segredo só nosso, entendeu?

— Qual é o nível de confidencialidade? — ele perguntou, dando uma risadinha. — Você lembra? Que nem quando a gente...

— Estou falando sério, Dak.

Ele baixou a cabeça e olhou para o chão.

— Tudo bem. Desculpa. — Quando levantou a cabeça de novo, não estava mais sorrindo.
— O que é?

Ela esperou mais um pouco para se certificar de que Dak não faria nenhuma outra piadinha.

— Eu vi o Cataclismo durante uma das viagens no tempo.

Dak ergueu as sobrancelhas.

— Como assim? Você viu mesmo, com seus próprios olhos?

— Isso. Não foi uma alucinação. — Sera fechou os olhos, tentando afastar aquelas imagens de sua mente. — Eu estava lá.

— Mas como?

— Foi quando viajei no tempo com Ilsa. Não foi de propósito, mas eu fui para o futuro.

— Uau. — Dak sacudiu a cabeça. — Nem sei o que dizer. Isso é... pesado. Por que não contou antes?

— Porque foi terrível. Um horror. Nós podemos ter corrigido algumas Fraturas, mas o mundo ainda está condenado à destruição. O que a gente fez ainda não é suficiente. Acho que não falei sobre isso porque não queria desanimar vocês.

Dak assentiu, franzindo a testa de leve.

— E não é só isso, né?

Sera passou os dedos pelo cabelo.

— Não, não é só isso. — Ela sentiu um nó na garganta só de pensar no que estava prestes a dizer. Quando proferisse aquelas palavras, sua experiência se tornaria mais real. Mas ela se recusava a chorar. Nada de lágrimas. — Eu vi os meus pais também.

— Os seus... eles estão vivos?

— Estão — confirmou Sera. *Nada de lágrimas.* — Quer dizer, não. Eles morreram no Cataclismo.

— Não entendi.

— Acho que nós salvamos os meus pais, quando corrigimos algumas das Fraturas. Mas só isso não basta. Para salvar os dois de verdade, preciso impedir o Cataclismo.

— Nós precisamos impedir o Cataclismo — corrigiu Dak. — Estamos nessa juntos.

Sera respirou fundo.

— Eu sei.

Dak sorriu para ela, e por um instante era como se estivessem em casa de novo, sentados em sua árvore favorita. Antes de descobrirem a existência dos Guardiões da História e das Fraturas. Antes de tudo começar.

— Ei! — ele exclamou. — Acabei de pensar em uma coisa. Os seus pais podem estar vivos no presente. Agora mesmo. Você pode ver os dois quando a gente for buscar um novo Square!

Sera chegou ao seu limite. Não conseguiu mais segurar as lágrimas. Ao vê-la chorando, Dak pediu desculpas, mas o garoto não tinha feito nada errado. Sera já pensara a mesma coisa, muitas e muitas vezes, e aquilo a deixava tão feliz que ela não conseguia se conter. Era demais. Dak a abraçou e a apertou com força por alguns momentos, apenas pelo tempo necessário, antes de soltá-la.

— A gente vai salvar seus pais — ele garantiu. — E os meus também. Vamos salvar o mundo todo.

Sera limpou a garganta e enxugou as lágrimas na manga da roupa.

— Certo. É isso mesmo que vamos fazer. Então, mãos à obra.

Dak olhou ao redor.

— Acho que a Torre Persa fica para lá — ele apontou para o fim da rua. — É por ali que

Hulagu vai entrar na cidade.

— Então é para lá que a gente precisa ir — afirmou Sera.

Eles seguiram pela rua, os sons da batalha ecoando ao redor, cada vez mais próximos. Quando cruzavam com outras pessoas no caminho, os desconhecidos faziam de tudo para evitá-los.

Pouco tempo depois, chegaram a um daqueles arcos altos, em uma esquina. Um homem estava andando de um lado para o outro sob a construção. Era Farid, o vendedor de tapetes que os ajudara a escapar do fiscal do mercado.

Quando ele os viu, jogou as mãos para o alto.

— Pequenos *pirashki*! São vocês?

— Somos nós mesmos, Farid — disse Sera. — O que você...?

— Ah, eu quase perdi as esperanças! O homem e a mulher disseram que vocês viriam aqui, mas vocês não apareciam, e eu comecei a me perguntar se era isso mesmo que eles tinham dito. Pensei que estivesse esperando no lugar errado.

— Um homem e uma mulher? — Dak sentiu um frio na espinha.

— Sim — confirmou Farid. — Dois dias atrás, eles me deram dez dinares... dez dinares!... e me mandaram esperar aqui por vocês. Falaram que vocês viriam por aqui, e que eu deveria oferecer abrigo para os dois.

Sera prendeu a respiração.

— Dak, os seus pais.

— Eu sei — disse Dak. — Eles estiveram aqui.

— Então venham, pequenos *pirashki*, venham. — Farid os levou para longe do arco. — Vamos encontrar algum lugar seguro até tudo acabar.

Mas eles não tinham tempo para aquilo. Não dava para esperar até o cerco terminar.

— Farid — disse Sera —, nós agradecemos...

— ... a sua preocupação — interrompeu Dak. Ele chegou mais perto de Sera e murmurou. — A gente precisa confiar nos meus pais. Certo?

Sera pensou um pouco e concordou. Claro que eles precisavam confiar nos pais de Dak. Sendo assim, os dois seguiram Farid por várias ruas sinuosas, estreitas e largas, até chegarem a uma construção de aparência modesta.

— Minha casa — Farid destrancou a porta e os convidou a entrar.

O ambiente era escuro, mas os olhos de Sera logo se acostumaram. Estavam em uma espécie de saguão de entrada, e Farid os conduziu a uma outra porta, que se abria para um pequeno pátio. Havia plantas espalhadas em vasos grandes pelos cantos, e cada uma das paredes tinha uma porta. As escadas subiam pelas paredes e levavam a um segundo andar. Pela quantidade de cômodos, Sera concluiu que mais gente morava ali.

— Você tem família, Farid? — perguntou Sera.

Ele confirmou com a cabeça, perceptivelmente mais tranquilo do que estivera na rua.

— Sim, eu tenho. Mas mandei todo mundo para fora da cidade assim que descobri que os mongóis estavam a caminho.

— Por que você não foi junto? — questionou Dak.

— Eu não podia deixar minha casa e meus tapetes para trás — disse Farid. — Além disso, tenho certeza de que a cidade vai aguentar. O califa sabe o que faz, e as muralhas de Bagdá são bem resistentes. Os mongóis vão desistir do cerco e seguir em frente.

— Humm. É o que todo mundo espera. Mas é melhor estar preparado para o pior, de qualquer forma.

— Eu estou. Tenho água e comida de sobra. Aliás, vocês estão com fome?

Na verdade, Sera estava faminta, depois de vários dias sem se alimentar de mais nada além da comida insossa da prisão.

— Sim, estamos morrendo de fome.

— O que vocês querem? — perguntou Farid. — Não tenho nada cozido, mas posso providenciar pães, azeitonas, frutas, queijos...

— Queijos?

A empolgação de Dak fez Sera abrir um sorriso.

— Sim — disse Farid. — Venham, vamos comer, e depois vocês podem descansar.



A comida de Farid era deliciosa, e sua hospitalidade e simpatia deixaram Sera bem à vontade, a ponto de quase esquecer que estava em uma zona de guerra. A garota não sabia por que ela e Dak estavam ali, nem quanto tempo deveriam ficar, mas decidiu esperar um pouco para ver o que acontecia.

Dak não teve nenhum problema para aceitar essa ideia. Além do queijo, Sera imaginou que aquele lugar também fazia ele se sentir mais perto dos pais, pois estavam ali por causa deles.

Quando escureceu, Farid acendeu algumas lamparinas a óleo. Sera concluiu que os dois deviam passar a noite ali. Se o objetivo da estadia não se revelasse no dia seguinte, eles voltariam às ruas para tentar descobrir sozinhos como corrigir a Fratura.

Ela não demorou a dormir na cama confortável que Farid preparou, e acordou no outro dia depois de um sono revigorante. Nem mesmo o ataque dos mongóis foi capaz de incomodá-la.

— É o quinto dia — Dak informou. Isso significava que, em dois dias, Hulagu estaria em Bagdá. — O que a gente faz?

— Não sei — disse Sera. — Pensei em ir embora hoje. — Mas ali eles tinham uma cama confortável e, já esperando pelo café da manhã, Sera começou a pensar melhor a respeito. — Só vamos conseguir falar com Hulagu quando ele estiver na cidade. Agora não vai ter jeito.

— Então você acha melhor esperar? — disse Dak.

— Acho que é isso que os seus pais queriam que a gente fizesse.

— Era isso que eu estava pensando.

Sera fechou os olhos de novo.

— Então vamos esperar.



O dia seguinte passou em um piscar de olhos. Sera e Dak comeram, dormiram, ouviram histórias maravilhosas contadas por Farid e jogaram xadrez para se distrair. O tempo todo, porém, Sera estava preocupada com Riq, e com o som distante do exército mongol. Em nenhum momento ela conseguiu relaxar.

Na manhã do sétimo dia de cerco, Sera acordou se sentindo ainda mais ansiosa. Aquele seria o dia em que Hulagu ia tomar a Torre Persa e entrar na cidade. Sera e Dak ainda precisavam encontrar uma maneira de falar com ele. Era hora de voltar para as ruas.

— Acorda, Dak — ela chamou, sacudindo o amigo.

Ele não abriu os olhos.

— Não.

— Dak, a gente precisa ir.

— Por quê?

— A gente tem uma Fratura para corrigir.

— Acho melhor ficar aqui até descobrir o que os meus pais querem que a gente faça — argumentou Dak.

— Mas a gente não sabe quanto tempo isso vai demorar — rebateu Sera. — Além disso, seus pais estão preocupados com a sua segurança, e não com a Fratura. A gente não tem muito tempo.

— Eu sei, mas...

Uma batida na porta da frente ecoou pela casa inteira, seguida pelos gritos de um homem:

— Farid! Vendedor de tapetes!

Sera e Dak se levantaram e foram até o pátio. Farid já estava na porta da frente. Antes de abrir a porta, ele olhou para trás e fez um sinal para que os dois se escondessem.

— Ah, senhor fiscal, que prazer inesperado tê-lo aqui na minha casa.

O fiscal do mercado?! Ele era da SQ! Como havia adivinhado que eles estavam ali? Isso não pode estar acontecendo, pensou Sera. Não depois de eles finalmente terem conseguido escapar do grão-vizir.

— Me poupe da sua bajulação — disse o fiscal do mercado. — Você sabe por que estou aqui.

Pequenos *pirashki*

DAK TENTOU CONTROLAR O PÂNICO que crescia dentro dele. O fiscal do mercado estava ali, tinha conseguido rastreá-los. Ou será que Farid os traíra? Dak não queria acreditar nisso, principalmente porque foram seus pais que os conduziram até ali.

— Sinto muito — respondeu Farid —, mas desconheço o motivo da sua visita.

— Vim confiscar seus tapetes — informou o fiscal.

— Confiscar meus tapetes? Mas por quê?

— Eles estão sendo requisitados por Hulagu Khan. — O fiscal falava de uma maneira esnobe e irritante, do jeitinho que Dak se lembrava. — Que, aliás, entrará na cidade em breve. Um palácio está sendo preparado para ele no lado leste da cidade, e o lugar precisa de tapetes. Dos seus tapetes.

— Fico feliz em oferecer meus tapetes a Hulagu Khan — disse Farid. — Só me dê um tempo para preparar a mercadoria.

— Vamos voltar em uma hora — avisou o fiscal. — Até lá, quero tudo pronto.

A porta da frente se fechou, e Farid voltou para o pátio. Dak e Sera saíram de seu esconderijo.

— Aquele salafário! — Farid esmurrou a palma da mão com a outra. — Meus tapetes! Para aquele general cruel?

— Por falar nisso... — começou Sera.

Dak se virou para ela. Os olhos de Sera brilhavam, como acontecia quando ela estava prestes a resolver um problema matemático dos mais difíceis.

— Você por acaso está precisando de ajudantes para experimentar seus tapetes? — ela perguntou. — Pela segunda vez, aliás?

Dak entendeu onde ela queria chegar. E era o plano *perfeito*.



Antes que o fiscal do mercado voltasse, Farid ajudou os dois a se enrolar nos tapetes e os posicionou em uma carroça junto com as demais peças que seriam entregues no novo palácio de Hulagu Khan. Ele atrelou um burro ao veículo, e o traseiro do animal acabou posicionado bem na frente de onde estava Dak, a poucos centímetros de seu rosto — e ele não podia mudar de posição. Por que aquela missão precisava envolver tantos animais de carga?

— Vocês estão certos disso, pequenos *pirashki*? — perguntou Farid. Ele parecia bastante

preocupado.

— Estamos, sim, Farid — respondeu Dak. Talvez se ele conseguisse erguer a mão e tapar o nariz quando fosse preciso...

— Obrigado por tudo, Farid — agradeceu Sera. — Espero que os dez dinares sejam suficientes como pagamento.

— Dez dinares? — Farid deu risada. — Isso é uma pequena fortuna! Mas eu teria ajudado vocês de graça. Vocês são bons meninos, e o fiscal do mercado é um sujeito da pior qualidade. Só queria saber por que estão fazendo isso.

— Nós já falamos — disse Sera. — E é um segredo que ninguém mais pode saber.

— Ah, aquela história sobre o *djinn* e o anel que faz as pessoas viajarem no tempo?

— Isso mesmo — confirmou Dak. Sua história parecera um pouco melhor ao ser contada pela segunda vez, para Farid. Fora uma maneira simples de explicar sua missão.

— Não se ofendam, mas um conto da carochinha como esse não é capaz de me tranquilizar — disse Farid.

— Pode acreditar — garantiu Sera. — Nós...

— Shh — interrompeu Farid. — O fiscal do mercado está vindo.

Eles ficaram em silêncio e, instantes depois, ouviram a voz do fiscal.

— Muito bem, vendedor de tapetes — ele falou. — Você tomou a decisão certa.

— Permita que eu transporte minhas mercadorias até o palácio do grande khan — ele pediu.

— Mas é claro — respondeu o fiscal do mercado. — Eu te acompanho.

Um instante depois, o burro zurrou, e a carroça começou a se mover, sacolejando pela rua. Dak permaneceu imóvel e em silêncio. Ele quase conseguia sentir a presença de Sera, enrolada no tapete ao lado. O veículo se movia tão devagar que Dak pensou que fosse enlouquecer. Ele não gostava de não poder ver nem saber o que acontecia ao redor.

Depois do que pareceu uma eternidade, a carroça parou, e o fiscal do mercado limpou a garganta.

— Hulagu Khan agradece sua contribuição, vendedor de tapetes — ele falou. — Por causa disso, sua vida será poupada. Você poderá ficar aqui depois do cerco e estará a salvo durante a pilhagem da cidade.

— O-obrigado... — disse Farid.

Dak se sentiu melhor ao ouvir aquilo. Ao ajudá-los, Farid acabou ajudando a si mesmo também.

— Deixe os tapetes aqui mesmo — ordenou o fiscal. — Vou mandar alguém buscar.

Aquilo não era nada bom.

— Hã... eu mesmo gostaria de cuidar disso — insistiu Farid. Ele parecia um tanto apreensivo. Mas talvez não a ponto de deixar o fiscal desconfiado. — Gosto de ver o lugar onde meus tapetes vão ser colocados, sabe.

O fiscal do mercado ficou em silêncio. Dak esperou ansiosamente pela resposta.

— Tudo bem. Isso me poupa um bom trabalho. Eles vão ficar na sala de audiências de Hulagu Khan.

— Excelente! — disse Farid, batendo palmas. — Isso significa que mais pessoas poderão ver meus tapetes.

— Isso mesmo. — O fiscal do mercado já parecia ter perdido o interesse no assunto. — Vá em frente. Tenho outros assuntos importantes para cuidar. Mas depois vou voltar para examinar tudo, e se notar algum produto de má qualidade não vou ficar nem um pouco feliz. Sou responsável por manter um alto nível tanto nos mercados de Bagdá quanto para servir o khan.

— Sim, *muh. tasib* — respondeu Farid.

Fez-se um longo silêncio, depois do qual Dak ouviu Farid suspirar.

— Estou levando vocês para a toca dos leões — ele comentou. — Acho que preciso até pedir perdão.

Em seguida, Farid descarregou os tapetes, um a um, no novo palácio de Hulagu. Houve períodos em que ele se distanciou de Dak e Sera, e os dois ficaram sozinhos na carroça, torcendo para que ninguém aparecesse para examinar os tapetes. Eles estavam loucos para conversar, mas não ousavam nem sussurrar um para o outro.

Por fim, Farid apareceu e falou:

— Muito bem, vamos lá. — Dak sentiu que Sera estava sendo erguida da carroça com um grunhido. — Puxa, que tapete pesado — Farid comentou com uma risadinha.

Dak sorriu. E então ficou sozinho. Totalmente sozinho.

Ele tentou ignorar o traseiro de burro que dominava sua visão e adivinhar onde estava, o que havia nos arredores. Talvez estivesse na rua. Ou então em um pátio. Dak começou a imaginar o que estava acontecendo. Onde estariam seus pais. Aonde teriam ido depois de dar o dinheiro para Farid. Se já estariam no lugar da próxima Fratura. Dak ficou curioso para saber aonde iria a seguir, e o que veria por lá. Seus pensamentos às vezes pareciam um trem descarrilhado: absolutamente incontroláveis.

Ele ouviu passos se aproximando, e se preparou para ser erguido no ar. Então, escutou alguém bufar.

— Ainda sobrou um tapete.

Ah, não! Aquilo não podia estar acontecendo. Dak prendeu a respiração. Era a voz do fiscal do mercado!

— Você aí! Guarda! Leve este tapete lá para dentro, para podermos esvaziar o pátio. Não quero nada aqui quando Hulagu Khan chegar.

Onde estava Farid? Dak começou a entrar em pânico.

— Sim, *muh. tasib* — respondeu o outro. Seus passos se aproximaram.

Certo, fica calmo, pensou Dak. Ele se fingiu de morto. Talvez o sujeito não percebesse e o carregasse lá para dentro. Dak relaxou todos os músculos do corpo, até a ponta dos dedos.

Ele foi agarrado por duas mãos e sentiu um apertão ao ser erguido da carroça.

— Ufa! — falou o guarda. — Que tapete pesado!

— Isso é bom — disse o fiscal do mercado. — Significa que é um tapete de alta qualidade. Farid trouxe o que tinha de melhor, e Guo Kan vai gostar muito. E, quanto mais satisfeito Hulagu estiver, melhor para nós. Leve isso lá para dentro, para a sala de audiências.

— Sim, *muh. tasib*.

Dak foi rolado para cima, provavelmente até o ombro do guarda. Por mais assustado que estivesse, e por mais disparado que sentisse seu coração, manteve o corpo todo mole, sacudindo um pouco a cada passo do guarda.

Instantes depois, o garoto ouviu vozes logo adiante.

— Meu... meu tapete! — era Farid. — Não precisava ter trazido. Eu mesmo podia ter descarregado a mercadoria.

— Foi o fiscal do mercado que pediu.

— O... fiscal do mercado?

— Sim, mas já que você está aqui, por que não leva você mesmo?

— *Sim!* — gritou Farid. — Quer dizer, sem problemas.

Dak foi rolado de novo, dessa vez para baixo, e posicionado em um ponto menos elevado. Dava perceber que estava no ombro de Farid.

— Esse é um tapete de alta qualidade — comentou o guarda.

— O-obrigado — respondeu Farid.

Dak ouviu os passos do guarda se afastando e ecoando no ar.

— *Pirashki?* — murmurou Farid.

— Estou aqui — respondeu Dak em um sussurro.

Farid soltou um suspiro de alívio e carregou Dak um pouco antes de colocá-lo no chão.

— Já estamos a sós — anunciou o vendedor, e desenrolou o tapete.

Dak continuou rolando por alguns metros, com os braços e as pernas moles. Depois, em uma mistura de estresse e uma necessidade extrema de relaxar, ficou deitado ali mais um tempo.

— Não sei se consigo voltar a me mexer — ele disse para si mesmo.

— Mas é melhor começar.

Ele ergueu o olhar para Sera.

— Hulagu vai chegar daqui a pouco.

Dak fez força para ficar de pé, e por um tempo os dois ajudaram Farid a dispor o tapete pelo espaço da sala de audiências. Dak pôde dar uma olhada ao redor pela primeira vez. O pé-direito da sala era alto, com pilares revestidos de azulejos azuis sustentando o teto abobadado. As janelas lá no alto permitiam a entrada de uma luz natural, dando um brilho suave ao ambiente. Havia alguns móveis de madeira encostados nas paredes — baús e armários provavelmente destinados a abrigar os tributos e presentes que Hulagu receberia. No final da sala ficava uma plataforma elevada, com uma cadeira toda ornamentada. Era o trono de Hulagu. Eles definitivamente estavam no lugar certo. E quase na hora certa.

Depois disso, e com mil discursos tranquilizadores, eles enfim convenceram Farid a deixá-los.

— Às vezes me arrependo de não ter ido dar uma espiada — comentou Dak.

— Em quê? — perguntou Sera.

— Na batalha da Torre Persa. Foi um momento histórico muito importante.

— Um momento histórico muito *violento*, você quer dizer — corrigiu Sera. — Não,

obrigada.

— Esse tipo de coisa acontece — disse Dak. — Coisas ruins *de verdade*. Imagina só quantas batalhas não foram disputadas aqui em Bagdá. — Ele sacudiu a cabeça. — E não só nos tempos antigos. Teve guerras modernas também. Acho que as pessoas evoluiriam um bocado se simplesmente parassem de repetir os próprios erros.

— Eu sei que coisas ruins acontecem — sussurrou Sera. — Mas já vi o suficiente em matéria de guerra para saber *exatamente* do que se trata, e não quero ficar vendo isso toda hora.

— Acho que você tem razão — concordou Dak.

Sera apontou para um ponto da sala.

— Tem um armário vazio bem ali. A gente pode se esconder e esperar.

Dak assentiu.

— Boa ideia.

SERA E DAK SE APERTARAM DENTRO DO ARMÁRIO E ESPERARAM. O cheiro lá dentro era de madeira e coisa velha. Eles sabiam que não faltava muito para Hulagu entrar na cidade e tomar posse de seu palácio temporário. Nesse momento, eles precisariam sair do esconderijo e, de alguma forma, tentar convencê-lo a não destruir a Casa da Sabedoria.

— Escuta só — disse Dak. — O cerco terminou.

Sera apurou os ouvidos. Ele estava certo. Os sons da batalha tinham parado. A cidade estava em silêncio.

— Agora não vai demorar muito — continuou Dak. — Hulagu... — ele se interrompeu, sacudindo a cabeça. — Esquece.

— O quê? — perguntou Sera.

— Nada. — Ele desviou o olhar. — Eu só ia aborrecer você com mais um fato histórico.

Sera sentiu uma pontinha de arrependimento pela maneira como vinha tratando Dak. Às vezes aquela mania de fatos históricos era bem irritante, mas ela gostava disso, porque era uma das coisas que faziam de Dak... Dak.

— Desculpa por tratar você tão mal ultimamente — ela falou.

Dak voltou a encará-la.

— Riq e eu meio que estamos descontando tudo em você. Normalmente eu te defenderia, mas acho que não estou sendo uma boa melhor amiga nos últimos tempos.

— Tudo bem — garantiu Dak. — Você viu os seus pais no meio do Cataclismo, e isso não deve ser fácil. Tá tudo bem. Tranquilo.

— Tem certeza?

— Claro — disse Dak. — E eu sei que às vezes sou irritante mesmo. Não consigo me controlar.

— Você gosta muito de história — falou Sera. — E isso não é defeito nenhum. Faz parte do seu jeito de ser.

Houve alguns instantes de silêncio antes que ela perguntasse:

— Então, o que você ia me contar?

— Bem — Dak abriu um sorrisinho —, era que...

Antes que ele continuasse, porém, os dois ouviram barulhos do lado de fora. O pisotear de muitas, muitas botas, e o burburinho de diversas vozes começou a cercá-los. Sera abriu uma fresta na porta do armário para espiar. A sala estava lotada de mongóis, mas havia gente de Bagdá também, circulando por ali, conversando, matando o tempo. Logo depois, todos

fizeram silêncio, e Sera sabia que nesse momento Hulagu tinha acabado de entrar.

Todos os presentes fizeram uma reverência até o chão, e Sera o viu andar com passadas largas e convictas. Usava uma armadura reluzente e chamativa, com um elmo cravejado de pedras preciosas e uma espada igualmente adornada na cintura. Atrás dele vinha uma fila de assessores, entre eles Tusi.

Hulagu subiu ao trono e se sentou. Os convidados permaneceram agachados enquanto ele percorria a sala com os olhos.

— Podem se levantar — ele disse por fim.

O que aconteceu a seguir parecia algum ritual, no qual generais e guerreiros vinham à frente e recebiam os elogios de Hulagu por algum feito notável no campo de batalha. Depois disso, eles trocavam presentes, que eram sempre alguma espécie de vestimenta. Os itens mais luxuosos, que representavam as maiores honras, eram chapéus e casacos que pareciam costurados com fios de ouro e enfeitados com pedras preciosas. Hulagu presenteava seu povo, e o povo o presenteava de volta.

— O que tá rolando aí? — perguntou Dak. Do ângulo em que estava, não tinha a mesma visão que Sera.

Ela tentou descrever o que via, e Dak balançou a cabeça, concordando, mas sem conseguir esconder sua frustração.

— Está tudo bem? — ela perguntou.

— Eu só queria entender o que está acontecendo — ele falou.

Sera sorriu. Aquilo era a cara de Dak: ele fazia questão de entender tudo e, para isso, costumava relacionar o que via com fatos históricos.

— Certo — ela murmurou, mais disposta a colaborar. — Agora tem um cara dando um casaco comprido para Hulagu, com um pavão bordado. E um monte de fios de prata.

Dak se recostou e escutou tudo com atenção. Aquilo durou muito tempo. Sera ficou entediada e começou a bocejar.

— Isso ainda vai longe — ela comentou. — O que a gente faz?

— Continua esperando?

Sera não queria esperar mais. Toda a missão dependia do que aconteceria ali. A ideia era aguardar até que Hulagu estivesse sozinho, mas a probabilidade de isso acontecer parecia cada vez menor.

— Acho melhor a gente falar como ele agora mesmo — ela disse.

— Agora? — Dak se endireitou. — Na frente de todo mundo?

— É.

Dak esfregou a cabeça com ambas as mãos.

— Tá bom. Certo, vamos lá.

Sera abriu a porta do armário, e eles saíram de fininho. Todos na sala estavam concentrados no khan e, a princípio, ninguém notou a presença deles. Os dois caminharam junto à parede, chegando cada vez mais perto do trono.

Mas então Sera acabou fazendo contato visual com um dos guerreiros, que cutucou o soldado ao lado. Este começou a encará-la, e depois chamou o sujeito à sua frente, que gritou:

— Vocês! O que estão fazendo aqui?

A atenção dos presentes se voltou para eles, e todos ficaram em silêncio. Sera considerou que, no fim das contas, aquela fora uma péssima ideia. Ela sentiu um frio na barriga. Será que Dak se sentia assim quando seus planos não davam certo?

— O que significa isso? — Um outro homem veio até eles com um olhar implacável e ameaçador. — Quem deixou essas crianças entrarem?

— Não sei, general Guo Kan — disse o guerreiro, fazendo uma reverência. — Só vi os dois se esgueirando em direção ao grande khan.

Então aquele era o Guardião do Tempo. Guo Kan. Quando ele se aproximou, reconheceu Dak imediatamente.

— Então você voltou — ele falou. — Gosto quando os prisioneiros voltam para a cela. Vejo que trouxe a garota, mas não o africano. Onde ele está?

— Derrotando o seu vizir, neste exato momento — respondeu Dak.

— Duvido muito — retrucou Guo Kan. — Mas vocês interromperam uma cerimônia importante. — A voz dele foi ficando mais áspera. — Por isso vou cuidar pessoalmente da sua punição.

— Tragam os dois até aqui!

Sera se virou para o trono, assim como todos os outros presentes. Hulagu estava de pé, olhando para eles. À sua espera.

Guo Kan ficou visivelmente aborrecido. Pelo jeito, ele não queria que Sera e Dak sequer chegassem perto do khan, mas não seria capaz de desobedecer a uma ordem de Hulagu.

— Sim, senhor — disse o general. Ele segurou Sera e Dak pelos braços e os arrastou para mais perto do trono.

Sera caiu de joelhos, fazendo uma mesura, e Dak repetiu o gesto.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Hulagu quis saber.

— Eles são espões, grande khan — afirmou Guo Kan. — Foram mandados para assassinar o senhor.

— Essas crianças? — questionou Hulagu. — Me assassinar?

— Acho pouco provável — falou uma voz tranquila bem ao lado do trono.

Sera ergueu o olhar e viu Tusi dando um passo à frente, com as mãos nas costas. Ela ficou chocada. Ele estava arriscando a própria pele para ajudá-los?

Tusi limpou a garganta.

— Minha leitura dos astros preveu uma visita inesperada à sua corte, grande khan. E o que pode ser mais inesperado que duas crianças? Acho que esses dois podem ser algum presságio, enviado a vossa majestade por motivos que só os deuses são capazes de entender. A forma como serão tratados pode ser de importância fundamental para o reino.

Hulagu olhou bem para Tusi.

— Entendo.

Tusi estava *mesmo* ajudando! Ele olhou para Sera com uma expressão impossível de decifrar. Seria raiva? Tristeza? Medo? Então voltou a falar:

— Eu precisaria consultar os astros outra vez, grande khan. Meu conselho é que nada seja

feito até que essa questão seja estudada com mais detalhes.

Hulagu se acomodou de volta no trono.

— Tudo bem. Foi a sua leitura correta dos céus que me trouxe até aqui. Mais uma vez, vou confiar em você, Tusi.

Tusi fez uma mesura.

— É uma honra para mim, grande khan. Posso conversar com os dois a sós?

Guo Kan ficou vermelho de raiva.

— Grande khan, devo dizer que...

— Sim — interrompeu Hulagu. — Podem conversar a sós.

Tusi encarou o general, que soltou Sera e Dak com a mesma brutalidade com que os segurara.

— Com sua licença, grande khan — falou Tusi. — Vou fazer isso agora mesmo.

— Sim, sim — disse Hulagu. — Pode ir.

Tusi fez outra mesura. Com um gesto, mandou Sera e Dak fazerem o mesmo, e eles saíram da sala de audiências por uma pequena porta lateral. Tusi os conduziu até um cômodo adjacente, e quando se virou para os dois sua expressão demonstrava toda a raiva que até então tinha controlado.

— Vocês têm ideia do que acabaram de fazer? — ele perguntou.

Sera ficou temerosa por um instante, mas logo se refez do susto. Eles não tinham feito nada errado. Muito pelo contrário. Quem estava do lado errado ali era Tusi.

— Tudo o que nós fizemos — respondeu Sera — foi para salvar a Casa da Sabedoria.

Tusi soltou um grunhido.

— Por que essa maluquice? Esqueçam a Casa da Sabedoria! Não existe nada que vocês possam fazer! E, para completar, vocês vêm aqui e arriscam a própria vida desse jeito, e eu ainda arrisco a minha para ajudar!

— Não foi nossa intenção pôr a sua vida em risco — afirmou Sera.

— Não mesmo — complementou Dak. — Ninguém pediu a sua ajuda.

— O general teria acabado com vocês se eu não tivesse interferido, podem acreditar. Ele não ficou nada feliz com a sua fuga anterior.

Dak deu uma risadinha de deboche.

— Ah, não?

— Não. Ele executou os soldados que deveriam ter impedido.

— Puxa.

O sorriso desapareceu do rosto de Dak.

— Mas não foi culpa sua — disse Tusi. — Vocês só não sabem com quem estão lidando. Guo Kan é cruel. E Hulagu não tem a mesma visão de mundo que vocês. É inútil tentar convencê-lo a agir de maneira racional.

— Mas você consegue! — insistiu Sera. — Você pode fazer a diferença!

Tusi fechou o punho e o esfregou contra a cabeça.

— Eu não posso. Isso não é da minha conta.

— Você está sendo egoísta — afirmou Sera. — Desde quando a ciência não é da sua conta?

E o conhecimento? Isso é a coisa mais importante do mundo. Vai me dizer que você não se importa?

Tusi abaixou a mão.

— Claro que me importo — ele disse em um tom mais sereno. — Desde que conversei com você no acampamento, minha consciência não me deixa dormir. Passei horas e horas pensando em como convencer o khan a preservar as bibliotecas, mas não há nada que eu possa fazer a respeito.

— Acho que eu sei o que podemos fazer — Dak disse.

Sera se virou para ele, e Tusi também.

— Pelo jeito, Hulagu confia bastante nas estrelas, certo? E do que você precisa para estudar os astros?

— Globos celestes, mapas, tabelas — respondeu Tusi.

— Certo — concordou Dak. — Mas o que você precisa *mesmo* é de um observatório. E um observatório precisa de quê?

Sera entendeu aonde Dak queria chegar. Era um plano brilhante.

Tusi também entendeu. Ela percebeu isso pelo sorriso que surgiu em seu rosto.

— De uma biblioteca — ele murmurou.

— Exatamente — confirmou Dak. — Você vai precisar de alguns livros. E eu conheço um lugar onde pode encontrar um *montão* deles.

Uma proposta perigosa

DAK ESTAVA COM TUDO. Primeiro, conseguira soltá-los da prisão, e depois convencera Tusi a ajudar, mostrando inclusive a maneira de fazer isso. Dak e Sera não precisavam fazer nada além de esperar Tusi convencer Hulagu a construir para ele um observatório equipado com os melhores livros de Bagdá.

— Vamos esperar até a manhã para conversar com ele — sugeriu Tusi. — Eu vou... consultar os astros. Mas posso adiantar que já tenho uma boa noção do que os astros vão me dizer.

— Aposto que no seu caso é sempre assim — disse Dak.

Tusi encolheu os ombros.

— Tenho muito mais interesse em prever os movimentos dos astros do que em descobrir o que essa movimentação significa. A primeira parte é ciência, a segunda é só uma questão de falar o que as pessoas querem ouvir. Agora é melhor vocês descansarem um pouco.

Dak tinha que admitir que estava bem cansado. Ele e Sera se acomodaram sobre umas almofadas que Tusi pedira para um servo trazer. Dak estava gostando cada vez mais daquelas camas de Bagdá. Quem precisa de colchões quando se tem almofadas?

Ele fechou os olhos e, em pouco tempo, já tinha pegado no sono.



Ele acordou ao som de gritos e teve um sobressalto. Logo em seguida, sentiu um par de mãos agarrá-lo por trás, imobilizando-o.

— Me larga! — Dak esbravejou e esperneou, mas não adiantou nada. Ele estava subjugado.

Olhando para o lado, viu outro homem fazer o mesmo com Sera. O general Guo Kan se aproximou dos dois.

Tusi brandiu o punho para ele.

— Como ousa desobedecer o grande khan?

— Já estou cansado de você se metendo nos meus assuntos, Tusi — disse Guo Kan. — Você pode até enganar Hulagu com suas crendices, mas nós dois sabemos que você é mais inteligente do que isso. Mas sei também que você só está tentando garantir sua sobrevivência, e por isso tem todo o meu respeito.

— O seu respeito não significa nada para mim — rebateu Tusi. — E eu não sou o único a me valer da superstição, não é mesmo, Semideus?

Dak notou o sarcasmo com que Tusi proferiu o apelido do general.

— Cada um aqui tem seu papel — disse Guo Kan. — E eu sugiro que você volte a exercer o seu, se quiser continuar vivo. Deixe as crianças comigo.

— Não posso fazer isso — afirmou Tusi. — Eles são só crianças.

— Mas são muito mais perigosos do que você imagina. — Guo Kan lançou mais um olhar implacável a Dak. — O que você falou para o khan estava certo, Tusi. Só não faz ideia do motivo.

— Solte-os agora — sugeriu Tusi — e mais tarde resolveremos tudo perante o khan.

— Para quê? — questionou Guo Kan. — Para você poder contar a ele sua leitura dos astros?

Dak tentou se soltar outra vez, mas o mongol que o segurava era forte demais. De nada adiantava chutá-lo nem pisar no seu pé. Apenas algumas horas antes, eles estavam muito perto de cumprir a missão. De repente, porém, estavam prestes a ver tudo ir por água abaixo. Como isso era possível?

Ele olhou para Sera. Ela estava chorando, e Dak sabia muito bem por quê. Para ela, o fracasso naquele momento significava muito mais do que antes. Ele precisava fazer alguma coisa. Por Sera.

Guo Kan estava tentando se livrar deles sem o consentimento do khan. Portanto, Dak precisava atrair a atenção de Hulagu. E torcer para que ele estivesse por perto.

Ele respirou fundo.

— GRANDE HULAGU KHAN! — seu grito ecoou pela saleta. E ele continuou, com todas as forças. — GRANDE HULAGU KHAN!

— Feche a boca dele! — ordenou Guo Kan com um sussurro.

O guarda tentou fazer isso, mas Dak mordeu sua mão e continuou berrando.

— GRANDE HULAGU KHAN!

Sera se juntou aos apelos, gritando com a voz aguda:

— HULAGU! GRANDE HULAGU KHAN!

Guo Kan ficou furioso e sacou a espada. Dak engoliu em seco. Ele não acreditava que o general fosse matá-lo ali mesmo. Mas também não duvidava.

Tusi deu um passo para trás e soltou uma gargalhada. Então começou a gritar também:

— MEU KHAN! SEU POVO ESTÁ EM PERIGO, MEU KHAN!

Guo Kan se virou para ele.

— Agora você foi longe demais!

Ele ergueu a espada.

— NÃO! — berrou Sera.

Tusi levantou a cabeça.

— Agora estou vendo que deveria ter ido ainda mais longe.

— Pois bem, então.

Guo Kan fez um movimento de ataque com a lâmina.

— ALTO LÁ!

A força daquele comando reverberou pelas paredes. Hulagu estava parado na porta. Dak observou a reação de Tusi e Guo Kan. O general deteve sua espada em pleno ar, a poucos centímetros do pescoço de Tusi.

— Guarde a espada — ordenou Hulagu.

Guo Kan baixou a arma e a pôs de volta na bainha.

— O que está acontecendo aqui? — o khan quis saber.

— Tusi e essas crianças estão conspirando contra vossa majestade, grande khan — afirmou o general. — Estou aqui para impedir.

— Não é verdade — retrucou Tusi. — Grande khan, foi o general que traiu sua confiança. Ele pretendia matar as crianças, apesar de vossa majestade tê-las entregue aos meus cuidados.

— Só enquanto esperava pela sua leitura dos astros — ressaltou Hulagu.

Tusi baixou a cabeça.

— Sim, é claro.

— E você já concluiu sua leitura? — perguntou Hulagu.

— Sim. Os astros me disseram que...

— Não confie nele, grande khan — alertou o general. — Ele só quer submeter a vontade de vossa majestade a seus desígnios.

— Não é verdade! — gritou Tusi.

— Silêncio! — Hulagu ergueu as duas mãos e se virou para Dak e Sera. — Talvez seja o momento de deixar nossos visitantes inesperados falarem por si.

Ele olhou para o soldado que segurava Dak.

— Podem soltá-los.

O guerreiro enfim libertou Dak, e o mongol que segurava Sera fez o mesmo.

— Obrigado, grande khan — disse Dak.

— A minha paciência é curta, menino — avisou Hulagu. — Por que vocês vieram aqui? E como conseguiram chegar tão perto do trono sem minha permissão?

— A história de como chegamos aqui é bastante longa — começou Sera. — Mas o motivo da nossa visita é muito, muito sério, grande khan.

— Então me diga. — Hulagu cruzou os braços. — E depressa. Minha paciência está chegando ao fim.

Sera olhou para Dak. Aquele era o momento de executar a missão. Precisavam convencer Hulagu. E Dak imaginava ter a estratégia certa para isso. Tinha a ver com uma pergunta que Riq lhe fizera em Bagdá:

Por que gostava tanto assim de história?

— Grande khan — começou ele —, este mundo é um lugar muito instável. A maioria dos acontecimentos é completamente imprevisível. Às vezes as coisas se tornam confusas, e fica difícil entender o que está realmente acontecendo. E eu não gosto disso. Gosto de entender tudo. E uso a história para me ajudar. Está tudo escrito. E consolidado. As coisas aconteceram e pronto. Isso me ajuda a compreender o que acontece no presente.

Hulagu parecia um tanto confuso, mas permitiu que ele prosseguisse.

— Nós recorreremos aos astros para isso, não é? Tudo no céu tem um padrão, segue pelo

mesmo caminho, noite após noite, ano após ano. E as pessoas procuram nos astros um conselho sobre o que fazer. Para entender melhor as coisas. Não é mesmo?

Hulagu olhou para Tusi.

— Sim, com a ajuda de um homem instruído.

— Pois então — disse Dak —, eu vim de uma terra distante trazer uma mensagem para vossa majestade.

— Quem mandou você até aqui? — perguntou Hulagu.

— Homens instruídos — respondeu Sera.

— E qual é a mensagem?

— É preciso construir um observatório — continuou Dak. — Um lugar onde os seus... homens instruídos possam estudar os astros, e fornecer conselhos mais fundamentados.

Hulagu se virou para Tusi.

— O que você me diz sobre isso?

— Estou de acordo, grande khan. Eu seria um conselheiro muito melhor se tivesse um local dedicado a observar os céus. Um observatório de verdade.

— E onde seria instalado esse observatório? — Hulagu quis saber.

— Ainda preciso procurar o local mais favorável, mas acho que a região ideal seria nas montanhas de Maragheh.

— Entendo — disse Hulagu.

— Eu me ofereço para esse serviço, grande khan — continuou Tusi. — Quero direcionar os esforços desse observatório para sua glória, sua longa vida e o legado de seu império.

Dak era obrigado a concordar com Guo Kan: Tusi era um mestre em garantir a própria sobrevivência. Ao que tudo indicava, ele escaparia ileso de tudo aquilo, pois Hulagu parecia concordar com a ideia.

— É uma proposta interessante — o khan declarou.

— Uma construção como essa é sempre muito dispendiosa — prosseguiu Tusi. — Já que estou criando essa despesa, posso dar uma sugestão para economizar recursos?

— Fique à vontade.

— Agora que Bagdá caiu — falou Tusi —, os frutos do conhecimento de suas muitas bibliotecas pertencem a vossa majestade, e estão prontos para ser colhidos. E o observatório do maior entre os homens merece uma biblioteca digna de seu nome.

Dak esperou ansiosamente pela resposta. Era o grande momento. A história estava prestes a ser reescrita. Esse pensamento reverberou em sua mente com mais força do que nunca. Ao ver tudo o que sabia ser alterado diante de seus olhos, ele enfim percebeu por que gostava tanto de história. No fim das contas, a história não era um fato consolidado. De forma nenhuma. Ele próprio estava interferindo em sua trajetória.

Mas, se não fosse a história, com o que mais ele poderia contar?

Hulagu se virou para Guo Kan.

— E você, o que tem a dizer?

Guo Kan tremia de raiva.

— Os seus homens lutaram com bravura para obter a parcela do tesouro de Bagdá a que

têm direito.

— Livros? — ironizou Hulagu. — Não é isso que meus homens querem.

Guo Kan ficou calado.

— Você tem alguma objeção à construção do observatório? — Hulagu perguntou ao general.

Guo Kan estava em uma posição muito delicada, isso era visível. O khan já parecia convencido. Se não fizesse nenhuma objeção, o general viraria as costas para seu compromisso com a SQ, e a Fratura seria corrigida. No entanto, caso insistisse no contrário, poderia atrair para si a ira de Hulagu. Dak esperou para ver o que o Guardião do Tempo faria, a qual de seus dois mestres ele de fato dedicava sua lealdade.

— Não acho que seja uma atitude inteligente — Guo Kan respondeu.

Hulagu fechou a cara.

— Então nós dois não estamos mais em sintonia. Além disso, você ergueu sua espada contra um conselheiro meu. Por isso, vai ficar preso até que eu decida sua pena.

Hulagu ordenou que os dois soldados aprisionassem Guo Kan. O general não parecia mais tão divino — ele enfim fora derrotado. O general entregou sua espada sem resistência, de cabeça baixa.

Depois que Guo Kan foi retirado da sala, Hulagu falou:

— Quanto a uma coisa meu general tem razão: meus homens estão impacientes, com sede de destruição.

— Eu só preciso de alguns dias — garantiu Tusi.

— Depois que o califa se render — disse Hulagu —, poderei segurar meus homens por no máximo três dias. É esse o tempo que você tem para colher seus frutos.

O tesouro enterrado

RIQ E ABI FICARAM ESPERANDO NA CASA DA SABEDORIA durante dias, sem receber nenhuma notícia de Dak e Sera. Várias vezes, Riq quis sair atrás dos dois, mas Abi não permitiu. Disse que ele precisava proteger o Anel do Infinito, que não podia de jeito nenhum ir parar nas mãos de Guo Kan. Riq cogitou a hipótese de deixar o dispositivo na Casa da Sabedoria, mas Abi argumentou que era arriscado demais. No fim, e com alguma relutância, o viajante do tempo se viu obrigado a concordar.

Por outro lado, ele estava desesperado para saber o que estava acontecendo e se sentia impotente. Caminhava de um lado para o outro o tempo todo. E sabia que seu verdadeiro medo era quanto ao que aconteceria quando aquela Fratura fosse corrigida. Riq passou horas com o Anel do Infinito nas mãos, simplesmente observando o dispositivo que tinha o poder de apagar sua existência.

No sétimo dia, os sons da batalha cessaram, e Riq foi para uma sala fechada e se sentou com o Anel do Infinito no colo. Ele precisou se esforçar para acreditar que Sera e Dak voltariam em breve.

— Tenho certeza de que eles estão bem.

Riq olhou para cima. Abi tinha acabado de entrar na sala.

— Eu sei.

— Mas não é só isso que está te perturbando, certo?

— Não — admitiu Riq.

— Então o que é?

Contar tudo para Abi parecia muito mais fácil do que para Sera e Dak.

— Eu baguncei minha própria árvore genealógica. Não sei nem se continuo existindo.

— Claro que você continua existindo — garantiu Abi. — O próprio fato de estar se perguntando confirma isso.

— Não é bem assim — rebateu Riq. — Eu só continuo existindo porque nós ainda estamos em trânsito. Nós três estamos sempre nos deslocando no tempo, e por isso não somos afetados pelas nossas próprias ações. Mas o mundo está mudando por causa das coisas que fizemos e, quando voltarmos para lá, não sei o que vai acontecer. Eu posso simplesmente desaparecer, como se nunca tivesse existido.

Abi ficou em silêncio.

— É um preço bem alto a pagar.

Riq soltou uma risada nervosa.

— Nem me fale. Alto mesmo.

— O que você pretende fazer?

— Não sei. — Riq remexeu o Anel do Infinito nas mãos. — Imaginei que poderia ficar em algum lugar no passado. Um tempo atrás quase fiz isso. — A imagem de Kisa surgiu em sua mente. Ele pensou no quanto tinha sido feliz ao lado dela. A sensação que experimentou quando se viram pela primeira vez, quase uma Reminiscência.

— E por que mudou de ideia?

— Eu tenho uma missão. Uma responsabilidade. E quero honrar os sacrifícios que tantas pessoas fizeram para chegarmos até aqui.

— É um motivo muito nobre — disse Abi.

— Obrigado.

— E que outra opção você tem?

Riq sacudiu a cabeça e franziu a testa.

— Voltar ao futuro e ver o que acontece. Ou *não ver* o que acontece.

— Não entendo muito de viagens no tempo — argumentou Abi —, mas tenho meus questionamentos. Você é apenas um produto do passado? Nada mais que isso? E as decisões que você toma no presente? Não valem?

Era uma pergunta profunda. E parecia muito importante.

— Acho que somos uma soma das duas coisas.

— Exatamente — concordou Abi. — Eu acredito que, mesmo que seu passado seja apagado, ainda existe uma parte de você aqui e agora, sendo nobre e sincero, preocupado com seus amigos e tentando honrar seus esforços. Para mim, isso torna a sua existência perfeitamente real.

Riq sentiu um nó na garganta. Ele engoliu em seco.

— Obrigado, Abi.



Na manhã seguinte, ele estava no pátio da Casa da Sabedoria quando Dak, Sera e Tusi entraram pela porta da frente. Ele sorriu e correu em direção a eles, e os viajantes do tempo se abraçaram. Havia muito sobre o que conversar, mas tempo nenhum para isso. Dak e Sera explicaram que Hulagu tinha concedido apenas alguns dias para que eles salvassem os livros da Casa da Sabedoria.

— O califa vai se render em quatro dias — informou Dak. — Hulagu falou que só consegue segurar seus homens por três dias depois disso.

— Não sei como você sabe quando o califa vai se render — disse Tusi —, mas acredito. Isso significa que só tenho uma semana para salvar o que puder.

Abi também estava por lá.

— E eu ficarei feliz em ajudar. Sei onde estão os livros mais importantes da Casa da Sabedoria.

Ele olhou para os viajantes do tempo e abriu um sorriso. Riq entendeu o que ele quis dizer

com aquilo. Abi se referia aos livros escritos por Aristóteles a respeito das Grandes Fraturas. Pelo jeito, a missão tinha dado certo. Os Guardiões do Tempo tinham sido derrotados. A Fratura seria corrigida.

— Nós conseguimos — ele falou.

— É mesmo? — respondeu uma voz bastante conhecida.

Riq se virou e deu de cara com o fiscal do mercado parado logo ali, acompanhado por meia dúzia de guardas, cada um segurando uma tocha. Horrorizado, Riq se deu conta do que eles pretendiam fazer. De uma forma ou de outra, a biblioteca seria destruída — se não pelos mongóis, pela própria SQ.

— Como você ousa? — questionou Tusi. — Hulagu Khan em pessoa garantiu a preservação desta biblioteca!

O fiscal do mercado abriu os braços.

— Por acaso ele está aqui para protegê-la? Porque só estou vendo algumas crianças e dois intelectuais aqui.

— Talvez seja suficiente — disse Abi. — Tusi, Guardiões da História, venham comigo.

Eles foram se afastando dos guardas, e o fiscal do mercado caiu na risada.

— Podem fugir. Fiquem à vontade! Enquanto isso, vamos pôr fogo neste lugar, cômodo por cômodo!

Os guardas se espalharam em diferentes direções, e em pouco tempo as chamas começaram a aparecer pelas portas ao redor do pátio. Quantos livros estavam em chamas? Quanto conhecimento seria destruído em um instante? Riq ficou enfurecido, mas não podia fazer nada quanto a isso.

— Venham! — disse Abi. — Por aqui!

Eles desceram um lance de escadas e chegaram a uma porta trancada a chave. Era uma fechadura bastante peculiar, com peças de latão giratórias e inscrições em árabe.

Abi começou a virar as peças.

— Mais uma invenção dos irmãos Banū Mūsā. É preciso saber o segredo. — Instantes depois, a fechadura fez um clique e a porta se abriu. — Vamos lá.

Riq sorriu. *Abre-te sésamo.*

Lá dentro, eles encontraram uma pequena sala com paredes de terra escavada, quase uma caverna, com outra porta na parede oposta. Espalhados pelo chão, havia vários baús.

— Aqui estão as obras de Aristóteles — informou Abi. — Eu as reuni assim que vocês chegaram, já prevendo que precisaríamos tirá-las daqui. E é isso que vamos fazer agora.

— Mas e a Casa da Sabedoria? — questionou Dak.

— Quanto a isso não podemos fazer nada — respondeu Abi. — Mas esses livros precisam sobreviver. E existem muitas outras bibliotecas em Bagdá, com centenas de milhares de livros. Vamos garantir que eles sejam copiados, para que suas palavras se espalhem por muitas outras bibliotecas do mundo.

Riq refletiu a respeito do que Abi estava dizendo e chegou à conclusão de que ele estava certo. Aquela era a única solução possível naquele momento. O mais importante era que agora eles poderiam corrigir a Fratura Fundamental, porque as obras de Aristóteles seriam

preservadas em outra biblioteca. Aquela pequena sala era a caverna de que o enigma falava, e os baús continham a história em seu resplendor.

— Vamos lá — ele falou.

Abi abriu a outra porta, que os levou para fora da Casa da Sabedoria, perto do rio. Uma pequena embarcação estava à espera, e eles a carregaram com os baús. Abi e Tusi subiram a bordo, e o Guardião da História usou os remos para posicionar o barco a favor da correnteza.

— Espere! — alertou Tusi. — E as crianças?

— Eles têm seu próprio barco, e um muito especial — informou Abi, com um sorriso. — Um que consegue navegar contra a corrente.

Riq, Sera e Dak acenaram para os dois estudiosos. Abi manteve o sorriso no rosto ao retribuir o gesto, mas Tusi parecia perplexo. Quando a embarcação alcançou uma distância segura da Casa da Sabedoria, Sera sacou o SQuare.

— Novas coordenadas — ela falou. — Me dá aqui o Anel.

Riq entregou o dispositivo. Enquanto ela o configurava, ele viu a fumaça se erguer no ar sobre a Casa da Sabedoria, e as cinzas serem carregadas pelo vento sobre suas cabeças. A destruição de Bagdá havia começado. No entanto, não seria mais uma destruição completa. Muitos dos livros e dos conhecimentos abrigados ali seriam salvos.

— Pronto! — anunciou Sera.

Os três seguraram o Anel do Infinito. Quando o dispositivo começou a vibrar em sua mão, e o mundo se desfez em uma chuva de faíscas, Riq pensou no que Abi havia dito.

Ele estava tomando as próprias decisões, no momento presente.

Aquilo tinha que valer para alguma coisa.



Epílogo

SERA PISCOU VÁRIAS VEZES.

A fumaça e o incêndio da Casa da Sabedoria não estavam mais lá, mas eles ainda se encontravam à beira de um grande rio. Só que, desta vez, certamente não era o Tigre, já que o leito era ladeado por árvores verdejantes. Era verão, e Sera sentiu na pele o impacto do ar quente e úmido. Os insetos zumbiam ao redor, e os sapos coaxavam na lama.

— Onde a gente está? — Dak quis saber. — Que rio é esse?

Sera conferiu o SQuare.

— O Mississippi. Estamos no verão de 1804.

— 1804? — Dak estava com aquele famoso olhar em seu rosto.

Sera sorriu.

— Sim, 1804. — Ela olhou para Riq, que parecia mais do que disposto a mandar Dak calar a boca. No entanto, desde a conversa que tivera com o amigo no palácio de Hulagu, Sera não se sentia mais tão incomodada com o entusiasmo de Dak. — Por favor, conta para a gente sobre 1804.

— Bom — Dak limpou a garganta —, foi o ano em que a expedição da Louisiana partiu de St. Louis.

Sera se lembrava de ter ouvido a respeito na escola.

— Que mais?

Dak ficou animadíssimo.

— O presidente Thomas Jefferson tinha acabado de concluir a compra da Louisiana, que era um território imenso. Ele praticamente dobrou o tamanho dos Estados Unidos. Só que ninguém sabia o que havia por lá, por isso ele mandou uma expedição para explorar. Era para eles seguirem o curso do rio Missouri e encontrar uma rota para o oceano Pacífico.

— Mas não deu certo? — questionou Riq.

— Pois é — confirmou Dak. — Foi um desastre total. Ninguém conseguiu voltar vivo.

Os três se entreolharam. Era outra situação de vida ou morte — e desta vez no meio do mato, sem o conforto de um lugar como a Casa da Sabedoria.

Dak continuou:

— O que aconteceu com a expedição é um mistério. Jefferson ouviu todo tipo de boato a respeito do Oeste. Ele imaginava que havia mamutes por lá, e vulcões, e montanhas feitas de

sal.

— Os mamutes já estavam extintos há mais de quatro mil anos a essa altura — observou Sera.

— É verdade — concordou Dak. — Hoje nós temos esse tipo de informação, mas quando os exploradores desapareceram ninguém sabia o que pensar. Só dava pra afirmar com certeza que se tratava de um território perigoso, uma região que foi declarada proibida durante décadas. Jefferson caiu em desgraça, porque gastou um dinheirão na compra. O país inteiro ficou furioso, e ele não conseguiu se reeleger... — Dak se interrompeu.

— Que foi? — perguntou Sera.

— É que... — Dak franziu a testa, parecendo preocupado. — Não posso esquecer que agora tudo o que sei sobre história é questionável.

— Por exemplo? — disse Riq.

— Por exemplo, a expedição da Louisiana. E se não tiver sido um simples fracasso? E se foi *sabotada*? E se a SQ tiver interferido e arruinado de propósito a reputação de Jefferson? Não parece o tipo de coisa que eles fariam?

Sera olhou para o rio que corria tranquilo logo ao lado.

— Parece *exatamente* o tipo de coisa que eles fariam.

— Deve ter um forte em algum lugar aqui perto — informou Dak. — Camp Wood. Foi lá que a expedição começou para valer, nos arredores de St. Louis.

— Eu inseri as coordenadas com todo o cuidado — garantiu Sera. — A gente deve estar bem perto.

— Então é lá que a gente tem que começar — disse Riq. — Vamos dar uma volta por aí. E, hã, tomando muito cuidado com os ursos.

Os três começaram a margear o curso do rio, contra a corrente, avançando devagar por entre as árvores e arbustos. Os pássaros sobrevoavam as águas e cantavam sobre as árvores. Sera precisava admitir que, depois de uma temporada no deserto, era bom estar em um lugar tão cheio de vida. Mesmo sabendo que alguns animais por ali a devorariam de bom grado.

Eles não haviam caminhado muito quando Riq fez um sinal com a mão para que parassem. Ele apontou para um local mais adiante, e entre as árvores Sera viu a muralha de madeira de um forte. Parecia uma daquelas pinturas que retratavam a fronteira selvagem dos Estados Unidos. As toras estavam alinhadas bem próximas umas das outras, com as pontas afiadas como uma fileira de lápis gigantes.

— Acho que Camp Wood fica ali — murmurou Dak. Ele apontou para uma aglomeração de chalés e cabanas entre eles e o forte. — E aquela deve ser St. Louis. Era uma cidadezinha de nada nesta época, bem na fronteira da civilização.

Para Sera, por algum motivo, aquele lugar parecia sinistro.

— Você acha que existiam Guardiões do Tempo por aqui?

— Acho bem possível — respondeu Dak. — Se a SQ sabotou mesmo a expedição, eles devem ter agentes por aqui. A não ser que todos estejam viajando com Lewis e Clark.

Riq se virou para Dak.

— Lewis e Clark?

— Sim — confirmou Dak. — Meriwether Lewis e William Clark. Foram eles que Jefferson escolheu como líderes da expedição. Na última vez que foram vistos, estavam saindo de Camp Wood.

Riq deu uma risadinha.

— Quer apostar que a Fratura tem alguma coisa a ver com ajudar esses caras?

Sera pensou a mesma coisa. Estava na cara que havia alguma coisa errada por ali. Ela podia sentir isso no ar. Estava começando a se tornar uma Guardiã da História de verdade, com instintos apurados.

— Aposto que é isso mesmo — concordou Dak. — Mas a expedição saiu várias semanas atrás.

— Então é melhor a gente se mexer — aconselhou Riq.

Uma jornada por um território selvagem não deixava Sera muito empolgada. No entanto, por mais que os outros insistissem, ela *não usaria* um vestido ali, de jeito nenhum.

Foi quando ela viu algo que fez seu corpo gelar. Estava entalhado na madeira bem diante deles. E bordado em bandeiras e sacos de grãos e cereais.

O símbolo da SQ estava *por toda a parte*.

A SQ não tinha só um agente em St. Louis. Ela controlava a cidade inteira.

MATTHEW J. KIRBY é autor de *The Clockwork Three e Icefall*, vencedor do prestigioso Edgar Award em 2012. Nasceu em Utah e trabalhou como psicólogo escolar, mas atualmente escreve em tempo integral em sua casa em Idaho, onde mora com a esposa.

Copyright © 2013 by Scholastic Inc.

Todos os direitos reservados. Publicado mediante acordo com a Scholastic Inc.,
557 Broadway, Nova York, NY 10012, EUA.

INFINITY RING e os logotipos associados são marcas e/ou marcas registradas da
Scholastic Inc.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Cave of Wonders

ILUSTRAÇÃO DE CAPA Michael Heath

DESIGN DE CAPA E MIOLO Keirsten Geise

PREPARAÇÃO Bárbara Prince

REVISÃO Larissa Lino Barbosa e Renato Potenza Rodrigues

ISBN 978-85-438-0139-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Dedicatória

Epígrafe

1 Caravanas e camelos

2 O enigma da caverna

3 Nas ruas de Bagdá

4 O fiscal do mercado

5 A Casa da Sabedoria

6 Rosas

7 O califa

8 O acampamento do exército mongol

9 A verdade sobre Tusi

10 O Semideus

11 O cerco dos mongóis

12 Aprisionados

13 Entre sedas e fechaduras

14 A fuga

15 O grão-vizir

16 Farid

17 Pequenos pirashki

18 Hulagu Khan

19 Uma proposta perigosa

20 O tesouro enterrado

Epílogo

Sobre o autor

Créditos